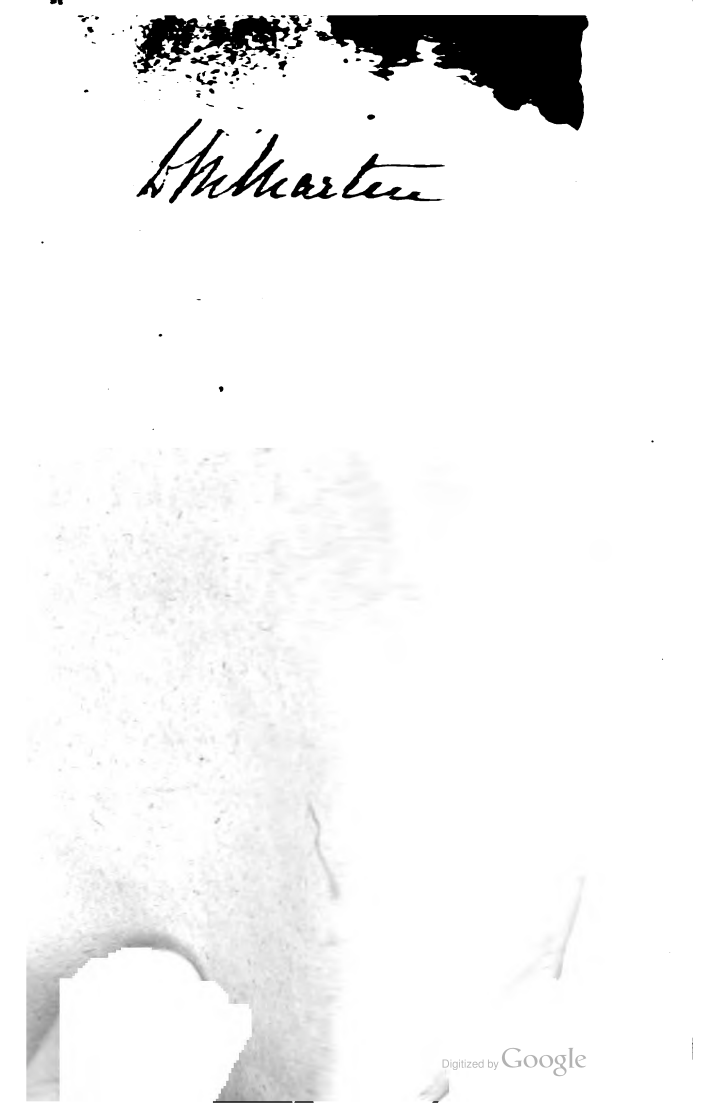
276 d. 1

H. 126

Digitized by Google


Digitized by Google

Digitized by Google

OBRAS POETICAS

DE

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO,

DEDICADAS

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

D. THOMAZ DE LIMA E VASCONCELLOS BRITO NOGUEIRA TELLES DA SILVA,

Viſconde de Villa Nova da Cerveira, Miniſtro, e Secretario de Eſtado dos Negocios do Reino, &c. &c. &c.

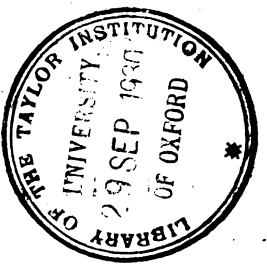
LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Meza Cenſoria, e Privilegio Real.

Digitized by Google



Digitized by Google

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

D. THOMAZ DE LIMA E VASCONCELLOS BRITO NOGUEIRA TELLES DA SILVA,

Viſconde de Villa Nova da Cerveira, Miniſtro, e Secretario de Eſtado dos Negocios do Reino, &c. &c. &c.

Digitized by Google

Digitized by Google

IL.L.mo E EXC.mo

SENHOR

SENDO a Poeſia hum dos grandes Monumentos, em que, a pezar da voracidade dos Seculos, ſe nos conſervão as memorias das brilhantes, e famoſas acções de tantos Heróes, que jazerião ſepultados no eſqueci-

men-

Digitized by Google

mento , ſe não tiveſſem havido Homero , Pindaro , Virgilio , Horacio , Camões , e outros , que com ſeus Poemas lhes immortalizárão os Nomes , incitando-nos ao meſmo tempo a imitarmos as virtudes , que os fizerão dignos de louvor , e a fugirmos aos vicios , com que a ignorancia corrompe noſſos corações. E ſendo igualmente certo , que a imitação deſtes Poetas he o mais ſeguro meio para com facilidade conſeguirmos eſta maravilhoſa Arte , ſeria huma eſpecie de desbumanidade negar á Patria , que tão anciosamente appetece o ſeu adiantamento , as Obras de meu Irmão Pedro Antonio Correa Garção , onde , con-

for-

Digitized by Google

forme a opinião dos Sabios, póde a Mocidade Portugueza achar muito em que inſtruir-ſe, aſſim na pureza, e graça da locução, como no ſublime dos penſamentos. Perſuadido deſte objecto, e não menos dos inceſſantes rogos de innumeraveis peſſoas, me reſolvi a dallas ao público. Porém como era preciſo buſcar hum Protector, cujo merecimento authorizaſſe o da meſma Obra, lembrei-me que V. EXCELLENCIA, tanto pela ſabedoria, de que he dotado, como pelo deſejo, que tem da utilidade publica, não recuſaria eſclarecer, e honrar com o Nome de Mecenas o Author deſte pequeno Volume. Digne-ſe pois V. EXCEL-

LEN-

Digitized by Google

LENCIA de o tomar debaixo da ſua Alta Protecção, e de acceitar eſte ſinal do reſpeito, e veneração, que lhe conſagra.

De V. EXCELLENCIA

O mais obſequioſo, e reverente criado

João Antonio Correa Garção.

Digitized by Google

AOS LEITORES.

A Obrigação, que nos foi imposta de recebermos a edição das Obras de Pedro Antonio Correa Garção, que furtivamente se pertendião dar ao público, desculpará a desordem, e os muitos erros, que nellas descubriráõ os intelligentes, e que não foi possivel comprehender na Taboa das erratas, e das emendas. Sendo as mesmas Obras bem acceitas, como esperamos, teremos o gosto, que hum dia appareção dignas do nome de seu Author, do desejo de seus Amigos, e da estimação de honrados Compatriotas.

Do-

Digitized by Google

Digitized by Google

DONA MARIA por graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar, em Africa Senhora de Guiné, &c. Faço saber, que Eu hei por bem fazer mercê a Dona Maria Anna Salema, viuva de Pedro Antonio Garção, do Privilegio excluſivo por tempo de dez annos, para que ſó ella, ou quem tiver faculdade ſua, poſſa mandar imprimir, precedendo a neceſſaria licença da Real Meza Cenſoria, a Collecção das Obras, que em Proſa, e em Verſo deixou eſcritas o ſobredito ſeu marido, debaixo das penas do perdimento de todos os Exemplares, que forem achados aos Tranſgreſſores, a beneficio da meſma viuva, e de duzentos mil reis de condemnação, ametade para o Denunciante, e a outra ametade para o Hoſpital Real de S. Joſé: E eſta Provisão ſe cumprirá, como nella ſe contém, e valerá, poſto que ſeu effeito haja de durar mais de hum anno, ſem embargo da Ordenação Livro Segundo, Titulo Quarenta em contrario. De que ſe pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que ſe carregárão ao Theſoureiro delles a fol. 288. do Livro Terceiro de ſua Receita, e ſe regiſtou o Conhecimento em fórma no Livro trinta e tres do Regiſto geral a fol. 302. A Rainha Noſſa Senhora o mandou por ſeu eſpecial Decreto pelos Miniſtros abaixo aſſinados do ſeu Conſelho, e ſeus Deſembargadores do Paço.

Tho-

Digitized by Google

Thomé Lourenço de Carvalho a fez em Lisboa a dezeſete de Junho de mil ſetecentos ſetenta e oito annos. Deſta quatrocentos e oitenta reis, e aſſinar mil e ſeiscentos reis.

Antonio Pedro Vergolino a fez eſcrever.

Antonio Freire de Andrade Enſerrabodes. *Joſé Ricalde Pereira de Caſtro.*

Por Decreto de Sua Mageſtade de 3 de Junho de 1778.

Antonio Joſé de Aſſonſeca Lemos.

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Officiaes quinhentos e vinte e oito reis. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

Dom Sebaſtião Maldonado.

Regiſtada na Chancellaria Mór da Corte, e Reino no Livro de Officios, e Mercês a fol. 316. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

Jeronymo Joſé Correa de Moura. Nada.

OBRAS

Digitized by Google

OBRAS POETICAS DE GARÇÃO. I

SONETO I.

Quem de meus verſos a lição procura,
Os farpões nunca vio de Amor inſano,
Nem ſabe quanto cuſta hum vil engano
Traçado pela mão da Formoſura.

Se o peito não tiver de rocha dura,
Fuja de ouvir contar tamanho dano,
Que a deſabrida voz do Deſengano
O mais firme ſemblante deſfigura.

Olhe, que ha-de chorar, vendo patente
Em tão funeſta, e lagrimoſa ſcena
O cadafalſo infame, e ſanguinoſo.

Verá levado á morte hum innocente:
E condemnado á vergonhoſa pena
O mais fiel amor, mais generoſo.

Digitized by Google

A Senhora D. Maria Joaquina de Guſmão e Vaſconcellos.

SONETO II.

LUtando com mil ſuſtos, mil pezares,
Com deſprezos, enganos, e rigores,
A teu roſto gentil, olhos traidores,
Templos lhe conſagrei, ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a mares
Degoſtavão as victimas Amores:
Ara cruel! ſuſpiros, mágoas, dores
Lançava em denſo fumo aos manſos ares.

Chegou Marilia de mudar-te o dia;
Têas, ſecure, pyra, vaſos, fogo
Tudo rompeſte, tudo aos pés pizaſte.

Triunfou, triumfou a tyrannia;
Mas a pezar do altivo deſafogo
Illeſa a fé, illeſo o amor deixaſte.

Digitized by Google

SONETO III.

EM magnifica scena a fantasia,
Entre festões de estrellas radiantes,
Teus angelicos olhos triunfantes,
Gentil Marilia, me mostrou hum dia.

O Sol de seus cabellos se esparsia
Por columnas, e frisos rutilantes;
Aos pedestaes atados mil Amantes,
Honesto riso suspirar fazia.

Movendo longas azas brandamente,
Voavão Esperanças, e Desejos,
Co' as Graças abraçadas, e os Amores;

Mas retinindo hum sino, de repente
A cortina cahio; males sobejos
Só mágoas vi depois, só vi temores.

Digitized by Google

SONETO IV.

OS antigos Poetas fabulando
Inſpirados por Deoſes ſe fingirão,
Com o Olympo ſonhárão, e mentirão
A falſos Numes torpes aras dando.

Eneas pio ao Bárathro levando
Ver Eliza outra vez lhe permittirão;
E humas ſombras, que ávidas o virão,
Memorárão o caſo miſerando.

Para honrar do ſeu canto a melodia,
Procurárão deſta arte engrandecella,
E quaſi forão tidos por divinos:

Eu mais fama darei á Poeſia,
Se hum inſtante ſonhar, Marilia bella,
Que são dos olhos teus meus verſos dinos.

Digitized by Google

A' mesma Senhora.

SONETO V.

CAntár Marilia ouvi tão docemente,
Que o coração, proſtrados os ſentidos,
Imaginou, que até pelos ouvidos
Seus olhos o aſſaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,
Quaes entrão n'alma os olhos ſeus movidos
Com formoſo deſdem, quando rendidos
Piza deſejos mil tyrannamente.

O poder milagroſo da harmonia,
Que no peito em triunfo campeava,
Na mão por palma os olhos ſeus trazia.

Eu, que ao Carro fatal atado andava,
Se era vella, ou ouvilla não ſabia,
Sei que os novos grilhões não eſtranhava.

Digitized by Google

A' mesma Senhora.

SONETO VI.

SE eu soubera, Marilia, que vivia
O doce Amor nos olhos teus formosos,
Em meus sublimes versos numerosos
O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orfeo co'a força da harmonia,
Dos ingremes outeiros pedregosos,
As altas faias, álamos frondosos
Para ouvir-me cantar desprenderia.

Não cuides que vans fábulas invento,
Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,
Do peito sinto o coração fugir-me.

Antes, se não me engana o pensamento,
Farei que o Mundo todo namorado,
Qual fiquei de te ver, fique de ouvir-me.

Digitized by Google

SONETO VII.

Cheios de espeça nevoa os Horizontes,
Espantosas voragens vem sahindo!
Foi-se o Sol entre nuvens encubrindo,
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a grossa chuva pelos Montes,
Os incautos Pastores aturdindo;
E engrossados os Rios vão cubrindo
Com embate feroz as curvas Pontes.

Com medonho estampido pavorosos
Os longos écos dos Trovões soando,
A rezar nos puzemos temerosos.

Parou a chuva; correm suçurrando
Os torcidos regatos vagarosos;
Não me atrevo a sahir, fico jogando.

SO-

Digitized by Google

SONETO VIII.

SE, Beliza gentil, pudéra crer-te
Expoſto a todo o mal, todo o tormento;
Eſperára, voando o penſamento,
Com ſuſpiros, e lagrimas mover-te.

Ouſado commettêra, em fim, render-te
Sem a pena temer do atrevimento,
Pois para ter deſculpa o meu intento,
Baſtava ſer a cauſa ſó querer-te.

Mas vivo tão cortado de deſgoſto,
De deſprezos, traições, e tyrannias,
Que ſonho cuido ſer quanto deſejo.

E nem á luz de teu ſereno roſto,
Com que meus triſtes olhos alumias,
Poſſo crer que te vejo, ſe te vejo.

SO-

Digitized by Google

SONETO IX.

AO ſom da Fonte-ſanta, que corria
N'alva borda do tanque debruçado,
De canſados deſejos, já canſado,
O triſte Coridon adormecia:

Em doce ſonho imaginando via
De Beliza gentil o roſto amado,
Que na trêmula vêa retratado
Dos olhos cobiçoſos lhe fugia.

Os torpes braços ſem ceſſar movendo,
Em vão aperta a limpida corrente,
Em vão lhe eſtá com lagrimas dizendo:

Se folgas de que morra hum innocente,
Porque foges de mim, Ninfa, ſabendo
Que Amor me mata, quando eſtás preſente?

SO-

Digitized by Google

SONETO X.

QUal a manſa Novilha, que innocente
Pelas pontas de louros enramada
A duro ſacrificio vai puxada,
Sem temer a ſecure reluzente:

Só conhece que morre, quando ſente
O frio gume na cervíz cravada,
Então; mas tarde já, deſenganada,
Ao Ceo ſe queixa da malvada gente!

Taes, Beliza cruel, a teus ouvidos
Voão meus rudes innocentes verſos,
Sem merecer deſprezos, nem rigores;

Quando os virem porém enſurdecidos,
Quando forem pizados, e diſperſos,
Debalde eſpalharão triſtes clamores.

Digitized by Google

A' Senhora D. Maria Caetana de Sousa Seyão.

SONETO XI.

AMor, que mil cilladas me traçava
Lá de trás de huma verde gelozîa,
Com hùns pequenos olhos me feria,
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinio a fréxa, que voava,
Já roto o pobre coração sentia;
E o sangue, que das vêas me corria,
Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo
Arrancar da ferida os passadores;
Cravados dentro n'alma me ficárão.

E desde então, que sempre os olhos vejo,
Esses olhos pequenos, e traidores,
Que pàra me matar, me não matárão.

Digitized by Google

A Senhora D. Elena Filippa Xavier Navarra.

SONETO XII.

Comtigo, Lydia, morão os Amores,
Morão as Graças, Lydia na verdade,
Que no reino de Amor a liberdade
Sempre viveo fujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores,
Amor as armas tem na claridade;
Como ha-de voar livre huma vontade
Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguem solto se vê, se chega a ver-te;
Por mais livre que traga o pensamento,
Ha-de amar-te, servir-te, e obedecer-te.

Negar o captiveiro não intento;
Pois inda que quizera não querer-te,
Nunca livre me vira, nunca izento.

SONETO XIII.

E Spargindo dourados reſplendores
De teus annos, angelica Maria,
Naſce o ditoſo, o ſuſpirado dia,
Dia das Graças, dia dos Amores.

Juncada a terra de orvalhadas flores,
Em ſinal de prazer, e de alegria,
Das frautas alternando a melodia
Trávão corêas Ninfas, e Paſtores.

Pelas concavas fragas retinindo
O brando ſom de verſos ſonoroſos
Teu nome eſtão os montes repetindo.

E os Satyros campeſtres cobiçoſos
De ver os olhos teus, teu géſto lindo,
Se pendurão dos álamos frondoſos.

SO-

Digitized by Google

SONETO XIV.

AMigo Frei Joaquim, assim te eu veja
Vigario de Pondá, ou Taprobana,
Assim voltes a barra Tagitana,
Que para seu cachopo te deseja.

Assim permitta o Ceo, assim proveja,
Que farto de charão, e porçolana,
Tragas veste, calção de linha Ousana,
Por Soli-Deo na tóla huma bandeja.

Assim Naire montado n'um Camêlo
Arrastando as gualdrapas pela rua,
Passees por Lisboa a passapello.

Assim digas, assim por vida tua,
A quem sabes que adoro com disvelo,
Que est'alma dantes minha, agora he sua.

Aos

Digitized by Google

Aos Annos do Coronel de Artilheria Frederico Weinholtz.

SONETO XV.

COm foquete, lanada, e botafogo
Armado vi Amor; tinha haſteſtados
Em platafórma cem canhões dourados,
Com que ao Mundo fazia hum vivo fogo.

No ſerviço cruel, ſem deſafogo,
Fervião ſeus alígeros ſoldados;
As balas erão olhos magoados;
O eſtridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos dános;
Que he iſto? lhes bradei, Moços traidores?
Surrindo me reſpondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao géſto lindo, q' aos ardores
De Filis ſe rendeo, hoje faz annos;
Tão bom dia feſtejão os Amores.

SO-

SONETO XVI.

O Louro Chá no Bûle fumegando
De Mandarins, e Brâmenes cercado;
Brilhante açucár em torrões cortado;
O digite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas, alvo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato muito lavado;
O gado feminino rebanhado,
E o pisco Ganimedes apalpando.

A ponto a mezá está de enxaropar-nos,
Só falta que tu queiras, meu Sarmento,
Com teus discretos ditos alegrar-nos:

Sejão, ou caia chúva, ou berre o vento,
Não póde a longa noite enfastiar-nos,
Antes tudo será divertimento.

SONETO XVII.

DEpois de atar o pobre banco Algido,
Algido pescador do Tejo undoso,
Em quanto o bravo Noto procelloso
Revolve as negras ondas insoffrido:

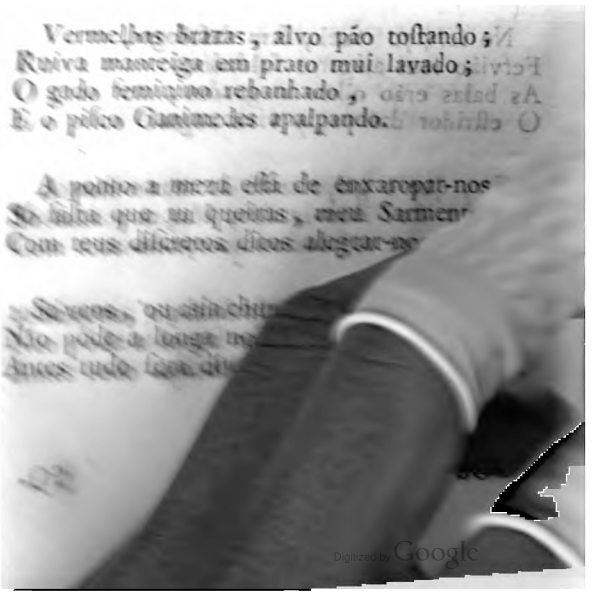
Entre limosas lagens recolhido,
De Dinamene o nome saudoso
Na liza boia de hum Chinchorro algoso,
Suspirando, entalhou co' anzol torcido:

Depois tres vezes o beijou, dizendo:
Quaes serenão teus olhos meus pezares,
Teu nome o mar serene: e ao mar o lança:

Súbito o Ceo azul se ficou vendo;
Desfaz-se a branca escuma pelos mares;
Adormecem os ventos em bonança.

SONETO XVI.

O Louro Chá no Bûle fumegando
De Mandarins, e Brâmenes cercado;
Brilhante açucar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

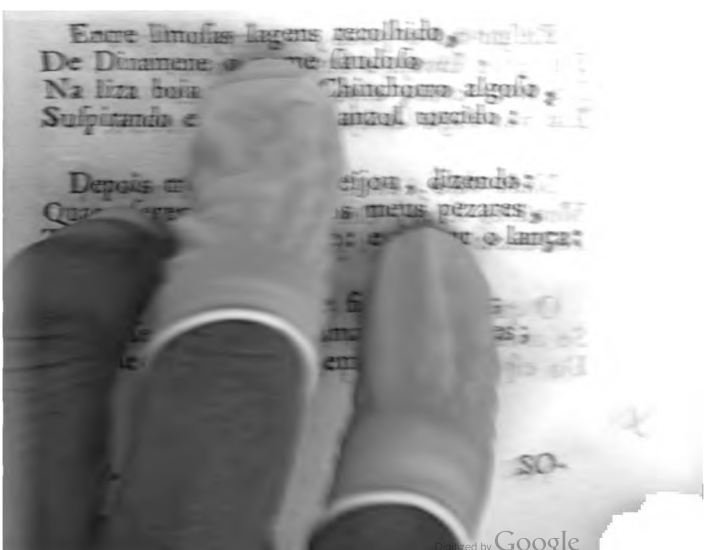


SONETO XVI.

Depois de atar o pobre barco Algido,
Algido pescador do Tejo undoso,
Em quanto o brave Noto procelloso
Revolve as negras ondas indifferido:

Entre limosas lagens recolhido,
De Dinamene o [illegible] sandoso
Na liza boia [illegible] Chinchorro algoso,
Suspirando e [illegible] anzol torcido:

Depois [illegible] eijou, dizendo:
Qua[illegible] os meus pezares,
[illegible] o lança:



[illegible]

SO-

Digitized by Google

SONETO XVIII.

VEjo na vasta scena do futuro
Do tragico Destino a face acceza!
E de Espectros cobrir a redondeza
O nebuloso Ceo, o Pólo escuro.

Rasgar-me o peito, e coração figuro
Da torpe Inveja a barbara fereza:
Da fome crua, esqualida pobreza
Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada valo, constancia, e soffrimento;
Monstros feros, Ceraftes assanhando,
Paciencia, e valor põem a tormento.

O que mais he, que a vida prolongando
Se cova, e nutre o meu entendimento
Do espectaculo feo, e miserando.

SO-

SONETO XIX.

N'Uma ſonora roda, que girando,
Deſmancha de ſeus raios a figura,
Com delicada mão de neve pura
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando
Co' a doce boca de rubim procura;
Mas Amor, que ciladas aventura
Em torno ao louro fio anda voando.

Pezados ſobre as azas meus Deſejos
O Capitão ouſado vão ſeguindo
Thé que a molhar o fio ſe inclinaſſe.

Bradou Amor; roubárão-lhe mill bejos:
Vê o triſte os ladrões ir já fugindo,
E pede-me que o furto lhe entregaſſe.

Digitized by Google

SONETO XX.

AO brilhante poder do ſanto fogo
De teus formoſos olhos vencedores,
Que do ſuave Tyrſe ſão ſenhores,
Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampares, gentil Clori, peço, e rôgo,
Se podem commover-te meus clamores,
A quem chora da Sorte os desfavores,
Sem que em lagrimas ache deſafogo.

O generoſo coração inclina
Do teu, e noſſo Tyrſe, a que ſe dôa
Da moſina, e miſerrima pobreza;

E qual Tyrſe na Cithara divina
Teu lindo roſto angelico apregôa,
Cantarei de tua alma a gentileza.

Digitized by Google

Ao Senhor Theotonio Gomes de Carvalho, Socio da Arcadia.

SONETO XXI.

ANte meus olhos anda Amor voando,
Não cruentos virotes eſpargindo;
Mas triſte, e magoado o roſto lindo
Lagrimas cryſtallinas derramando:

Não ouſado, e ſoberbo; humilde, e brando
Eſmola pede a terra mão abrindo:
Se lhe digo que eſpere; alegre, e rindo
Me vai mil eſperanças amoſtrando.

Metto a mão na algibeira, acho fó verſos;
De verſos, me diz elle, quem ſe veſte;
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem ſei que os Fados tens achado adverſos;
Mas pede a Theotonio que te empreſte
Hum Dobrão de ſeis mil e quatrocentos.

Ao

Aos Annos do Senhor Theotonio Gomes de Carvalho.

SONETO XXII.

SAlve formoſo Dia, alegre Dia!
Que os olhos viſte abrir a Tyrſe amado;
Sempre ſejas feliz, abençoado,
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que as tuas horas alumia,
Mil vezes torne ao Téjo prateado;
E o rôxo Sol no carro ſeu dourado,
Atropelle os Frizões da Noite fria.

Formoſo alegre Dia; pois nos déſte
Hum limpo coração, amparo, abrigo
Da eſpantoſa, miſerrima pobreza!

Que dadiva do Ceo não nos trouxeſte!
Ah! que hum amigo, e na deſgraça amigo
Não o póde fazer a Natureza.

Digitized by Google

Aos Annos do mesmo Senhor.

SONETO XXIII.

NÃo te direi que as Graças, q' os Amores,
Com suave prazer, doce alegria,
Salvando, cáro Tyrse, o teu bom dia,
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi, q' as Ninfas, q' os Pastores
Atroando a fragosa serrania,
Com singela, campestre melodia,
Cantão os annos teus, os teus louvores.

Com vozes mais sonoras, e pungentes,
Na choça estão de Corydon cantando
A triste Mái, os filhos innocentes:

Não ao som de aureas Lyras modulando;
Mas com devotas lagrimas ardentes
Pela vida de Tyrse ao Ceo clamando.

Digitized by Google

Ao meſmo Seubor.

SONETO XXIV.

NAo louves, caro Tyrſe, a rouca Lyra
Do rude Corydon, triſte forçado,
Que á toſte da Galé afferrolhado,
Se deſeja cantar, chora, e ſuſpira.

O laſſo penſamento nunca tira
Do duro remo, do grilhão pezado:
Se ſe lembra do ſeu antigo eſtado,
Attonito, e frenetico delira.

O mar a cada inſtante lhe apreſenta
Tragicas ſcenas de futuras mágoas,
Mergulhando entre as ondas a Eſperança:

E ſó tu, qual Santelmo na tormenta,
Sereno tornas o furor das aguas,
Lhe dás alegres moſtras de bonança.

SO-

Digitized by Google

SONETO XXV.

Cor. FAze versos, meu Tyrce, a linda Clara
Teus versos quer ouvir, teu doce canto.
Tyr. Mas que versos farei, que posſão tanto,
Que branda torne minha ſorte avara?

Cor. A luz dos olhos ſeus formoſa, e clara
Foi quem n'alma te deo fatal quebranto.
Tyr. São o doce veneno, são o encanto,
Com que Amor as cadeias me prepara.

Cor. Teus ais magoados, teus fieis ardores
Poderão abrandar tanta dureza:
Suſpira, que bem ouve os teus clamores.

Tyr. Se ſuſpiros abrandão a belleza,
Brandos eſpero ver, cheios de amores,
Os olhos, em que vive eſta alma preza.

Ao

Digitized by Google

Ao P. Francisco José Freire da Congregação do Oratorio, e Socio da Arcadia, mandando-lhe pedir tabaco Hespanhol.

SONETO XXVI.

QUaes as portas de Jano afferrolhadas
Onde preza mugia a Guerra dura,
O esfaimado nariz o coice atura
Do teimoso vaivem das más pitadas.

As pretas sobrancelhas carregadas,
Com torvo géfto, fêa catadura,
Sorvo, e torno a sorver; e a mão já fura,
Em vez de abrir as ventas desfloradas.

De balde o marrafão empurro, e metto;
Alojado na brexa o mormo groffo,
Com hum rodeiro maço atocha o taco.

O remedio será corno, ou espeto,
Se me não mandas já por esse môço
Do macio Hespanhol louro tabaco.

SO-

SONETO XXVII.

N'Uma Galé Mouriſca afferrolhado,
Ao ſom do rouco vento, que zunia,
Sobre o remo cruzando as mãos dormia
O laſſo Corydon pobre forçado.

Em agradaveis ſonhos engolfado,
Cuidava o triſte, que o grilhão rompia,
E que entre as ondas Lilia branda via
Talhar c'o branco peito o mar ſalgado:

De vella, e de abraçalla cobiçoſo
Eſtremeceo, tentando levantar-ſe,
E os fuzís da cadêa retinirão:

Acordou ao motim; e pezaroſo,
Querendo á rude chuſma lamentar-ſe,
Só mil ſuſpiros, ſó mil ais lhe ouvirão.

A'

Digitized by Google

A' Calva do Padre Antonio Delfim, amigo do Author.

SONETO XXVIII.

ERa alta a noite, a Lua prateada
Já no ſereno Ceo reſplandecia;
E a corrente do Téjo parecia,
De ferventes eſtrellas marchetada.

Então Canidia bella, deſtoucada
Deſcalço o lindo pé, filtros urdia,
Em torno de huma loiſa, que ſe abria
De medonhos Eſpectros rodeada.

Regougavão no cume dos outeiros
Esfaimadas Rapoſas; na Floreſta
Lhe reſpondião Môchos agoureiros.

Brama Canidia; e ós Lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delfim na teſta
De finado cabello alguns milheiros.

Digitized by Google

Ao Padre Delfim.

SONETO XXIX.

Foi-se embora o Delfim! Como ficamos?
Ah tyranno Delfim, que nos deixaste!
Comtigo o prazer, nosso nos levaste,
Por ti afflictos sem cessar chamamos.

Em vão cançadas lagrimas choramos:
Desta pobre choupana te enfadaste:
Depois que a nossos olhos te negaste,
Nem comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!
Da triste noite os funebres horrores
Inda fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!
Agua fervendo para nós he fria,
O Chá de mes mil reis, he Chá de dores.

Digitized by Google

A' Calva do meſmo.

SONETO XXX.

AO pellado Eliſeu a rapazia
(Enxâme de formigas inquietas)
Com apupos batendo-lhe palmetas:
Ergue-te, ó calvo, em chuſma lhe dizia.

O pobre com a capa ſe cobria;
E deitando a correr, as çapatetas
No calcanhar tangião caſtanhetas,
Cujo ſom pelas ruas retinia.

Aſſim, créca Eliſeu, Delfim Antonio,
Fugiſte de entre nós a paſſapello?
Parece que foi couſa do Demonio!

De cada vez te falta mais cabello:
Clerigo calvo, he Clerigo bolonio;
Mas ainda aſſim, tomáramos nós vello.

Digitized by Google

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXI.

Não se paga de versos a saudade,
Nem de relva se farta o manso gado;
O campo, que do gêlo foi crestado,
Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creião, se he verdade,
Que este Cirio te deve algum cuidado,
Não estejas em casa encoquinhado;
Foge, foge da mísera Cidade.

Estes campos te esperão com mil flores;
A Fonte santa seus crystaes desata;
Sem ti o nosso pranto se não seccan:

Desprezas o agazalho de Pastores?
Pois se de apparecer aqui não trata,
Fazemos-lhe requesta na Rebeca.

Digitized by Google

Ao fogo que houve em Alcantara n'um grande monte de tojo, alludindo á Calva do Padre Delfim.

SONETO XXXII.

Por entre crespas serras de enrolado
Negro fumo, o clarão se despargia
De hum incendio voraz, que á vista ardia
Do Dono da fogueira descorado.

Soavão crebros golpes do machado,
Com que a Mestrança intrépida batia:
A pezada caldeira retinia:
Estava immenso povo embasbacado.

Arrincavão as bombas sequiosas:
Marcha em fileiras a guerreira gente:
Nunca no Céo servio Luna tão alva!

Co' reflexo das chammas luminosas,
Brilha do Tójo a tumida corrente;
Qual brilha do Delfim ao Sol a calva.

Digitized by Google

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXIII.

Quem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo,
Olhos azues, as faces mui roſadas,
Caſtanhas as melenas eſtiradas,
E na burnida teſta hum pouco calvo?

Quem mo trouxer aqui a ſão, e ſalvo,
Certo, não perderá ſuas paſſadas:
Na verdade, que ha horas minguadas!
E deixei-o fugir? ſou hum papalvo!

Vai tu, Manoel, pergunta a toda a gente,
Se conhecem hum Padre rabugento,
Que goſta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como hum vento;
Vai prègar hum eſcrito a São Vicente,
E póe outro na rua de São Bento.

Digitized by Google

A' Calva do meſmo.

SONETO XXXIV.

COm a mão na rabiça, e co' aguilhada
O colono Villão os bois picando,
Abre o comprido rego, a terra arando,
Que quer de louro trigo ſemeada.

Depois de groſſas chuvas orvalhada,
Rebenta a verde cana levantando;
E no quente Verão, do vento brando
Suſſurra levemente meneada.

Então os encalmados ſegadores
Lanção por terra os eſquadrões viçoſos;
Da carnagem cruel nenhum ſe ſalva:

Aſſim andão Demonios malfeitores,
Ceifando nas cabeças de tinhoſos;
Aſſim Delfim a tua ſe fez calva.

Digitized by Google

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXV.

M.el APpareceo o Padre Antonio; eſtava
Eſcondido n'um cóvo de gallinhas;
Para caber metteo-ſe de gatinhas,
E nem que pinto fôra aſſim piava.

Eu. Quem? o Padre Antonio, que tocava
Diverſos minuetes, e modinhas,
Cuja calva em funções de Ladainhas
Entre cinzentas crôas alvejava?

M.el Eſſe meſmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado?
M.el Certo atraveſſador, que mui contente,
Entre capões o tinha pendurado;

Mas vio, que lhe dizia toda a gente:
Como eſtá manſo pelos pés atado;
Se o ſoltarem, vai dar a São Vicente.

Digitized by Google

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXVI.

TAmbem me lembra a mim, que já tiveſte
Mais cabello na calva luzidia;
E me lembro tambem, de q'algum dia
De vir comnoſco eſtar gôſto fizeſte:

Nem me eſqueço de quando nos tangeſte
(Por final que cigarra parecia)
A rebeca, que a todos atur dia
Até que coutadinho endoudeceſte.

Deſgraçado Delfim! Eras bom homem.
O mofino do moço deo-te olhado,
Foi o meſmo que ver-te Lobishomem:

Agora andas cumprindo com teu fado;
Só goſtas de comer o que elles comem,
Depois de digerido, e tranſmutado.

Digitized by Google

A' Calva do Padre Delfim.

SONETO XXXVII.

Por Ceraſtes, e Górgonas lançada,
Do mirrado Caſſinni á ſombra fria,
Paſſa do lago Averno a gritaria
Sobre as azas da Noite reclinada.

Das veneraveis Deoſas avexada
Teme não rompa ſedo o claro dia;
E acoſſada dos cães freme, aſſovia,
Tremendo a terra toda de aſſuſtada.

Silvada vaga aſſim de rua em rua,
E ao ſom medonho da infernal calceta
Subito quebra o ſomno mais profundo:

Vem buſcar do Delfim a calva nua
Para traçar o giro de hum Cometa,
Que ha de creſtar a grenha a todo Mundo.

Digitized by Google

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXVIII.

INda a vermelha Aurora ſomnolenta,
Os olhos esfregando, mal abria
A dourada Manhã, e a luz do dia
No Téjo ſe encoſtava macilenta.

Das nuvens o theatro repreſenta,
Iris formoſa, que fugir ſe via
Do ſocegado mar da Trafaria,
Triſte final da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, ſeis, e oito vezes
O inquieto Delfim por mim chamava,
Os lombos deſpegando-me do leito.

Fallou, tocio, tocou, e em taes revezes,
Quando cuidei que ſocegado eſtava,
Fez-me os verſos fazer, que tenho feito.

Ao

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXIX.

Qual saudosa Mái, que da ribeira
Bradando afflicta, em lagrimas banhada
Co' amado Filho, de quem era amada,
Vê da praia fugir a náo ligeira.

Tal nossa saudade verdadeira
De te não ver aqui desesperada,
Sente que da afflicção a alma cançada
Está chegando á hora derradeira!

Tristes, mudos, afflictos, e chorosos
Huns para os outros, nem se quer olhamos:
Que longos são os dias invernosos!

E se ás vezes as trombas levantamos
Pelo Padre Delfim, delle saudosos
Huns aos outros a medo perguntamos.

Ao

Ao Padre Delfim.

SONETO XL.

QHe delle o Cabeçáo do P. Antonio?
Onde tem o chapeo, mais a bengalla?
Franciſca, vê ſe podes apanhalla:
Fugir-nos ſe intentava, era bolonio.

Ora anda, rapariga do Demonio;
Eſpera, eſcuta, ſe reſona, ou falla:
Acordaſte-lo? Valha-te huma balla;
Pois perdeo duas Miſſas Santo Antonio.

Deos te ſalve, Delfim, muito bons dias:
Queres Chá, ou Café? A Miſſes Roſa
Tem ordem de fazer-nos as fatias:

Quanto eſta manhá freſca he delicioſa,
Quanto de Inverno ſáo as noites frias,
Para nós tua viſta he ſaboroſa.

Digitized by Google

Ao Padre Delfim.

SONETO XLI.

Amigo Padre Antonio, a Fonte-santa
Sem ti não vale nada: descontentes
Convidados, amigos, e parentes,
A todos má tristeza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! já me atarantа
Ouvir súpplicas tão impertinentes:
Huns dizem, que virás; outros, que mentes;
Que deixaste o bordão, que tezo canta:

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,
Magotes, e magotes de mulheres,
Humas assim assim, outras caraças:

Sége te mandarei, se sége queres;
Não te peço senão, que agora faças,
O que fizeste já n'outros Prazeres.

Ao

Ao Padre Delfim.

SONETO XLII.

AMigo, fallo sério, saudosos
Pelo nosso Delfim todos chamamos,
A's portas, e janellas perguntamos,
Que feito foi de ti, de ti queixosos.

Sempre os olhos trazemos lagrimosos,
E crestados do pranto que choramos:
A's mangas sem cessar nos assoamos,
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente
De teus velhos amigos, coitadinhos,
Que sem ti Sol não acháo, que os aquente.

Quaes piáo pela Mái os pintainhos,
Assim chama por ti toda esta gente,
Parentes, convidados, e vizinhos.

SO-

Digitized by Google

SONETO XLIII.

NA ſolitaria praia a ruiva arêa
Com a luz da manhã reſplandecia;
De inquietas eſtrellas ſe cubria
O fundo pégo, que ſonoro ondêa.

De branca eſpuma na cerulea vêa
O gado de Protheu ſulcos abria;
Glauco da barca as redes deſprendia,
O lanço conſagrado a Galatêa.

Mas ſuſpendeo as Chinxas aſſuſtado,
Vendo boiar do Téjo n'agua pura
O Coral rôxo, o Mûrice dourado.

Ouve huma voz bradando: „ Quem procura
„ Profanar eſte dia conſagrado
„ Da engraçada Cotina a formoſura?

Aos

Aos Annos da Senhora D. Maria Eufrasia.

SONETO XLIV.

PIzando mil estrellas radiantes
As celestes Virtudes vem descendo:
Com as candidas mãos crôas tecendo
De louro não, de immensos Soes brilhantes:

Em sonora cadeia de diamantes
O Tempo voador estão prendendo;
A' longa eternidade obedecendo
Quietos os aligeros Instantes.

Do fulvo Téjo as Ninfas q'admirárão
A luz, que pelas aguas se estendia,
Humas ás outras com prazer lembrárão,

Que as eternas Virtudes neste dia
Para habitar, dos altos Ceos baixárão,
No coração heroico de Maria.

SO-

Digitized by Google

SONETO XLV.

HOntem se foi daqui Nize formosa,
Nize nosso prazer, nossa alegria:
Tornou-se em fêa noite o claro dia;
Cubrio-se o Sol de sombra pavorosa.

Até a clara fonte saudosa
Inconsolaveis lagrimas vertia:
E a tarde, que mil ditas promettia,
Oh quão triste nos foi, quão amargosa!

Neste espanto fatal hum desgraçado,
Que por Nize em amor todo se inflâma,
De Nize tão cruel assim se queixa:

Se o Mundo todo fica tão mudado,
Quando foges de quem em vão te chama,
Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.

Aos

Aos Annos da Senhora D. Camilla.

SONETO XLVI.

DOze vezes o Sol com ſeus fulgores
De teus annos dourou, Camilla, o Dia;
E doze vezes cheios de alegria
Empennárão as ſettas os Amores.

Croada a Primavera de mil flores,
Pelos campos aromas eſpargia:
O meſmo Ceo de eſtrellas ſe cobria:
Brilhavão da Virtude os reſplendores.

Jazem na freſca relva os armentios;
E os Paſtores tocando nas avenas,
Modulão o teu claro naſcimento:

Murmurão brandamente os alvos rios;
Correm ſonoras fontes mais ſerenas:
Tudo reſpira em fim contentamento.

Digitized by Google

A huma Senhora, a quem o Author chamava sua Mãi.

SONETO XLVII.

Comigo minha Mãi brincando hum dia,
A namorar c'os olhos me enſinava;
Mas Amor, que em ſeus olhos me eſperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formoſa ria,
Porque incapaz do enſino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava,
Que ſuſpirar por ella já ſabia.

Em poucas horas aprendi a amalla:
Ditoſo ſe tal arte não ſoubera,
Não me cuſtára a vida não logralla.

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não ſoubera agora deſejalla,
Nem de tão louco amor enlouquecêra.

Digitized by Google

A Jeronymo Henriques de Sequeira.

SONETO XLVIII.

DOutor Henriques, o Garção doente
Vai-ſe achando peor, a febre atura;
A face cada vez eſtá mais dura,
Tratando mal de mim toda eſta gente:

Cuido que vejo a fouce reluzente
Na deſcarnada máo da Morte eſcura
Ante os olhos girar, e a má figura
Bem certa de vencer, moſtrar-me o dente.

Hum bando de atrociſſimos peccados
Rezenha eſtão fazendo em outra parte,
Terço de Tabareos mal encarados:

Que poderei fazer ſenão chamar-te?
Teu Nome, ſe me livras de cuidado,
Cantando eſpalharei por toda a parte.

SO-

Digitized by Google

SONETO XLIX.

Tres vezes vi, Marilia, de alva Lua
Cheio de luz o roſto prateado,
Sem que douraſſe o campo matizado
A linda aurora da preſença tua.

Então ſobindo á ſerra calva, e núa,
De hum ingreme rochedo pendurado,
Os olhos alongando pelo prado,
Chamava, mas em váo, a Morte crua.

Alli commigo vinhão ter Paſtores,
Que meus ſuſpiros fervidos ouvião,
Corrados do alarido dos clamores:

Tanto que a cauſa de meu mal ſabião,
Julgando ſem remedio minhas dores,
Por não poder-me conſolar, fugião.

Digitized by Google

SONETO L.

LAcaios, e mulheres, filhos, criadas,
Todas clamando eſtão pelas fogueiras,
Quaes gritão marafonas regateiras,
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão ſacudindo, deſpejadas
Lhe moſtro ſem pataca as algibeiras;
Ellas, que ſão ladinas, e matreiras,
Trazem papel, e pennas aparadas.

Que te eſcreva me pedem, que te peça
Para cabeças, ou barris dinheiro,
Que o Luiz irá lá a toda a preça.

Que remedio! Deſpacho hum caminheiro,
Pois temo, que me queimem a cabeça,
Ou me ponhão por maſto no terreiro.

SO-

Digitized by Google

SONETO LI.

JÁ de trás do casal vem resurgindo
O Pedro, e Fr. Joaquim; eis que da Fonte
Rebenta o bom Mardél no preto Etonte,
E co' chapéo na mão se vem já rindo.

Na janella apparece o rosto lindo,
Que não he justo, amigo, que tê conte;
Saltão os dous a terra, alli defronte;
As raparigas vão de cá sahindo.

Jaz Francisco Raymundo de barrete
Em trages de Confucio, ou de Mafoma,
Os gentis olhos baixa Aonia santa.

O Pedro corre a mão pelo topête,
Depois de cochichar o Chá se toma:
Eis-aqui o *Longroom* da Fonte-santa.

Digitized by Google

SONETO LII.

O

INda que abrindo a boca o Mar irado,
Os dentes moſtre em borboröes de eſpuma;
Ou nos abyſmos rapido ſe ſuma;
Ou caia das eſtrellas deſpenhado:

Inda que o Oceano denodado,
Co' grão Tridente dardejar preſuma;
E que o miſero corpo me conſuma,
De ceruleos Delfins ataſſalhado:

Inda que Europa, com fragor eſtranho,
Sumergindo-ſe ſeja a campa minha,
Servindo-me os Antipodas de laſtro:

Qual impavido Seneca no banho
Com os dedos fazendo tiſourinha,
Repetirei a hiſtoria de Alençaſtro.

Digitized by Google

SONETO LIII.

SE como tu, Amor, mandas, e queres
Que admire de Tyrcea a formoſura,
Igual á que me abraza chamma pura
Em ſeu peito invencivel accenderes:

Se em ſeus divinos olhos tu pudéres
Claros ſinaes moſtrar-me de ternura;
Se em vez de ingrata ſer, e ſer tão dura,
Que benigna me attenda, em fim venceres:

Então direi, Amor, que és poderoſo,
Que te he devida noſſa idolatria,
E que pódes fazer-me venturoſo:

Mas receio que Tyrſea ingrata, impía,
Cedendo a meu deſtino rigoroſo,
Deſtes ſuſpiros faça zombaria.

Digitized by Google

Ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO LIV.

A Fortunado Eneas, que sahiste
Da destruida Troia, carregado
Com o pezo feliz do Pai amado;
E assim as leis do sangue bem cumpriste.

Tambem nessa piedade resististe
Ao direito fatal do injusto Fado:
Se viste o patrio ninho destroçado,
Salvo, quem te deo ser, ditoso viste.

Os Penates, os Socios transportaste
Ao Lacio porto, aonde achaste abrigo,
Onde hum novo Paladio collocaste.

Eu provei mais cruel Fado inimigo:
A Patria vi arder: Tu a salvaste;
Mas eu perdi o Pai, perdi o Amigo.

Digitized by Google

A sua Mulher a Senhora D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema.

SONETO LV.

A O som dos duros ferros, que arrastava,
A Lyra de ouro Coridon tangia,
De Marcia o doce nome repetia;
Mas no meio do canto solluçava.

No rosto macerado, que enfiava,
O lagrimoso pranto reluzia;
E nos olhos, que aos altos Ceos erguia,
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,
Nem com ousado lenho arar intenta
O Pólo do futuro nebuloso:

Menos chora terrenos bens perdidos:
De pouco hum peito grande se contenta:
Antes quer ser honrado, que ditoso.

SO-

SONETO LVI.

CUjos Brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão ao ar subindo
Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil Elmos reluzindo;
Na forja a labareda está zunindo,
Impellida dos folles engelhados:

Crystallino suór alaga a testa
Do cóxo mestre; a calma dá officina
A' fresca Viração as azas cresta.

Forjavão huma ferta colubrina;
Eis entra Amor, e diz-lhe que não presta
A' vista dos bons olhos de Corina.

Digitized by Google

A' Morte de Felis Coutinho.

SONETO LVII.

Espirito gentil do Esposo amado,
Que sobre as azas de Virtudes santas,
Muito assima dos astros te levantas
Do miserrimo corpo desatado:

Ante o solio de estrellas recamado,
Já do grande Adonai o Nome cantas:
E do perpétuo dia não te espantas,
Que a nossos mortaes olhos he vedado.

Se o purpúreo semblante a nós volvendo,
(Nova Constellação resplandecente)
A terra, lá do Ceo, inda estás vendo;

Não te canses de nosso amor ardente,
Que este pranto, que vês estar correndo,
Que viva cá sem ti, me não consente.

Aos

Digitized by Google

Digitized by Google

Aos Fidalgos, que protegião o Theatro do Bairro Alto.

ODE PINDARICA I.

STROFE.

NÃo Arabico incenſo, ouro luzente,
Nem pérolas do Ganges,
Não tenho que offrecer-vos reverente:
Malhas, arnezes, punicos alfanges;
Mas ſoberbas Phalanges
De almos Hymnos Dirceos, q'immortaes tecem
Mil croas á Virtude, me obedecem.

ANTISTROFE.

Fuja o profano Vulgo, qual nos montes
O rebanho medroſo,
Quando vê fuzilar nos horizontes
O farpado coriſco pavoroſo,
Ouve o trovão ruidoſo,

Cor-

Digitized by Google

Correndo pelo valle se derrama,
E em seu balido o Pegureiro chama.

EPODO.

Nos mansos ares vejo
Já sobre as azas lucidas pezados
Meus fogosos Etontes, que banhados
No doce, flavo Téjo
Os freios de diamantes mastigavão,
Quando as Ninfas de rosas os croavão.

STROFE.

Esta, que afino Cithara famosa,
Deo-ma o Cysne do Ismeno,
Cujo canto em Elia victoriosa
Foi sempre ás Musas mais, q' ao Pindo ameno:
Com semblante sereno
A mão nas aureas cordas me firmava,
E ás Argivas Canções me acostumava.

ANTISTROFE.

Assim digno me fez do levantado
Assumpto magestoso,
A quem hoje me inspira a luz do Fado,
Que em meus versos lhe erija altar glorioso:
Brame o Tempo invejoso,
A fouce morda, e ameace danos;
Mas meus versos dominão sobre os annos.

EPODO.

Canto a Illustre, e clara

Des-

Digitized by Google

Deſcendencia de Heroes, que a Luſa terra,
Ou na dourada Paz, ou dura Guerra
Fizerão mais preclara:
Cuja fama em relampagos diffuza,
Ainda fulmina os campos de Ampeluza.

STROFE.

O heroico, e real ſangue vos inflâma,
Que regou derramado,
Louros, e palmas, que cultiva a Fama
Nos eſpantoſos montes do Salado.
O barbaro eſpantado
Deixa, fugindo á ultima ruina,
Arrazadas de luas a campina.

ANTISTROFE.

Que eterna gloria! Immenſa luz ſcintilla
Nas aras da Memoria!
Alli Farrobo vejo, e vejo Arzila,
Deſtroçados deſpojos da victoria!
Da Luſitana Gloria
Eſcravas gemem, moſtrão de horror cheias,
Ceuta, Larache, e Tangere, as cadeias.

EPODO.

Para ſurgir no Oriente,
Do patrio ninho impavida fugindo
Eſtá ſonoras vélas deſferindo
A brava Luſa gente.
Arando o Gama vai ſem temer Juno
Os inhoſpitos campos de Neptuno.

STRO-

Digitized by Google

STROFE.

De Albuquerques, Almeidas, Caſtros fortes,
Que feitos não pregôa
A honroſa tradição, que eſpanta a Morte,
Q'além dos tempos derradeiros vôa!
Aſia reſpeita em Gôa
O nome Portuguez, luzes divinas,
Que humilde adora nas ſagradas Quinas.

ANTISTROFE.

De tão honrados inclytos maiores,
Vós, Netos generoſos,
Do fado das batalhas ſois ſenhores:
Illuſtres cavalleiros victorioſos,
Eſpiritos brioſos
Vos inſpira o ardor que vos inflâma,
Té o grão Templo conquiſtar da Fama.

EPODO.

Mas já do batel pobre
Sinto a quilha gemer, o debil lado
Dos ventos, e das ondas açoutado
De alva eſpuma ſe cobre:
Remos não tem, não tem faroes, que o rejão,
De balde as vélas contra o mar fórcejão.

STROFE.

Tempo, tempo virá, que as deſprezadas
Mutas do patrio Téjo,
Por voſſas mãos benignas levantadas

No

No porto vão ſurgir, q' inda não vejo:
Então, então ſem pejo
Em grave ſcena adereçando a Hiſtoria,
Moſtrárão quanto póde o amor da gloria.

ANTISTROFE.

Calçando o humilde Socco, ao feio Vicio
A maſcara raſgada,
Hão-de enſinar no Comico Exercicio,
Como Verdade do alto Ceo mandada.
De roſas coroada
Sans máximas dictando ao povo rude
Eſpalhe os claros raios da Virtude.

EPODO.

O jugo vergonhoſo,
Os cepos, em que jazem prizioneiras,
Como eſcravas das Muſas eſtrangeiras,
Com animo brioſo
Deſejão ſacudir: ſerão louvadas,
Dignas então de vós, por vós honradas.

Digitized by Google

A' Senhora D. Maria Joaquina de Guſmão e Vaſconcellos.

ODE II.

PEleijei, peleijei (e não ſem gloria)
Nas barbaras, indomitas Phalanges
Do forte domador de humanos peitos
Inſano Amor potente.

A triunfal carroça acompanhando,
Angelicos cabellos ennaſtrados
Com Mirto, e roſas; de córado pejo
Os alvos roſtos tintos:

Mil garridas, mil candidas Licores
Vencedor me jurárão, me rendêrão
Do rizo, e do prazer, no Capitolio
Humilde vaſſallagem.

Mas o tempo voôu; agora manda
A nevada Prudencia, que amainando
As vélas enfunadas, ſurja o lenho
Em ſocegado porto.

Lav-

Digitized by Google

Larguemos pois altivos ardimentos
Os ſoberbos Troféos. Eia larguemos
Arraſtadas bandeiras, rotas armas,
Iliacas eſcravas.

Aqui neſte deſpido freixo annoſo
Fique a ſonora Lyra pendurada,
Qual no Templo ſuſpende o naufragante
Os humidos veſtidos.

Para ſer mais ſolemne o ſacrificio
Em vergonhoſo Cadafalſo queime
Arrependida mão Odes, Sonetos;
Eſpalhe o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,
Entre ſerras de fumo lance aos ares
O ſolto ſprito de meus verſos triſtes,
Q' em raio ſe converta.

Com medonho eſtridor deſça inflammado,
Os fragoſos outeiros abalando;
Aſſombre o peito de Marilia ingrata,
Da perfida Marilia.

Digitized by Google

Sendo convidado o Author para aſſiſtir a hum pouco de Ponche, que ſe havia de fazer no outro dia; elle quando veio trouxe eſta Ode. A Lydia com que falla, he a do Soneto XII. e a Marilia, a do Soneto II.

ODE III.

POis torna o frio Inverno, ſacodindo
Das eſtridentes azas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amavel Lydia,
Aqueçamos ao fogo.

Em quanto pelos montes, que branquejão,
As cryſtallinas cans d'annoſos troncos
Com os raios do Sol eſtão brilhando,
Quaes brilhão de Marilia,

Da travêſſa Marilia, os ledos olhos,
A' chaminé hum pouco nos ſentemos:
Já ſilvando entre ondadas labaredas
A ſecca lenha eſtála.

Converſemos, bebamos, murmuremos:
Comtigo as Graças vem, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume ſeccão
As orvalhadas pennas.

Os

Digitized by Google

Os froxos arcos bocejando largão,
E nas crueis aljavas reclinados,
Porque vélão de noite, somnolentos,
(Coutados!) adormecem.

Ferve o cheiroso Ponche, que desterra
A pezada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar solto o pensamento
Nas azas da Alegria.

Reluzindo na meza os crystaes limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos:
Ora bebamos, Lydia; deixa aos Astros
O governo dos Orbes.

Não queiras triste penetrar a densa
Caliginosa nevoa do futuro:
Não percas hum instante de teus dias;
Olha, que o tempo vôa!

Voão com elle nossas esperanças,
Castellos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa Scena da Fortuna
D' improviso se troca!

Apenas vi raiar hum doce rizo,
No angelico semblante de Marilia,
Dos olhos me fugio o lindo gesto
Que os olhos me levava.

Digitized by Google

Qual ſonhado theſouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah, Marilia cruel! que te cuſtava
Trazer-me neſte engano?

Voai, feri, Amores, eſſa ingrata;
Fazei-a ſuſpirar por quem lhe fuja:
Prove tormento igual a meu tormento:
Em vão, em vão ſe queixe.

Perdoa, Lydia, ſe blasfemo, e grito,
Que Ponche tambem faz dizer verdades:
He Marilia formoſa; mas ingrata...
Creio que o tempo muda.

A' Virtude.

ODE IV.

Ligado com asperrimas algemas
Ao rigido penedo;
Com hum agudo cravo de diamante
O peito traspassado;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano
Nas cavernas do Caucaso retumbão:
Porém constante, e forte
Não geme Prometheo; antes accusa
A Jupiter de ingrato:
Innocente se julga; á força impia
Não cede do Tyranno.
Assim, assim, a mísera pobreza,
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer huma alma grande,
Oh *Sousa* esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
Co' desabrido Alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido Varão, que do Destino
Próva os fataes revezes.

Co'

Co' a dourada Carroça o molle Eunucho
O pize, ou atropelle,
Não lhe inveja a riqueza: Que outrem lavre
Nas ribeiras do Téjo
C' os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda à cobiça.
Vente embora do Sul; cahindo açoite
Ao negro mar que brada.
O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacelo.
Espessa chuva de arida saraiva,
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa Serpe
Chegue ao seio cruel a triste Inveja;
E a perfida Mentira
C' os titubiantes beiços o crimine,
Rirá no Cadafalso.
Só dos delictos póde o vil remorso
Mudar-lhe a côr serena
Do tranquillo semblante: A mão potente
De quem o fez, só teme.
Os homens não recea, que a Virtude
O coração lhe anima,
E a consciencia sã, a fé intacta,
Os austeros costumes.
Não fantasticas honras isto ensinão.
Assim dourão a morte
Os Uticenses, Regulos, os Marios,
A pezar do sepulcro.

So-

Sobre as azas do Tempo assim passárão
As Lethargicas ondas
Do rio somnolento. Assim croado
De Gangeticas palmas,
O destemido Castro n' alta serra,
Que Templo foi de Cinthia,
Retirado vivia: a mão invicta,
Gloria, e terror da Asia,
Os silvestres arbustos cultivava,
Subjugando a vaidade.
Passe á Gineta o timido guerreiro,
Que com as armas limpas
Da batalha fugio espavorido;
Porque do sangue antigo
A arvore apresenta. Ainda que honrado,
O desvalido mostre
As rôxas cicatrizes das feridas,
Que soffreo pela Patria,
Dizia o grande Castro. O Lisongeiro
Estudando o segredo
De agradecer desprezos, não se affaste
Da falla do Ministro.
Alli dourando o Sol os altos montes
Na madrugada veja;
Alli o deixe a Lua, que vermelha
No horizonte mettida,
Estende os froxos raios pelas ondas;
Se com pública fraude
Ao miseravel Orfão a capella
Subnegar-lhe pertende.

Digitized by Google

Aſpire á Béca o julgador iniquo,
Q' aos olhos da Juſtiça
Roubou a ſanta venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos. Soffra, e buſque
A vergonhoſa Scena
Da ſubita cataſtrofe o Privado,
Que o roſto não conhece
Da Clara Fama, da Immortal Memoria,
Da Honra, e da Virtude.
Mas qual Marpezia rocha, hum peito forte
Não roga, não ſe abate.

Digitized by Google

A' Virtude.

ODE V.

O Conſtante Varão, que juſto, e firme
Da difficil Virtude ſegue os paſſos,
O pezado ſemblante do Tyranno
Não teme, não eſtranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
Soffra no potro aſperrima tortura,
Não perde a côr do roſto.

Em ſeveros coſtumes enſaiado
Préza mais a innocencia, do que a vida,
Fiel á Patria, ao Principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroſo eſtrondo ſe deſatem
Em vermelhos, coriſcos as eſtrellas;
Brote Volcões a terra; da ruina
Impavido não foge.

Aſſim Mário ſubio ao Capitolio,
Entre Aguias, e Lictores conduzido,
Com aſpecto ſereno; ainda que atadas
Ás rôxas mãos em ferros.

Na

Na preſença de Ceſar, e Conſcriptos
Fui, diſſe, fui fiel a Galba, e a Roma;
Confeſſo o meu delicto, ſe delicto
A' Virtude ſe chama.

As legiões Romanas teſtemunhas
Poderáõ ſer: Vós, Conſules, Tribunos
A verdade dizei. Dizei ſe Mário
Foi amigo de Galba?

Patricios, e Soldados do divino
Julio, as aras jurem ſe me virão
Sempre ao ſeu lado. Alli, alli Camurio
Alçou a mão traidora.

Eu vi o triſte Velho deſcorado
A garganta offrecer ao duro golpe;
E indo da Patria o nome repetindo
A grande Alma fugir-lhe.

Oh Ceſar! aqui tens de Mário Celſo
O crime, e a confiſsão: Romanos, Mário
Foi a Galba fiel! Vamos aonde
Eſtá o Cadafalſo.

Acabou de fallar: Conſules, Padres
Attonitos ficárão; porém Ceſar
De tão rara conſtancia namorado
Nos braços o recebe.

Ao

Ao Senhor Manoel Pereira de Faria, Socio da Arcadia.

ODE SAPHICA VI.

Vê, Silvio, como saçodindo o Inverno
As negras azas, sólta a grossa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa.

Na longa costa brada o mar irado
Sobre os cachopos; borborões de espuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agoa negrejão.

O frio Noto, rigido soprando
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba:
E o gado junto, pavido balando
Une os focinhos.

Com duro frio Coridon tremendo,
A rôxa face no çurrão esconde;
C'os altos soccos quebra a preza neve,
Corre á cabana.

Alli

Digitized by Google

Alli ajunta de podadas vides
Os ſeccos mólhos: aſſoprando accende
Pobre fogueira; aonde as mãos aquenta
C' os rotos filhos.

Pulão nos olhos lagrimas, que enxuga
Na groſſa manga, reprimindo forte;
Acerbas dores, reflexões pezadas,
Triſtes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,
A porta arranção dos moidos gonzos:
Corre aſſuſtado d'um fuzil q' o cega
A luz vermelha!

Vio eſpalhadas viboras de fogo:
Ouvio bramando, retumbar no valle
Os longos écos do Trováo, que abala
Os altos montes!

Vê-ſe partida do voraz corifco
A rica proa de hum Baixel Britanno;
Não lhe valendo cem canhões ſoberbos,
Que Nantes teme.

Rotas tremulão as Reaes bandeiras;
Rompem as ondas o infeliz coſtado:
Inutil pranto, triſtes ais levanta
A laſſa gente.

Ago-

Digitized by Google

Agora, dize, quem seguro vive,
Amado Silvio, da cruel Fortuna,
Se as altas torres, se as humildes choças
A Morte pizà?

Os aureos tectos, Doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos,
Servem de Espectros, Gorgonas, Ceraftes,
Na fatal hora.

Ao Beato Bernardo, Marquez de Baden.

ODE SAPHICA VII.

O Varão juſto, que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deſerto monte
Faz, que rebente cryſtallina fonte
Da árida penha.

No fundo valle ſua voz deſpenha
Qual molle cera, liquidos outeiros;
Sonoros ventos, horridos choveiros
Placido enfrêa.

Baden o diga, quando a nuvem fêa
Vermelho raio com furor raſgando,
Nos negros ares vio girar ſilvando
Trémula chamma.

Por ti, Bernardo, triſte povo chama,
E o fulminado frio corpo exangue,
Da dura terra, tinto em rôxo ſangue
Eis ſe levanta.

Digitized by Google

Assim armado de virtude santa
Serenos tornas os infestos ares;
Assim dominas insoffridos mares,
Avida morte.

Salve teu Nome do vibrado córte
Desamparados miseros humanos,
Que do castigo merecidos danos
Palidos temem.

Digitized by Google

A S. Norberto, Biſpo, e Confeſſor.

ODE VIII.

E Spiritos rebeldes, que as infenſas
Aljavas fulminantes
Das feas legiões de nuvens denſas
Armais de accezas farpas crepitantes,
Fugi para as diſtantes
Incultas brenhas d'árido deſerto,
Fugi do Nome Santo de Norberto.

Dos eſtellantes atrios deſce armado
De medonhos rugidos
O Leão de Judá: no eſcudo alçado
Relampagos fuzilão deſpedidos
Dos arcos deſferidos,
Que ſobre Saulo attonito lançárão
Settas, que dentro n'alma lhe troárão.

Rota a nevoa mortal, que lhe encobria
O throno mageſtoſo
Do Senhor das batalhas, que o ſeguia
(Aſtros trilhando o carro luminoſo)
Conhece venturoſo
A mão potente, a qual ſe toca os montes,
Abafa creſpo fumo os horizontes.

Tu

Tu, Norberto, outro Saulo foste, quando
Intrepido, e valente
O rapido ginete arremeçando,
De improviso brandio a nuve ardente
Relampago estridente,
Que ao bruto, do trovão espavorido,
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor da alma constante
Se humilha a fortaleza;
Vê scintillar o lúcido semblante,
Que adora consternada a Natureza,
Quando a vingança acceza
Leva os Ce[illegible] Libano frondosos
Nas azas [illegible]riscos espantosos.

Caliginosas trév[illegible]s já rompia,
E ao claro Firmamento
De luz surcando pélagos, sobia
No regaço da Fé o pensamento,
Ouvindo o claro accento,
Com que lhe falla o Ceo: e o mar irado
Tremeo do som terrivel assustado.

Movido pois de nosso ardente rôgo,
Desce, ó Norberto Santo,
Dissipa com teu Nome tanto fogo,
Ouve nossos clamores, nosso pranto;
E já que podes tanto,
Pede ao tremendo Deos, que enfreia os mares,
Que lance os máos espritos d'estes ares.

Digitized by Google

A Santo Thomaz de Aquino, Doutor, e Confeſſor.

ODE IX.

SE na eterna Sião, onde ditoſo,
Em premio da victoria,
Te corôa o ſemblante luminoſo,
O Sol de immenſa gloria,
Thomaz inclyto Santo,
Voar a teus ouvidos noſſo pranto,

Ao Mundo os olhos immortaes volvendo,
Attende a noſſos dânos:
Olha os ventos irados, revolvendo
Os negros Oceanos
De indomitas procellas,
Que ſoltão em coriſcos as eſtrellas.

Qual ſem Paſtor o pavido Cordeiro,
Ouvindo ranger perto
Do cerval Lobo o dente carniceiro:
Aſſim do Inferno aberto
As fauces horroroſas
Vemos arder em nuvens tenebroſas.

Aco-

Acode-nos, Thomaz; lembre-te quando
A mão Omnipotente,
No throno de mil raios fulminando
O gume refulgente
Da abrazadora espada,
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida Innocencia, a Fé constante
Nos braços te sustenta,
Em quanto a rôxa flamma sibilante,
Que subito rebenta,
Em torno te girava,
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando hum mar caliginoso
Os olhos mal abriste;
Espectaculo fêo, e lastimoso!
Da misera Irmã viste
Jazer despedaçados
Os palpitantes membros fulminados.

As azas do Senhor, que te cobrirão,
Que illeso te guardárão!
Não de luzente malha te vestirão,
Mas de poder te armárão
Para invicto valer-nos:
Pois chamamos por ti, vem defender-nos.

Digitized by Google

A Santo Ubaldo, Protector da Cidade de Eugubio, Bispo, e Confessor.

ODE ALCAICA X.

QUando o terrivel Deos dos exercitos,
Nas leves azas de Aquilões turbidos,
Sobre as altas Cidades
Manda a procella horrisona:

Se vingadora solta a mão rubida
As estridentes accezas viboras,
E se o fragor dos montes
Freme no fundo pélago:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos
Os Eugubinos te invocão pávidos;
Cercando teus altares
Gemem, quaes Pombas timidas:

A soccorrellos vôas intrepido,
E da virtude no pavez rigido
Rota a farpada lança,
Foge co' vento rapido.

Assim te chama Protector inclyto
A Lusa gente; correm as lagrimas,
Qual matutino orvalho
Banha os frondosos Platanos.

Vem soccorrer-nos: no árido carcere
Os trovões prezos bramão indomitos;
Tornem dourados dias,
Movão-te nossas súpplicas.

Digitized by Google

Ao Senhor Manoel Pereira de Faria, Socio da Arcadia.

ODE ALCAICA XI.

SE já ouviſte, Silvio magnanimo,
A minha pobre, ruſtica Cithara,
Poucos, mas novos verſos,
Ouve com roſto placido.

Ouve; que aos verſos, famoſos titulos
Devem Eneas, Deiphobo, e Priamo;
Deve Ulyſſes prudente,
Deve Achiles indomito.

O Luſo Gama nunca tão célebre
Fôra no Mundo, ſó porque impavido
Os máres não ſulcados
Cortou c' os lenhos concavos:

Camões, eterno com as Luziadas
Pôde fazello, ſenão incognitos
Os Varões Portuguezes
Jazerião no tumulo.

An-

Digitized by Google

Antes que as noſſas, nos máres Indicos
O ferreo dente, molhárão ancoras,
De Quilhas Europeas,
Cobertas de outras flamulas:

Antes do Grego, d'outros exercitos
Burnidos Elmos vio brilhar Pérgamo:
Houve na Frigia Troia
Outro Aiax, outro Stenelo.

Nem ſó Eliza, d'Eneas profugo
Tingindo a eſpada no ſangue tepido,
Trocou a doce vida
Por huma infamia poſthuma.

Nem ſó guizados os membros lividos
Do caro filho, com rancor barbaro
Ao laſcivo marido,
Progne miniſtrou pállida.

Em acções grandes d'almas intrepidas
Forão, he certo, ferteis os Seculos;
Mas o negro ſilencio
Sepulta os nomes inclytos:

Negro ſilencio, que os olhos languidos
Na vil Preguiça fitando timido
A lethargica lingua
Corta c'os dentes avidos.

Co-

Digitized by Google

Cobre a Virtude co' as azas lubricas
O veloz Tempo, logo que ao feretro
Cede o paſſo a Liſonja,
Raſgando a torpe maſcara.

Com tardos paſſos calcando os tumulos
O Eſquecimento, da mão eſqualida
Sólta as confuſas cinzas,
Que eſpalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,
Soffrer podia, que o canto melico
Eſquecido deixaſſe
O teu nome magnifico?

De huma alma grande coſtumes candidos,
Raras virtudes, genio pacifico,
Para ſerem eternos,
Não precisão de marmores:

Póde hum Poeta mais do que o Artifice,
Ou córte jaſpe, ou côres liquidas,
Largue o pincel no panno
Dos monumentos públicos.

Sempre com verſos o furor Delfico
A nobre vida dos Varões inclytos
Livra do vil contacto
Das máos cruentas d' Atropos.

Dos

Dos torpes vicios es cenſor rigido;
Tu os fulminas com olhos placidos,
E entre nuvens de fumo
Foge a tropa fanatica.

Da triſte Inveja na teſta pállida
Co' a forte planta pizas as viboras,
Bramindo, o negro Cirio
Quebra a Diſcordia attonita.

Das máos cobardes o metal fulgido,
Larga a Cobiça: com grilhões aſperos
Algemada a Soberba
Dobra o peſcoço riſpido.

De ti fugindo cahem no pélago,
Onde a Triſteza com pranto lugubre
Cercada de remorſos
Já mais enxuga as lagrimas.

Digitized by Google

Aos Annos do Coronel da Artilheria Frederico Weinholtz.

ODE XII.

COm ſuaves caricias, brando, humilde,
Qual he por natureza,
As tenras máos erguendo, o roſto lindo
Em lagrimas banhado,
Ao rigoroſo Tempo Amor pedia,
Que dos duros revézes
Do braço inexoravel preſervaſſe;
Que de doces prazeres,
De glorias coroaſſe, e de venturas
Eſte ditoſo Dia:
Ora em laços de Goivos, e Amaranto
A riſpida melêna
Ao deſabrido Velho entrança, e prende.
Ora as aras lhe cinge
Com cheiroſos collares de mil flores:
Thé que o rapido Monſtro
Avaro de ruinas, e de eſtragos,
Soberbo, e receoſo
D'alheas tyrannias, c'hum ſorrizo,
Que ſeu rancor diſfarça,

Ou-

Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.
Pela ſanguinea fouce,
Que na mão lhe reduz, jura, e promette,
Que de Weinholtz aos annos,
As Parcas fiarão dourados dias,
Cheios de immenſa gloria,
De proſperos ſucceſſos, de venturas.
Que o gelado Danubio,
Que de Berço lhe dar ſe deſvanece,
Com a cerulea fronte
De agudas Eſpadanas guarnecida,
De ſangue rociado
O indomito Tridente, ao fulvo Téjo
Inda virá hum dia
Ávido de mais fama demandallo.
Apenas Amor ouve
Tão affavel reſpoſta, as brancas azas
Tres vezes deſpregando,
Aos ares ſe abalança; mas o Tempo
Alçando a mão pezada
Pelo cordão da aljava o ſuſpendia;
E em quanto lhe tirava
Os dourados farpões, o cruel arco:
„Eſtas cruentas armas
„Improprias são, lhe diz, da tua idade;
„Para mim as reſervo,
„Em premio das venturas, que prometto
„Ao teu Weinholtz mimoſo.
„Veremos ſe eſte braço tambem ſabe,
„Vibrando agudas ſettas,
„Domar os corações. Agora vôa,

„Em

„Em doce paz nos deixa;
„Deixa gozar o Mundo de descanço,
„Que tu, cruel, nos roubas.„
Amor as leves plumas sacudindo,
Já livre do tyranno,
Batendo alegre as palmas, lhe dizia:
„Não cuides, cruel Tempo,
„Que meu invicto braço desarmaste;
„Mais poderosas armas,
„Mais forte passador tenho nos olhos,
„No Angelico semblante
„Da formosa Bivar: Com elle posso
„A meu suave Imperio,
„A pezar do destino, ver curvado
„O teu rispido collo:
„Então verei mil vezes sem receio
„Tornar tão feliz dia;
„Verei contar Weinholtz ditosos annos
„Em prospero socego,
„Nos ternos braços da gentil Consorte.„
Ao Tempo assim responde
Já sem temello, Amor; e o Velho irado
N'um rigido penedo,
Que borda a ruiva praia de Caxias,
Rompeo a curva fouce.

Digitized by Google

A' Reſtauração da Arcadia.

ODE XIII.

Soberbo Galeão, que o porto largas,
Aonde o ferreo dente preza tinha
A cortadora prôa, que raſgava
De hum novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos, que no Téjo ſurgem:
Já ferve a brava chuſma, e ſe levanta
A nautica celeuma.

Das douradas antennas penduradas
As vélas já de purpura desfraldão,
Q' aos freſcos ſopros de hum feliz Galerno
Já concavas ſuſſurrão.

A tremula bandeira, que ſeguras,
Qual ſubito relampago fuzila,
E nas azas dos Ventos eſtendida
Moſtra a fatal empreza.

De

De branca eſpuma borbotões rebentão
De hum lado, e outro lado; já boiando
Sobre as verdes eſpadoas de Neptuno
Demandas outros climas.

O Santo Numen, que entalhado leva
Tua dourada mageſtoſa poppa,
Trazer-te nos promette a ſalvamento;
Naufragios não recêes.

Não temas as inhoſpitas arêas
De infames coſtas, de Hyperborios campos;
Pelas Cicladas, Boſphores, e Syrtes
Has de romper conſtante.

Se as Alcioneas aves levantarem
Em ſeu queixoſo pranto triſte agouro;
Não te aſſuſtes da nuvem carregada,
Que os máres eſcurece.

Graſnando negras Gralhas enfiadas
Sobre os tópes, verás buſcar a terra,
E logo o Ceo negar-te a eſcura noite
Da fêa tempeſtade.

Mas não recêes os fuzís vermelhos;
O ruidoſo trovão, que pelas aguas
Em ſucceſſivos brados eſtalando
No fundo do mar ſöa.

A

Digitized by Google

A destra mão que o leme te menea
Fará, que avante passes, sem que amaines
O largo panno: em vão Noto sibila
Pela miuda insarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem;
Ao Pólo chegarás, aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras Galeras,
Forçando os débeis remos, com que açoutão
O mar que lhe resiste, e que as affronta,
Trabalhão por seguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem
A commetter o pélago que sureas:
Com damnados prognosticos agourão
Desastrado successo.

Ora contão, que os mares infamastes
Com vergonhoso mísero naufragio;
Que as fulminadas vergas rotas jazem
Nas Cerauneas arêas.

Mas tu constante impavido triunfas;
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquissimos pavezes:
A forte gente crôas.

Se

Digitized by Google

Se os meus votos escuta o Ceo benigno,
Os votos, que por ti no porto faço,
Os olhos alongando pela esteira,
Que tu nas aguas abres,

Não tornes a surgir em manso porto,
Que Lethes seja o seu famoso nome,
Que os peitos amollece mais briosos,
Que ao somno te convida.

Não se nutre a virtude do descanço;
Arduas emprezas, rispidos trabalhos,
Em nobre coração de immortal gloria
Accendem claro lume;

O claro lume, que apagar não podem,
Nem descarnada mão da triste Inveja,
Nem a fouce cruel do voraz Tempo;
Não chega a tanto a morte.

Aos

Digitized by Google

Aos Annos da Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Leonor de Almeida.

ODE XIV.

Cercado eſtava Amor de mil Amores
As eſtridentes ſettas empennando;
De verde Mirto, de cheiroſas flores
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo ſacudia
Das creſpas azas ſem ceſſar batendo,
E qual concerta aljavà, e n'agua fria
Curvado ſe eſtá vendo.

Pelos nodoſos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavão,
Outros mais inſoffridos, e ligeiros
Em bandos ſe eſpalhavão.

Então Amor a doce voz alçando,
Que ſó de ouvilla os montes eſtremecem,
Os velozes Frecheiros convocando,
Que promptos lhe obedecem.

Digitized by Google

C' um doce rizo, c' um celeſte agrado,
Que os ventos ſerenava, lhe dizia:
Hoje do Ceo nos traz o Sol dourado
De Alcipe, o claro dia.

Foi hoje, foi que em ſeu gentil ſemblante
Amanheceo a luz da formoſura;
Nunca tão bella Aurora, e tão brilhante
Rompeo a noite eſcura.

As lindas Graças, os fieis Amores,
As Virtudes gentis dos Ceos baixárão;
E cantando as acções dos ſeus maiores,
O berço lhe embalárão.

Nos olhos vencedores lhe infundirão
O tyranno poder da gentileza;
Humanos coraçõe logo ſentirão
A liberdade preza.

As caſtas Muſas cheias d' alta gloria,
As aureas vozes derão tal doçura,
Que os louros não perderão da victoria,
Faltando a formoſura.

Creſcem co' a idade os raios ſeus brilhantes,
Que a fervidos ſuſpiros não attendem,
A pezar de deſejos anhelantes,
Q' em ſeu altar ſe accendem.

Mas

Digitized by Google

Mas tempo inda virá, que os innocentes
Olhos formoſos ſeus a nós volvendo,
Os cruentos virotes reluzentes
Queira eſpalhar vencendo.

Em quanto a denſa nevoa do futuro
Nos rouba a luz de tão feliz inſtante,
Por mais que as azas mova o Tempo duro,
Intrepido, e arrogante,

Da Illuſtre Alcipe bella, o claro dia
Pertendo aſſinalar com fauſtas glorias,
De noſſos arcos o Deſtino fia
O louro das victorias.

Alague o Mundo fino pranto ardente,
Voem ſuſpiros, voem mil clamores;
Chovão por toda a parte de repente
Agudos paſſadores.

O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o Sol girando os ſeus Frizões ufanos,
Nos traga ſempre cheios de ventura
O dia de teus annos.

Digitized by Google

ODE XV.

NAs deſpidas paredes, que me abrigão
No tormentoſo Inverno,
A paſſagem do Grânico não vejo
Em fina lã tecida.
Nem marmores, nem porfidos luzentes
Nos alizares brilhão:
Não tine do Japão na parca meza
A rara porçolana.
O dourado ſaleiro não me cega
C' os tremulos reflexos
Da prata. Não ſe accendem mil bugias
Em tortas ſerpentinas.
Porém Virgilio, Sophocles, Homero,
O Venozino Horacio,
São as ricas alfaias, que me adornão
A ſala mageſtoſa,
Os ſoberbos eſcudos, em que pinto
A geração illuſtre.
Elles fazem que Ansberto generoſo
Seu amigo me chame;
Que o Souſa marcial com puro eſtilo
Gracejando me eſcreva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O ouro refulgente.

O

Digitized by Google

O Mineiro na roça afflicto cave
C' os ſordidos eſcravos:
Por ignotos certões exponha a vida
Do barbaro Tapuia
Á ſetta venenoſa, á veloz garra
Do Tigre moſqueado.
Soffra na Linha podre calmaria,
Relampagos, e raios:
Para n' Aldeia entrar acompanhado
De deſcalços Trombetas,
De purpureas Araras, inquietos
Petulantes Bugios.
Gaſte prodiga a mão, em poucas Luas,
O ganho de dous luſtros;
Para a vermelha Cruz brilhar no peito,
Que os fardos incurvárão.
No tegurio paterno não cabendo,
Palacios edifica
Alaſtrado com pedras o caminho.
Do Guindaſte as roldanas
C' o pezo do venal Eſcudo gemem,
Que o Portico remata.
Eſtupido não ſabe, que apreſſada
A pállida Doença
Atrás delle caminha: que já chega
Involta em parda nevoa,
A Morte inexoravel, derramando
Co' a fria mão anguſtias;
Que o leito de crueis fantaſmas cérca,
E que lhe arranca as chaves

Do

Do guardado theſouro; que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual ſangrado rio enfraquecido
Torna a gaſtar-ſe em ſogas!
Com ouro não ſe compra hum nome digno
Da poſthuma memoria.

Digitized by Google

Ao Padre Antonio Delfim.

ODE XVI.

Delfim, caro Delfim! Com que ligeiro,
Lubrico pé, a curta idade noſſa
Nos vai atropellando! As horas voão,
Os dias não ſocegão!

Quaes horriſonos Euros inſoffridos
Varrem da longa praia a ruiva arêa,
Que nas humidas azas creſpas ondas
Indomitos revolvem.

Aſſim o Tempo cegador co'a fouce
Daqui, dalli talhando á debil gente,
Lança no vaſto golfão do ſepulcro
As pállidas eſpigas.

Em vão fugindo da eſtrondoſa guerra,
Se acaſo tu, Delfim, calvo não foſſes,
Co'a ſonora navalha decotáras
Ondados fios de ouro.

Em

Em vão a Lôba, e Sobrepelliz veſtindo,
Moſtarda do Loreto no alto côro,
Inchadas do peſcoço as cordoveas,
Bradando ſalmeáras.

A Morte, a fria Morte, nunca falta;
Ou cêdo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cervíz: Poltrões covardes,
Colericos Achilles.

Com mão pezada abala, talha, e rompe
Grevas, arnezes, malhas, bacinetes;
Por baixo do fraldão crava o buido
Eſtoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Aſſolando Cidades, e Provincias,
A toda a parte vôa.

Curvados anciães, môços esbeltos
Córta co' meſmo gume: honras, theſouros
Não lhe péga no braço; os altos tectos
Pobres cabanas piza.

De balde Gabilhon co' deſtro pente
Mette em batalha juvenís cabellos;
De balde enrola o eſcaldado ferro
Os martyres topetes.

O

Digitized by Google

O frio branco gelo, que não tarda,
Subito póe a marca da Cidade;
E poucas alvas cans, o géito mudão
Dos infeitados cepos.

As brandas Lylias, as gentís Filenas,
Todas fogem de vello; todas fogem
Dos olhos sem peſtana, regalados,
Das creſpas ſobrancelhas.

Os teimoſos achaques, triſtes dores,
Caraſtas são dos entrevados membros;
Froxos deſejos morrem de garrote
Ás máos da Hypocondria.

Não he preciſo que venal Profeta
Aponte com o dedo para a cinza:
Para velhos não ha melhor caveira,
Que o vidro de hum eſpelho.

Só tu, Delfim, canſados annos contas,
Sem ſinaes de velhice; inda não ouves
O tremendo pregão da Eternidade,
A trombeta da Morte.

Sobre o telhado teu não pouzão eſtes
Paſſaros agoureiros, que bradando
Com eſpantoſos guinchos, annunciáo
A derradeira Aurora.

Nun-

Digitized by Google

Nunca velho serás: livre de brancas
A deserta cabeça callejada,
Não se deixa trilhar das leves rodas
Da carreta dos Annos.

Sem olhar para a méta da carreira,
D' Archimedes no ponto se está rindo,
Britanno Capitão, que submergido
Em laudanos do Douro.

Amarrando o timão, entrega a quilha
Aos rijos ventos, aos cavados mares;
Não ouve as roucas vagas, que mugindo
Os Pólos estremecem.

Venha se quer a pállida Doença
A fria Morte pela mão trazendo:
Não te espantes de fouce, nem relogio,
Nem de azas de morcego.

Apresenta-lhe a calvá, que te mostre
Onde as brancas estão? Carão lustroso,
Olhos azues, rosadas faces, alvos
Os crystallinos dentes.

São constantes finaes da fresca idade,
São de forças virís a taboleta;
E provido Colono, a sabia Morte
Não colhe fruto verde.

Tris-

Digitized by Google

Triſte de mim, que pêco, e já maduro,
Nos grizalhos monêtes do topete,
Nas carcomidas perolas da boca,
Nas obſtinadas rugas.

Já vejo revoar os triſtes Mochos,
Que são da fatal hora Miqueletes
Cruel triſteza! Mais crueis memorias!
Perdidas eſperanças!

Os filhos, a Mulher, tudo cá deixo,
Só levo na garganta atraveſſado
O Venozino Horacio, a calva tua,
A Rainha das calvas.

Digitized by Google

A' morte de Joſé Gonſalves de Moraes, Socio da Arcadia.

ODE XVII.

SE em ricas urnas de ouro refulgente,
Arcades ſaudoſos,
As frias cinzas de Leucacio Fido
Com as lagrimas noſſas
Não podemos guardar: em noſſos verſos,
Do Menalo nos troncos
Seu nome eſcreveremos, ſeu bom nome
Das Graças ſuſpirado.
E das quebradas aguas deſte monte
Chorado, e repetido
Eſtremecem os Pinhos ſacudidos
Dos ventos, que ſibillão:
O gado eſpantadiço ſe derrama
Pelos creſtados campos:
Ao longe eſtão latindo roucamente
Quebrantados rafeiros;
E em tão triſte alarido nos parece,
Que das cortadas rochas
O éco nos reſponde: Fido, Fido!
Nas ſolitarias praias

Bra-

Digitized by Google

Bradando o negro mar, Fido reſponde;
Por Fido nós chamamos.
Aonde eſtáo, Arcadia, os teus ſerenos
Affortunados dias?
Quando vermelho o Sol atrás da ſerra
O roſto de mil raios
Formoſo levantando, por teus valles
Dourava alegremente,
As ſonoroſas folhas inquietas
Das faias levantadas?
Alli, tocando a fiſtula divina,
Que os Ventos eſcutavão,
De gado, e de Paſtores rodeado,
Senhor nos parecia
De noſſos corações, de noſſos olhos,
Do Menalo, da Arcadia?
Mas que fado cruel, tanta ventura
Das noſſas máos arranca?
Que noite pavoroſa eſtá cubrindo
Os ares deſte campo?
Que frio gelo prende as claras fontes,
E córta a freſca relva?
Foges, foges de nós, Paſtor amado?
Noſſas pobres cabanas,
Noſſas frautas, e noſſos doces verſos,
Acaſo te aborrecem?
Trocas do manſo Téjo, que te eſcuta
As margens deleitoſas,
Por aſperos certões, por longos máres,
Por férvidas arêas,
Com que malignos climas te convidão,

E invejoſos te chamão?
Ah triſte Arcadia, triſte, e deſgraçada!
Que deteſtaveis erros
Contra o Ceo commettêrão os teus Paſtores?
Que lugubre deſtino
A tão duro caſtigo te condemna?
Sacrilegos erguemos
Com ímpia mão as campas reſpeitadas
Dos defuntos maiores,
Para ás feras lançar os brancos oſſos,
Q' em ſanta paz deſcanção?
As victimas divinas arrancamos
Dos ſagrados altares?
Ou que raio cahio ſobre eſtes campos,
Que mais a ver não tornão
O ſuave Paſtor, o claro Fido,
Que virão tantas vezes?
Maldito ſeja aquelle, que primeiro
Fiou de curvos lenhos
Ávidas eſperanças, ſede infauſta
De enganoſas riquezas!
De marmore Marpezio, rijo bronze
Tinha o peito forjado,
Quem ruidoſas vélas desfraldando,
Fugio do manſo porto,
Sem de Africo temer a rouca furia,
Quando açoutando as ondas
C' os negros Aquilões forte contende!
As crueis tempeſtades,
Hyades triſtes, cabos tormentoſos,
E o pégo embravecido,

Ou

Digitized by Google

Ou intrepido, ou louco não temia!
Os mortaes atrevidos
Nada julgão difficil! Entregamos
Nós meſmos os peſcoços
Á ſanguinoſa fouce, á mão pezada
Da Morte inexoravel!
Em ſoberbas columnas levantamos
Magnificos Palacios:
Nem que a riqueza, a honra, ou a vangloria,
Com refulgente eſcudo
De rigido diamante, nos pudeſſem
Cobrir a fatal hora!
Eſcondem frias loizas igualmente
Os Sceptros, e os Cajados!
Tudo deve acabar. Oh claro Fido!
Em eterno ſocego
Tua cinza deſcance; a terra eſtranha
Pezada te não ſeja:
Se lá no monte eterno a que voaſte
Se eſcutão noſſos verſos,
Em noſſos verſos ouvirás teu nome,
Teu nome cantaremos,
Para honrarmos os verſos, que cantamos,
Para honrarmos a Arcadia.

ODE

Digitized by Google

ODE XVIII.

CErcado de Pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolça me araſſalhão, que esfaimados
A feria me apreſentão:

Quaes boidos punhaes, negros trabucos,
Daqui, dalli recreſcem garatujas!
Aſſeſtados canhões, que poderião
Bater os Dardanellos!

Severo Rhadamanto, o çujo Meſtre
A poſtiça gadelha affaga, e puxa:
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira.

De balde o roſto viro; e do medonho
Eſpectro ſanguinoſo fugir tento;
Que Scylla mais cruel, o rol d'arêa
O beque me deſcoze.

Si-

Digitized by Google

Sibilante petardo d' outra parte,
Co' tejolo me quebrão os ouvidos!
Jornaes, carretos, cal, são mil pelouros,
Que silvão pelos ares.

Com a perna ferida, co' as fileiras
Da vanguarda já rotas, e medrosas
Nas andas inda mostra o grande Carlos,
Indomita constancia!

Á vista de soberbos Castelhanos,
Com poucas Tropas, com bisonha gente,
Sustenta Lippe a ruiva, e fresca margem
Do Tejo caudaloso!

Mas estes mesmos, ó Maclean amigo,
Se ante seus olhos vissem as carrancas
Dos leões carniceiros, que me cércão,
Voando fugirião.

Tu mesmo co' a Britanna artilheria,
Deixando botafogos, e espoletas,
E os dourados Rabões esporeando,
O posto lhe largáras.

Póde mais hum crédor que hum Elefante,
Não ha tromba mais dura, que huma feria;
E se queres vencer os Alexandres,
Eugenios, e Turennas,

Não buſques grevas, murriões, pavezes,
Põe-lhe diante o Mercador o reſto,
O Alfaiate, o Barbeiro, ou hum Alcaide,
Verás como deſmaião.

E ſe ainda vãos projectos commetterem,
De cruentas victorias nunca fartos,
Dá-lhe o deſenho de huma nova eſcada,
E dize-lhe, que a façáo.

Eis-aqui como fico ſem lograr-me
Da boa companhia, que te cérca:
Tu, que eſcadas não fazes, paſſa alegre
A noite deſabrida.

Em brilhantes cryſtaes a rôxa eſpuma
Do ſuave licor do Rheno, ou Douro
Te apreſente ſorrindo o fullo Same,
E tu vermelho bebe:

Bebe á ſaude da formoſa Filis,
Do magnanimo Conde, a quem Neptuno
Namorado do ſeu valor, lhe entrega
O Soeptro cryſtallino.

Os dous Weinholtz, que Marte tanto préza,
Da cava Porçolana que retine,
Co'a boiante colher tirem o doce
Almo fervido Ponche.

E

E ſe do pobre Coridon vos póde
Merecer compaixão a triſte Hiſtoria,
Fazei-lhe huma ſaude, que lhe ſirva
Ao menos de Epitafio.

Digitized by Google

Ao Senhor Gaſpar Pinheiro da Camera Manoel.

ODE XIX.

QUantos, caro Pinheiro, noite, e dia
Curvados ſobre os Livros
A triſte vida gaſtão na eſperança
De huma vermelha Borla,
Da Vara, e da Golilha? Honra que chega,
Já quando as cans alvejão
Na myrrada cabeça. Quantos morrem
Por freneticas Palmas
De cruentas victorias? Deſcorado
No raſo campo treme
Com frio ſuſto á viſta do inimigo
O miſero Soldado:
Co' a muſica miſtura dos batidos
Horriſonos Tambores
Os ultimos ſuſpiros. Pelos ares
Pelouros aſſovião:
Co' tropel dos cavallos freme a terra:
Do pó, e creſpo fumo
As enroladas nuvens eſcurece
O reſplendor do dia:
Iſto aos Carlos agrada, aos Fredericos,
Eugenios, e Turennas!

Em

Em fragil lenho entregue a longos máres,
O Mercador avaro
Luta co'a morte: ráfgão negros Auſtros
As prenhes nuvens: brilha
Entre a rouca ſaraiva, o retorcido
Crepitante coriſco:
Eſtala a fraca vérga, a rota véla
Ondeando ſuſurra:
E a fome de ouro, tudo faz mais dôce,
Que a livida pobreza!
Outro, com o martello, os cadeados
Deſpedaça do cofre,
Que do incanſavel Pai o curvo arado
Tirou da dura terra:
Vai perdello n'hum dia, porque goſta
De brincar com tres dados!
Aquelle ſó ſe alegra, e ſe diverte
Co'as Belgicas pinturas:
Sonha com Rafael, e Ticiano,
Em quanto o aſtuto Adelo
Na fragil taboa, com o dedo moſtra
A teſta de Meduſa.
Eſte, n'alcantilada ſerra corre
O Javali cerdoſo;
Os ſabujos Britannicos latindo
No fundo valle aſſuſtão
A quieta Paſtora, que atordida
Larga da mão o fuſo.
Outro na rica meza rodeado
De vorazes amigos,

Digitized by Google

Em brilhantes cryſtaes, de Douro, e Rheno
O rôxo çumo bebe;
Té que dos altos cumes dos oiteiros
Caia a noturna ſombra.
Eu porém nada quero, nada eſtimo
Mais que a dourada Lyra:
Se os Paſtores do Menalo ſagrado,
Se os loureiros d' Arcadia
Os meus verſos eſcutão, os meus verſos
Me ſeparão do Vulgo:
Na teſta cingirei livre de inveja
D' era frondente crôa;
E com Lesbico Plectro, ou Venuſino,
Ferindo as aureas cordas,
Arcadia cantarei: o patrio Téjo
Attenda ao novo canto
Com a verde cabeça gotejando
Na Urna recoſtado,
Se aqui chegar, que Rhadamanto póde
Negar-me o Nome Eterno?

Digitized by Google

Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

ODE XX.

Q Ue facil he com lapis, e compasso
Desenhar no papel huma Cidade
De cortinas, e merlões circunvallada,
Soberba, e inaccessivel!

Executar porém a grande Planta
He trabalho de hum Rei, caro Pinheiro,
D'Ulysses, de Lyeo, do pio Eneas,
Dido, Romulo, e Remo.

Quando tu no alto pégo ouves zunindo
Pela minha enxarcia, Africo, ou Noto,
Que ferras todo o panno, que manobras
Impavido, e prudente!

Se de longa experiencia aconselhado
Não mandasses constante, que valêra
Ter no tanque de Cintra exposto ao vento
Fragatas de cortiça?

To-

Todos, todos clamamos, que ſe obſerve
O que dita a Razão, e a Natureza,
E as ſantas Decisões, que nos promulga
A Catholica Roma.

Ninguem ſe julga barbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal, em ſangue tinto
Na mão do matador; vemos roubados
Os ſagrados Altares!

Com damnada malicia, huns aos outros
Enganar pertendemos: falſo géſto
He o trunfo do jogo; da amizade
Hypocrito verdugo!

Na magnifica meza em cryſtaes ricos
Trasborda a loura eſpuma do ſuave
Vinho de Chypre: alegres convidados
Ao grande amigo brindão:

Levantão as reciprocas ſaudes,
Terniſſimos colloquios; mas depreſſa
Eſta Scena ſe muda, e da Diſcordia
Rola o dourado Pomo.

Pelo arbitrio de Páris não ſe eſpera
Nua a eſpada brilha, e fere: corre
O ſangue quente, e os cópos em pedaços
Eſpalhados retinem.

Que

Digitized by Google

Que mais faria o perfido Argelino,
Se c' o estreito Chaveco abalroára!
Talvez que nelle achasse mais clemencia
A pobre humanidade.

Se na Hircania, ou no Caucaso nascidos
Os homens fossem, não seria estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma
No tyranno espectaculo de Circo,
Esfaimado Leão, lamber as plantas
Do amigo descorado.

Oh Amizade, oh dadiva Celeste!
Enfadada de nós, de nós te ausentas!
Abriste as brancas azas, que sonoras
Nos ares te sustentão:

Já sobes, já te elevas, já te escondes,
Ora sereno o vôo, ora apressado,
Nos immensos espaços, onde giráo
Outros Soes, outros Mundos.

A Luz do dia foge, fica a terra
A seu antigo cahos reduzida:
Mas, dentre as grossas trévas apalpando,
Eis se ergue o Fingimento.

Os

Os candidos veſtidos da Amizade,
Co'as negras mãos levanta aos tôpes membros;
Nas fantaſticas roupas diſfarçado
Engana a cega gente.

Com eſtreitos abraços ſe recebem
Os fingidos amigos: filho chama
O tyranno Tutor ao deſfalcado,
E miſero Pupillo.

E neſta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vicios atoladas,
Como pódem guardar as leis auſteras
Da pávida Amizade?

He facil ter de amigo o ſanto nome,
E ſuſtentallo com civil aſpecto;
Mas que ao chapéo o coração governe,
He Ethiope braneo.

A lingua, que te ſalva, quando raia
No vermelho Horizonte o Sol dourado,
Antes que a ſombra caia dos outeiros,
Te inſulta, qu te crimina.

Deſaſtrados rafeiros, que ſó mórdem
Os pobres remendados; porém vendo
Os olhos fuzilar do roaz Lobo,
A cauda deſenrolão.

Não

Digitized by Google

Não se encontrão Eurialos, e Nizos,
Cástor, e Polux, Pylades, Orestes;
Nem para renascer a extincta raça
Esperes nova Pyrrha.

Mais facil he que Cadmo reseméie
Os dentes do Dragão, e que rebentem
Da terra depravada, enfurecidos
Armigeros Guerreiros.

ODE.

ODE XXI.

COm que fervidos rógos imaginas,
Caro illuſtre Maclean, q'ao Ceo clemente
Canſa hum Poeta? Crê-me; não lhe pede
Magnificos Palacios.

De pouco ſe contenta; não cobiça
Do fulvo Téjo arar as ferteis margens,
Onde ſonora freme a loura eſpiga
Dos Euros açoutada.

Os rufos Touros, as malhadas Vaccas
Dos campos Tranſtaganos não deſeja,
Nem Indico marfim, ouro brilhante,
Nem pérolas do Ganges.

Afouto beba o Mercador em taças
De eſmeralda, e ſafira o licor almo
De Chypre, e de Falerno; já que os máres
Parece que governa.

Impune tres, e quatro vezes rompa
Cad' anno o Golfão: desfraldando as vélas
Impavido commetta infames coſtas,
Inhoſpitas arêas.

Não

Digitized by Google

Não lhe invejo a fortuna, pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte-santa ao som da clara vida,
Urdindo novos versos.

Divina Providencia, tu bem sabes
Quão pouco te molestão meus desejos:
Não quero mais que ver na frugal meza,
De filhos rodeada;

Hum limpo cópo, com que nesta grande
Noite, só para mim prospero dia,
Possa alegre brindar aos faustos annos
Do heroico São Vicente.

Com mais pouco se mata a crua fome,
Para fazer seu grande Nome eterno,
Ou pobre, ou rico vivo; tenho a Lyra
Do cantor de Venosa.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes,
Que herdaste de teus inclytos Maiores,
No regaço da Paz jazem tranquillas,
Preparo os Epinicios.

Tempo depois virá, que desferindo
Em aurea Poppa as Lusitanas Quinas,
Arrazadas as aguas de Turbantes,
Te croem mil victorias.

Digitized by Google

De negro sangue as armas rociadas,
Arrastados trarão ao Luso Throno
Os Mouros Capitães; nas duras costas
As rôxas mãos atadas.

Se as Estrellas então me consentirem
Tuas acções cantar; da fria Morte
Verei luzir a fouce, satisfeito
Da gloria, e da fortuna.

Digitized by Google

Aos Annos do Senhor José Carlos Mardel.

ODE XXII.

APenas hoje a ſomnolenta Aurora,
Entre as roſadas nuvens, que abafavão,
Da alcantilada ſerra os altos cumes,
Moſtrava a manhã freſca:

Huma inquieta tropa de vendados,
Lindiſſimos Amores, ſe alojava
Do fulvo Téjo na arenoſa praia,
Que adorna a grão Cidade.

Arnezes, malhas, grevas, e loricas
Veſte a ſoberba juvenil Phalange
Dos aureos elmos, com as torcidas plumas
Zefira empenna as azas.

Ao rouco ſom de horriſonos tambores,
Que n'uma, e n'outra margem retinia,
A brava gente ferve, qual puxava
A rapida columna.

Qual

Digitized by Google

Qual marcando reductos, e trincheiras,
Na ruiva arêa crava as aureas ſettas:
E qual levanta co' alvião pezado
Merlões, e plataformas.

Os tirantes de purpura atezando,
Outros arraſtão ſagres, falconetes,
Que em altas baterias aſſeſtados
Affrontão todo o Mundo.

Então Amor alçando a mão tyranna,
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os fervidos morteiros,
E rompe neſtas vozes:

Eſta alegre rezenha, companheiros,
A tão proſpero dia he conſagrada:
Hoje, a Mardel gentil, as duras Parcas
Fião dourados annos.

As rôxas balas, que nos ares ſilvão,
Das bombas as ſonoras eſpoletas,
As ruidoſas granadas fulminantes,
Tudo ſeus annos louvão.

O bellico ruido aos meſmos Aſtros
Enſina a repetir ſeu claro nome:
Os meſmos Aſtros, quaes ſeus olhos brilhão,
Scintillárão com elle.

Diſ-

Digitized by Google

Disse: e da terra subito levanta
Dos horridos canhões o negro fumo,
Qual Encélado montes sobre montes,
Ou nuvens sobre nuvens.

Mas eis que o cego Nume a Scena corre;
Não vi na liza arêa mais que o fumo
De miseras entranhas palpitantes,
De corações feridos.

Que abrazados queixumes, que soluços,
Oh que doces suspiros, que soavão!
De maneatadas Ninfas, que rendidas
Jazem no duro campo.

As linhas, os ramaes, as colubrinas
Outra cousa não são mais que seus olhos;
Que seus olhos azues, alvo semblante,
Que seus louros cabellos.

Fugi, Ninfas, fugi daquelles olhos,
Nelles afia Amor seus passadores:
Fugi, Ninfas, fugi, que seus cabellos
São as Vulcaneas redes.

ODE XXIII.

Pois sabes, que nas margens do Mondego,
Amor, que he grão Poeta,
A cantar brandos versos me ensinava,
Quando prezo me tinha,
E victima chorosa, as aras cruas
Banhei c'o sangue quente
Do roto coração, das rotas veias,
Que abrião seus virotes:
Não estranhes, Senhora, que os furores
Do genio Sibyllino
Me forcem a louvar o claro Dia
De teus ditosos Annos:
Aó santo Templo da immortal Memoria,
Sobre as azas da Fama
O desejo levar; quero que chegue
Aos seculos futuros,
Cercado de relampagos, e raios,
Com que os Vates fulminão
Da Inveja triste as asanhadas serpes,
Que em torno lhe sibilão
Do livido semblante descorado,
Dos olhos furibundos.
As estofadas Ondas somnolentas
Do Lethes vagaroso

Ve-

Verão passar mil vezes tão bom Dia
De estrellas coroado.
Virão, como hoje vem, a teus altares
Render devoto culto
Os miseros amantes desmaiados,
Em suas mãos trazendo
Inda quentes entranhas palpitantes,
E corações fumando.
Outros Tyrses, e Elpinos namorados,
Outros Licidas, Cintios,
Prostrados erguerão queixosos Hymnos,
Raigando os mansos ares
Com férvidos suspiros, com seu pranto,
Que tu, Cruel, desprezas!
Só não sei se haverá outra Silvandra,
E que Vestal do Tempo,
No sonoro rebolo, o fatal gume
Afie da bipenne,
Com que desfeixa os golpes, nos solemnes,
Cruentos sacrificios;
Quando a gelada Victima estremece,
E cerra os tristes olhos.
Hoje porém, que tão alegre Dia
Com farta mão derrama
As delicias, prazeres, e fortunas
Em toda a Fonte-santa;
E nas espaduas do ligeiro Noto
As Graças, e os Amores
Com sonoro sussurro andão voando
Á roda desta casa;

Deixa, gentil Senhora, que se mude
A Cithara soberba
Em Avena campestre, e que te offreça
Humilde rendimento
De singela vontade, e sãos desejos;
Huma pobre gallinha,
Hum alvo ganso, que muito ha que adeja
Para voar tão alto:
Ainda elle espera hum dia transformar-se
Em constellação nova;
E co'as pennas das azas rutilantes,
No azul ethereo Assento
Escreverá de Arminda o doce Nome;
Para ser entre os Astros
De desejos, amores, e suspiros,
O Norte luminoso.

ODE XXIV.

Em quanto o pobre Tyrſe deſcançado
Da Preguiça nos braços ſomnolentos,
Co' a boca meia aberta a ſomno ſolto,
Ou ronca, ou ſe eſpreguiça:

Em quanto a torpe, e vaga fantazia
Luctando com cançados pezadellos
Em verdes bancas pinta as louras marcas,
Lhe moſtra o as de copas:

Em quanto atado ao duro, e longo remo
Da galé, com que ſurca fundos pégos,
Os calejados hombros dobra ao duro
Arrebém de comitre:

Em quanto orê, que a Fonte-ſanta alegre,
Com ſonoro ruido ſolta as aguas,
Só quando vê em ſeus quebrados olhos
Amor tremer com frio;

Em

Em tanto o bravo Elpino, qual o fulvo
Famelico Leão da gran Nonacria,
Ataçalhando os pavidos rebanhos,
Traga famintos membros.

Aſſim vem, aſſim vê, aſſim ſubjuga
Rebeldes corações, que reduzidos
A poucas cinzas, qual o debil fumo
Em creſpas nuvens voão.

De baixo já da planta vencedora,
Em frio ſangue çujos palpitando
Abjurão de Mafoma, ou molle Tyrſe,
A immunda torpe Seita.

Mas o pio Alexandre condoido
Da orfandade das miſeras cativas,
Nas ricas almofadas, barba, a barba,
Affavel as recebe.

Oh que doces, que lagrimas contentes
Inundão negros olhos! Que ſuaves,
Que fervidos ſuſpiros retinindo
Não voão pelo tecto!

Ah pobre Tyrſe! acode, que te pizão;
Que teus campos já roubão, talão, queimão
Armados eſquadrões d' outros Amores,
Amores invenciveis.

Tra-

Digitized by Google

Traducção de huns verſos Inglezes, feitos a hum ſeu grande Pintor.

ODE XXV.

O Dourar a manhã, do Sol que naſce;
Derramar os reflexos;
Pintar á ſombra do cerrado boſque;
A rapida corrente;
As ceruleas montanhas affaſtadas
Mandar, que ſe levantem,
C' o vermelho horizonte confundidas;
Pela verde campina
O rebanho eſpalhar que anda paſcendo;
Dos rachados penedos
Fazer que deſção caudaloſos rios;
Que a creação formoſa
Brote de baixo deſta mão potente;
He a grande tarefa,
Que ſó ſe atreve a deſcrever Sertorio.
Mas quando ſazonados
Apparecem os frutos de Pomona
A producção amavel
Do fertil anno; então a Natureza
Porque ſe vê vencida,

Se

Se moſtra envergonhada: ó pincel raro,
Do que o Sol mais fecundo
C'o doce toque os pomos faz maduros:
Do Paraiſo póde
A memoria acordar; dar-nos ſeus frutos
Sem ſegundo delicto.

DI-

Digitized by Google

DITHYRAMBO I.

OS brilhantes trançados enaſtrando
Com verde mirto, com cheiroſas flores,
Nos lindos olhos vivo rutilando
O doce lume
Do cego Nume,
Alvas donzellas,
A quem vos ama,
Da creſpa rama,
Que Baſſareu
Ao Mundo déo.

Co' as brancas máos no cópo cryſtallino
Lançai ligeiras
Louro Falerno, rubido Sabino;
Eia, voai
Deitai, deitai;

Gró

Gró gró, tá tá,
Que cheio está:
Ora brindemos
As gentís Graças, castos Amores:
No mar lancemos
Rixas, tristezas, mágoas, temores.

Mas de córadas nuvens, affumados
Vejo em torno girar os negros montes:
Candida espuma
De purpureas fontes
Ferve, e se enleia
Na crespa veia,
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçosas,
Das balsas espinhosas,
Mil capripedos Satiros auritos,
E mil Faunos brincões,
Já vem saltando,
A terra c' o ruidoso pé trilhando.
Sincinnas corêas,
Bistonidas feas
Fórmão bradando
Evoé, Saboé
Amores inspira:
Ó doce Leneo,
Amores bebamos,
Do peito lancemos

Os

Os ſuſtos temores,
Nos cópos já temos
As Graças, Amores.

Evoé.
O Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

As férulas ptotervas coriſcando,
Entre as cervinas péles maculoſas
Derramão brilhantes
Tremulas eſtrellas,
Sobre as ſoltas bellas
Fulguricrinantes
Tranças pampinoſas
Das thyrſigeras Thyadas raivoſas.
Corycio eſcutando
O frigio clamor,
Está ululando
Com triſte fragor.

Sobre o prado ameno
Tremilhicando o pávido Sileno,
Do Ebrifeſtivo cópo que trasborda
Pela micante borda
Deixa entornar, com rubicundo roſto,
O cheiroſo rubi, o quente moſto:
Encreſpou o nariz, e ſacudindo
Os humidos bigodes, ficou rindo.

Digitized by Google

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Com Tyrſo potente,
Em carro luzente
De Tigres puxado,
Dourando eſte dia,
Deſterra o cuidado,
E traze alegria.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Os cópos brilhantes
O bom Nictileo
Em brindes retinem,
E Amor adejando
Co' as azas rorantes,
Se eſtá mergulhando
Em ondas brilhantes.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Digitized by Google

Ao Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva, Socio da Arcadia.

DITHYRAMBO II.

BAcco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio;
Oh que bem que elle sôa! Eu toco; canta
Bacco, Bacco, evoé:
Mas que fazes? Não ouves? Olha, escuta
O estrepito sonoro
Da confusa Thymele.
Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta
Bacco, Bacco, evoé.

Os olhos tens chorosos, somnolento,
Estupido o semblante; rubicundas,
E quentes as orelhas;
O nariz frio; os braços pendurados:
Cambaleias? Tu cahes? Elpino, cahes?
Ah! Já sei; os symptomas bem conheço.
Opprime-te a ambrozia:
Nada-te o coração no licor forte,
Que corre em catadupas pelas veias.

Doce Padre Lyeo, acode, acode,
Acode ao teu Elpino:
Bacco, Bacco, evoé.

Vem,

Digitized by Google

Vem, vem, ó Dithyrambo, ſe as alegres,
Crepitantes Lenêas te não prendem,
Se affogado do fumo dos legumes,
Os olhos esfregando as ventas torces;
Vem, vem, q' eu te prometto
(Por eſta taça o juro)
Devoto celebrar as antheſterias;
Vem, vem Bacco, evoé.

Mas que ouço! Eſcuta, Elpino:
Ouço ao longe ranger os parafuſos
Dos cheirosos lagares!
Deſcendo pelas roſcas grita ayara;
Bom final, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço,
Hum vulto pelos ares vir batendo
Compridas azas; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem máos:
Ah! já na terra pouza;
Vamos Elpino ver; hum Odre, hum Odre!
Es tu Bacco, evoé.

Elpino, toma, bebe
O valente elixir, que nos reſtaura
Das paſſadas fadigas,
Que aquenta os frios membros,
Que faz vermelho o velho deſcorado,
Que alegra a mocidade,
Que o ſomno concilia:
Elpino, toma, bebe,
Bacco, Bacco, evoé. SA-

SATYRA I.

COridon, Coridon, que negro fado,
Que frenezi te obriga a ſer Poeta?
Que eſperas de teus verſos? Ainda eſperas
Pelos antigos ſeculos dourados,
Quando achavão Mecenas bons Engenhos?
Não ſabes que das Muſas Portuguezas
Foi ſempre hum Hoſpital o Capitolio?
Viſte já, que ſeis Urſos arraſtaſſem
Em douradas Berlindas hum Poeta?
Não eſcreve Luziadas quem janta
Em toalhas de Flandres; quem eſtuda
Em Camarins forrados de Damaſco.
Quanto mais que eſſes verſos q' aſſoalhas
São trovas, de que os doudos eſcarnecem,
Sem que lhes valha o titulo eſtrondoſo
Com que talvez pertendes baptizallos:

Odes

Odes lhes chamas tu; elles murmurão.
Não sei de que palavras: outro dia
Me disse Fabio o douto, o longo Fabio,
Que destes bolos o chavão não tinhas;
Que no *Alcaide* fallaste, e nos *Bugios*,
Nos *descalços Trombetas*, termos chulos,
E vedados a melicos cantores.
Pois hum Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros lêo de quantos teve
Ptolomeo, e conserva o Vaticano,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co'a pezada cabeça te martella:
Que furia te tentou com tal *Alcaide*?
Antes Tribuno, ou já Lictor disseses,
E se sabes Francez *Sergent*, seria
Enfeitar o teu cepo mais á moda:
Mas tu não fallas? Callas-te; que dizes?
Que hei de dizer, Calfurnio! Que já cedo
Como Horacio aos prestigios de Canidia,
Que as mãos te deo a ti, e aos bons Letrados
Licurgos, e Ulpianos de palavras,
Com que me allegas, com que me intimidas.
Que alegre borrarei o nome de Ode
Dos versos meus, que por desastre virão:
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tão ligeiro,
Escapar aos Malsins que me pesquizão.
E não fora melhor que te deixasses
De huma Arte desgraçada, que os prudentes
Já calvos Salamões, Padres Conscriptos
Aborrecem, desprezão, e condemnão?

Al-

Almotacel que queiras ſer de hum Bairro,
Excluido ſerás ſendo Poeta.
Antes de ti ſe diga, que perdeſte
O dote da mulher, o pão dos filhos,
Porque Gelonio teve quatro d'honras.
Antes de ti ſe diga, que roubaſte
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaſte as Veſtaes; que em vão juraſte;
Que es Bruxo, Delator, q'es hum falſario:
Tudo o tempo conſome, tudo eſquece,
Tudo dourão riquezas; mas Poeta!
He furia ſem remedio, he cão damnado,
Todos o apupão, todos o apedrejão.
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhões impertigado,
Inda que baxo, e fuſco, vais cuidando
Que reparão em ti, que todos dizem,
Com o dedo moſtrando a má figura:
Eis o grande Poeta, que nos trouxe
A galante invenção de verſos ſoltos,
O contagio das Odes, que atrevido
Quer extirpar a ſeita dos Sonetos.
Mas quanto Coridon, quanto te enganas!
He certo que te apontão; mas bradando:
„ Lá vai o novo Horacio author da Ode „
Varra o crédor ſoberbo a pobre caſa
C' o deſabrido Alcaide circumſpecto
Embicando no *varra*, e mais no *Alcaide*
Põe as mãos na cabeça. Clamão que Odes
Nunca virão com termos tão raſteiros;
Penſamentos, que forão condemnados

Digitized by Google

Nos ruſticos eſcolios de Lucilio.
Baſta, Calfurnio meu, ante os Juizes,
Que tão boa ſentença proferirão,
Quizera retractar-me, e te prometto
De abjurar o eſtilo que ſeguia.
Buſcarei novas fraſes, novos termos,
A lingua fallarei de Palainhos:
Ás minhas trovas, meus humildes verſos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O ſonoro zão zão dos conſoantes,
Mageſtoſas idéas Sybillinas,
E outros taes atavios, com que arreão
Suas compoſições eſſes bons meſtres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O Portico ſagrado de outra Athenas,
Que es Eſtudante, e foſte preſervado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Deſcendente do Adão do grande monte,
Que larga as cans de prata no Mondego;
Por Ancião famoſo, e conhecido,
Vai, e por mim o Oraculo conſulta;
Pergunta ſe tambem o Venuzino
Clara Eſtrella polar, o velho Horacio
Errou na opinião deſſes Cujacios,
Quando chamou ſem pejo dentro em Roma
Ante a face de Auguſto, em ſuas Odes
Garridos Eſpadões, a mil Eunûchos.
Ao bom Afio chamou vil uſurario;
A Mevio fedorento; Maſtim a outro,
Bruxa a Canidia; ſe varou em terra
Seu baixel alteroſo; quando diſſe

De

De hum máo liberto, prodigo, e soberbo,
Que fora do Verdugo cio azurrague
Nas costas fustigado até incharem
Ao gritador Porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebiques lhe cahião
Pelo verde semblante desbotado,
Como o vermelho barro no alto monte,
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enchorrada.
Repara, Coridon, que nessas Odes
As palavras que allegas são Latinas;
Logo póde em Latim dizer-se *Preco*,
Porteiro em Portuguez he condemnado.
Ora, Calfurnio, vai-te; em paz me deixa,
Que nem me lembro já de taes Doutores:
Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos,
Insolentes cachorros da Cidade,
Que ora lhe ládrão, ora lhos assulão,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o lizo agudo dente que branqueja,
Qual a fouce da Morte os intimida.
Justo porém será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada,
Que asśas borbulhas tem para coçar-se.
Que seus versos não leio, que não leião
Elles os versos meus, Odes, ou trovas;
Não lhe quebro os ouvidos, não os canso
C'a importuna lição dos meus Poemas:

N'Arcadia os leio; alguns de seus Pastores,
A quem verde era cinge, e adorna a fronte,
Pejo não tem de lellos, e approvallos.
Que se guardem de mim, porque se peço
Ao Campião de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldita fama bolorenta
De seus célebres Nomes esquecidos,
Illésa deixarei, serão cantados,
E fabula do Povo em toda a idade.

Digitized by Google

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde de S. Lourenço.

SATYRA II.

NÃo poſſo, amavel Conde, ſujeitar-me
A que ás cégas ſe imitem os Antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamamos Quinhentiſtas:
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Forão grandes Poetas; qualquer delles
Foi diſcreto, e foi ſabio; em fim as Muſas
Lhe embalárão o berço, e lhe cobrirão
Com murta, e com loureiro a ſepultura;
Mas nem por iſſo os Pobres eſcapárão
Á culpa original: tem ſuas faltas,
Tem ſeus altos, e baixos, tem ſedeiros,
Onde dá c' os focinhos hum Pedante,
Que vá por onde for ha de ſeguillos,
Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E ſeja bom, ou máo, iſſo que importa?
O ponto eſtá que o diga algum daquelles,
Que Craesbeeck imprimio: ha maior teima!
As Graças são muchachas, são rizonhas,
São faceis, são ſuaves: elles querem

A

Á força pôr-lhe brancas, e bigodes,
E não lhos ſabem pôr: que he o que eu digo?
Imitão o peior; mas não imitão
Os verſos mais canoros, e correntes,
A ſizuda dicção, a fraſe pura;
Aquelle Atico ſal, que não conhece
Quem nunca vio o Portico de Athenas,
Se quer em caixas opticas pintado;
Iſto he Anacreonte traduzido,
Ariſtophanes, Sophocles, e Sapho:
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, Senhor, os feitos
De teus claros Maiores, neceſſitas
De calças, e gibão? Se hoje fahiſſes
Com jaquete, e golilha; quem ſeria
Tão ſério, e tão ſizudo, que pudeſſe
Conter o rizo? Nada te valêra
Reſponder-lhe gritando, que imitavas
Os diſtinctos Avôs, que dos Noronhas
A Proſapia exaltárão generoſa
Nos ſeculos paſſados: Todos ſabem
Que o valor não conſiſte nos veſtidos,
Antes ſeguem as modas. A virtude
Aſſiſte com ſocego inalteravel
Nos grandes corações: Ora eſta regra
Corre a nivel d' altura do Parnaſo.
Imite-ſe a pureza dos Antigos;
Mas ſem eſcravidão, com goſto livre,
Com polida dicção, com fraſe nova,
Que a fez, ou adoptou a noſſa idade.

Ao

Digitized by Google

Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Humas se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fertil Primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despio o Inverno desabrido.
Mudão-se os tempos, mudão-se os costumes:
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos: a energia
Do discurso, e da fraze não consiste
No feitio das vozes, mas na força:
Salvo conforme aos Garrulos Trovistas,
Que não te chamão justo, sem chamar-te
Ou robusto, ou augusto; inda que sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles
Rubens, e Rafael, inimitaveis
Não se fizerão pela cor das tintas;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mor* tem dito tudo:
Que muito, senão ha discernimento,
E reina a affectação! Vejo Pedantes
Trepados em Cadeiras, descompondo
Os mais honrados Cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha; e vejo gente
Prudente, e sabia embasbacar nos gestos
Do Mono petulante. Muito póde
A opinião, a teima, ou o capricho!
E o Pedantismo póde mais que tudo;
Pois arrasta a Razão, piza a Verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,

Voa

Voa por eſſes ares, ſobe ao cume;
Onde a vaidoſa Idéa ergueo o Templo
Da fantaſtica Fama. Alli ſe abraça
A Soberba, e a Vaidade co' a Preguiça:
Vive a Ignorancia alli, dalli pertende
Dictar as leis ao Mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?
Que Demonio me inſpira alegorias,
Sem permiſsão do Tribunal Cenſorio
Dos Criticos modernos? Não he moda
Hum Eſtro nobre; tudo eſtá mudado:
Ha Pragmatica nova, eſtreitas regras,
Que obriga a jejuarmos Poeſia
Tão longa quarentena; e não me eſpanta
Ver Poetas myrrados, ſe a abſtinencia
Das Clauſuras fogio para o Parnaſo.
Os nobres Portuguezes, Chriſtãos velhos,
Acaſo são Gentios, como forão
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem couſas inauditas?
Fabulas novas? Baſtão as pinturas
De quatro bagatellas: huma fonte,
Hum boſque, hũ rio, hũ campo, hũ arvoredo,
Hum rebanho de cabras, dous Paſtores
Com cajado, e ſurrão; huma Paſtora,
Que ſe eſtá vendo n'agua: ha melhor couſa?
Quem póde fazer mais? Que nos importa
Que o verſo ſeja frouxo, ou deslocado,
Sem Grammatica a fraſe, ſem pureza,
E ſem graça a dicção; ou em fim tudo
Sem connexão, ſem ordem, ſem juizo?

O

O caſo eſtá que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, ſem que eſqueça
A gaita do Paſtor, nem os abraços
Da ſimples Paſtorinha: e que as palavras
Sejáo humildes, velhas, e caducas,
Se quer de quando em quando. Ah Senhor Conde!
Se iſto he ſer bom Poeta, bom Poeta
Eu o prometto ſer em pouco tempo;
Mas tu, Senhor, bem ſabes quanto cuſta
Ser fidalgo da caſa do Deos louro:
Não ſe compra a diſpenſa com dinheiro,
Nem vale ter o Pai no Deſembargo;
Mas he preciſo grande genio, longo,
E eſcolhido eſtudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; converſar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite; alli ſe faça branco
O cabello, que foi ou preto, ou louro.

EPI-

Digitized by Google

EPISTOLA I.

SE á ſombra dos loureiros ſempre verdes,
Que naſcem junto ás aguas de Aganipe,
Inda, Amigo, te encoſtas ſocegado:
Se das ſoltas correntes, que do cume
Do frondoſo Parnaſo eſtão cahindo
Por entre frias, e muſgoſas pedras,
Sem nunca te fartares, ainda bebes:

Se

Digitized by Google

Se as graciosas Musas te rodêão;
Encosta a curva Lyra sobre o peito,
As aureas cordas fére, escreve a Olino:
Se a Rithma, como escravo, te traz prezo,
Perdida a liberdade, ao duro cepo;
Québra as fortes cadêas; não he justo
Que o contínuo zum-zum do consoante,
Que o ouvido agita só, a alma não,
Esfrie o fogo, que na idéa nasce:
Não busques pensamentos exquisitos
Em denegridas nuvens embrulhados;
Não tragas não metaforas violentas,
Imitando esse Corvo do Mondego,
Que entre os Cisnes do Téjo anda grasnando:
Usa da pura lingua Portugueza,
Que aprendido já tens no bom Ferreira,
No Camões immortal, em Sousa, e Barros:
Em Grego não me escrevas, nem Latim;
Dá-me conta da tua larga vida:
Desejo que me digas se inda preza
No pensamento trazes a Cachopa;
Se com tres companheiros n'uma banca
De panno verde ornada o Whist jogas;
Se ouves fallar Francez; e se inda lavra
O mal, de que hoje tantos adoecem;
Fallo daquella praga desastrada
Dos enfermos Poetas, que não querem
Os remedios tomar para sararem:
Conta-me em que exercicios vás gastando
O tempo, que lá tens; se ao som do rio
Compões os brandos versos, com q̃ arrancas

Do

Digitized by Google

Do cume das montanhas levantadas
Os arreigados Cedros para ouvir-te.
Eu, Amigo, depois que te deixei,
Triſte vejo naſcer, e pôr-ſe o Sol;
Os mais dos dias paſſo em minha caſa
Sentado n'um banquinho, e recoſtado
N'uma deſpida banca; poucos livros,
Algum papel, com pennas, e tinteiro
He quanto ſó me adorna o eſtreito quarto:
Alguns Amigos tenho, mas diſtantes;
Nem cavallos, nem ſeges á bolea
Tenho para tão longe ir viſitallos:
Temo de ſahir fóra.... Ah não te engano,
Temo de ſahir fóra: Deſta banda
Me empurra o aguadeiro, e de eſtoutra
Me atropella a Saloia co' ſeu macho;
Hum vem á redea ſolta no rabão,
Outro corre no coche á desfilada;
Para eſta parte fujo, eis-que de ſima
Sobre mim vem a çuja caldeirada;
Os confuſos, os vagos pregoeiros,
Os ouvidos me atrôão com ſeus gritos;
Hú „ Quê as flores merca „ Outro os polvilhos!
Então eu cá comigo vou dizendo:
„ De que ſervem polvilhos a hum Poeta,
„ Se a hum filho de Apollo o verde louro
„ He o melhor adorno, he todo o fruto?
Deſta ſorte não poſſo, caro Amigo,
Novidades contar-te cá da Corte.
Pois que te contarei? Eu ſei ſómente
Que entrão náos pela barra, e ſahem náos
Com

Com as vélas inchadas; ſei que corre
Para o ceruleo mar o louro Téjo;
De Lisboa, e das Cortes Eſtrangeiras
Não ſaberei dizer-te couſa alguma,
Que o tempo todo gaſto em ler Virgilio
No meu pobre, mas certo domicilio.

Digitized by Google

Digitized by Google

Ao Senhor Doutor João Evangelista.

EPISTOLA II.

QUal ſordido Pedreiro, que doente
De hum Hoſpital jazeo no leito pobre,
Quando torna dalli convaleſcido,
Mais esbelto, pellado, e macilento,
Em caſa não acerta com a trolha,
Picareta, e colher; tudo lhe falta:
Aſſim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que as de Lamego,
Em funebres idéas mal gaſtadas,
Com pennas, e papel não ſei haver-me.
Quero graſnar em verſo, mas não poſſo:
Dos olhos me fugio o ſanto lume,
Que me guiava ao cume do Parnaſo.
Por fatuo me tivera, ſe a Fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me déſſe dous raboes com tres lacaios
Brilhantes, rendas finas, e velludos,
Que bécas são de tolos, e caſquilhos.
Mas de Poeta, Amigo, ſó me reſta
Deſaſtres, e miſerias, filhos rotos,
De valadio o tecto, a vinha calva,

Ca-

Caſeiros, Arquitectos, e criados
Mais duros que as Cataſtas de Perillo:
E neſte bom eſtado me provocas
A cantar, e tanger na doce Lyra.
Que ha de fazer hum Cyſne deſazado;
Hum canſado rocim, que já não chega
Á méta deſejada, ſem mil vezes
Cahir, dando aos ilhaes na liza arêa?
Mas ſe pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heytor dos fervidos cavallos,
Do colerico Achilles arraſtado,
Tingindo a dura terra o negro ſangue?
Supponho que a metafora percebes:
O Nadegas, que viſte esfrangalhado
A paſſapello vir da pobre Aldêa;
Porque lhe devo já huns tantos mezes,
Me ralha, e me governa focinhudo;
C' o rabo agazalhado, já capeia
As aias, as raſcoas da cozinha:
Eu delle me recato, ſó me falta
Lucrecia vir a ſer deſte Tarquino.
Agora te ris tu; e Manoel Gomes
O nariz encreſpando, te pergunta
Que fabulas são eſtas? Não lhe expliques
O ſentido moral; deixa-o confuſo:
Não convem que criados tudo ſaibão.
Dize-lhe que ſou doudo, que deſprezo
Opulentas heranças; que inflexivel
Com ſemblante ſereno, e ſocegado,
Não me canſa ſoffrer a mão pezada
Da Fome, e da Penuria; não me eſpanta

A

Digitized by Google

A carregada nuvem da Desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.
Nem sonho com Perdizes, nem Lampreias;
Com mui pouco se calão meus desejos:
A males sempre affeito, não se accende
Na torpe fantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, beneficios,
Promessas, e presentes póde hum velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe já sangrado desconfia,
Se vê surdir a isca á tôna da agua.
Eu que o trapo mordi, e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,
Nunca mais cahirei em esparrellas.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que Poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; attento escuta.
Naquelles priscos tempos que fallavão
Os animaes, as arvores, as pedras;
O cerval Lobo, a cálida Raposa,
Em Juizo accusáva, e lhe pedia
Restituição do furto que fizera:
Hum Mono petulante, mas sizudo,
Era o Juiz, que as partes escutava;
E lançando a sentença, disse ao Lobo:
Não julgo que te falta o que tu pedes;
Porém creio, ó Raposa, que roubaste
O que negas com tanta subtileza.
Esta Fábula, Amigo, nos ensina,

Que quem mente por genio, e por coſtume,
Quando diz a verdade, não he crido.
Agora applica o conto; e lá comtigo
Péza bem as razões, as vans promeſſas
Com que hum aſtuto Velho marralheiro
(Até que leſte Tacito, e Comines)
Te fez eſtar quieto, e allucinado,
Tirando-te por arte de Berliques,
Do nariz caſcaveis, fitas da boca.
O prazo de Valdeſte são os filtros
Com que eſta Circe torna em Leões fulvos,
Em ſedeudos Pórcos grunhidores
Do ſabio Grego os fortes companheiros,
Que em falſas apparencias embebidos,
Entrão nos Paços da famoſa Bruxa.
Não julgues tão boçal eſte moléque,
Que ſaia da cenzala por miſſanga.
Ao Minho paſſarei, ſe tu quizeres,
Nos altos tectos, onde já brilhárão
Precioſos rubins a agazalhar-me;
E ſem mais eſperança, que o deſejo
De ver-te, de tratar-te, e de paſſarmos
Bocejando a miúdo as frias noites
Do enregelado Inverno, que já chega,
Á roda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos; d'entre o brazido,
Saltando as rebordans, que na deveza
O Domingos colheo inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se dourão os Carrinhos ſem dinheiro;
Como tuſa o Joſé, como o Lourenço,

Que

Que Duque foi no pateo, e Conde em Cintra,
Agora se vai pôr a Chapeleiro;
E a pállida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras prezilhas:
E se disto me ouvires, te enfadasses,
Tangendo a doce Lyra em brando verso,
Mil hymnos cantaria á tua Laura,
A Tia Catharina, Dulcinea,
Por quem vences Chymeras, e Gigantes.
E tomando no lar hum carvão liso,
Te pintára o retrato na parede
Daquelles olhos onde tu suspiras,
Por quem vives, e morres de saudade.
Que facil he sonhar felicidades!
Tu já rico me crês; eu já supponho,
Agora que te escrevo, e que te fallo:
Mas esta Scena subito se muda;
O Chico mostra rotos os çapatos;
Huma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;
Á porta está batendo o Alfaiate.
Se alguem aos cães lançou os patrios ossos;
Se foi traidor á Patria, se he falsario,
Seja lançado a filhos, e crédores.

FALLA

Do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar huma Eſtatua pelo ſeu bom governo, o que elle não conſentio.

NÃo, Luſitano povo, eu não conſinto
Que Eſtatua ao meu Nome ſe dedique:
O amor da Patria, o zelo da Juſtiça,
Não ſêde de mandar, ou da vangloria,
Me fez tomar as redias do governo:
Se fui clemente, juſticeiro, ou pio,
Obrei o que devia. He mui pezada
A ſujeição do Sceptro; e quem domina
Não tem a ſeu arbitrio as Leis ſagradas:
Fiel executor deve cumprillas;
Mas não póde alterallas. He o Throno
Cadeira da Juſtiça: quem ſe aſſenta
Em tão alto lugar, fica ſujeito
A' mais ſevera lei: perde a vontade;
Qualquer deſcuido chega a ſer enorme,
Deteſtavel, ſacrilego delicto!
Quando no horizonte o Sol eſpalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguem a admira, todos o conhecem;
Mas ſe eclipſado acaſo ſe perturba,
Neſſe inſtante infeliz todos ſe aſſuſtão;

To-

Digitized by Google

Todos o obſervão, todos o receião.
Logo ſe premiei ſempre a Virtude,
Se os Vicios caſtiguei, nada mereço.
E não queirais, Vaſſallos generoſos,
Liſonjeiros tentar minha conſtancia,
Honroſa Eſtatua pertendendo erguer-me,
Porque bem vos regí; pois eu não devo
Condeſcender comvoſco: infamaria
Da alta Virtude as maximas conſtantes,
Com que auſtéro emprendi o Regio Throno,
O acaſo defender dos vicios torpes:
Se delle affugentei ſempre a Mentira,
A Liſonja infiel, o aſtuto Engano;
Não queirais offuſcar minha memoria,
Provocando-me a collocar no Solio
Hum injurioſo exemplo da vaidade,
Hum padrão da liſonja. A fama illuſtre
Deve durar na tradição intacta,
Sem a nota de fragil. Fora impropria
A gloria que me dais, ſe neſſa Eſtatua
Deſcobriſſem os Seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
Vós meſmos, voſſos filhos, voſſos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconſelhados;
A meſma Eſtatua, que quereis attentos,
Agradecidos hoje levantar-me,
A' manhã ſe veria derribada
Em pedaços jazer: com páos, e pedras
Os olhos lhe tirarem; que a Fortuna,
Ligada co' a Inveja, e co' a Soberba

Digitized by Google

Não deixa durar muito os Elogios.
Porém ſe vós, Illuſtres Portuguezes,
Deſejais conſervar meu Nome eterno;
Não he preciſo o Marmore ſoberbo,
Baſta-me a tradição de pais a filhos,
Com fiel ſaudade tranſmittida.
Eſte o Jaſpe, eſte o Bronze, em que pertendo
O meu Nome eſculpir; chegue aos vindouros,
Sem perder o caracter, que o fez grande:
Lembre-ſe o benemerito do premio;
Recorde-ſe o culpado do caſtigo;
Todo o Reino do público deſcanço,
Em florente commercio em paz ſegura:
Mas haja quem ſe lembre deſte caſo,
E quem diga, que rejeitei modeſto
As honras de huma Eſtatua; e que eſtas honras
Quem chega com juſtiça a merecellas,
Tambem ſabe atrever-ſe a deſprezallas.
Acabou de fallar; e os circumſtantes
Immóveis, e calados parecião
Outras tantas Eſtatuas dedicadas
A' regencia feliz do ſabio Infante.

A'

Digitized by Google

A' feliz Acclamação do Senhor Rei D. José I. de gloriosa memoria.

ROMANCE

HENDECASYLLABO.

SUbi, Senhor, ao Throno Lusitano
A restaurar a perda de hum Monarca,
Que chora Portugal, para que seja
Allivio da saudade a semelhança.

Acceitai os obsequios da lealdade,
Que o Reino vos tributa, e vos consagra,
E em reciprocos votos a ventura
Illumine de amor a nobre chamma.

Arda nos corações, que a augusta idéa
Das heroicas virtudes nos abraza,
Debuxando o Prototypo dos cultos
A imagem da Justiça, que se exalta.

Ac-

Digitized by Google

Acclama, Lysia, o Numen respeitado,
Que a Regia succesſão o Sceptro chama:
Oução medrosas nos remotos Climas
O Augusto Nome, as Nações estranhas.

Asia rica, theatro das victorias,
Que o Luso esforço consagrou á Fama,
Nas ribeiras do Ganges fertiliza
Para novas conquistas, novas Palmas.

Nas entranhas, da America opulenta,
Ao brilhante metal, Delfica chamma,
Para Diademas vos formar eternos,
Vivifique em preciosas abundancias.

Na barbara região de Africa adusta
Temerosa a ousadia Mauritana
Veja eclipsar as luas dos turbantes,
A ruina que o Tejo lhe prepara.

Os écos bastarão do vosso Nome,
Para que Europa toda attenta, e sabia
Na construcção do estatico socego
De Portugal respeite as alliancas.

Moderem os impulsos da piedade
Das justas Leis a execução sagrada,
Sem que a justiça ao merito se negue,
Sem que o delicto indotado se faça.

Na

Na diſciplina militar ſe enſaia
O Luſo braço, que empunhando a eſpada
Será nobre terror dos inimigos,
Será da Patria invicta ſegurança.

Na protecção das letras felizmente,
Do voſſo influxo a erudição renaſça:
Os Virgilios, os Tullios ſe deſcubrão,
Que atégora Lisboa occulta avara.

Doutas maximas, Ethicas doutrinas,
Miniſtros ſejão das acções preclaras,
Que entre os myſterios da razão de Eſtado
Hão-de mover as bellicas campanhas.

Em fim, Senhor, a gloria Portugueza,
Que Europa admira, que reſpeita a Aſia,
Torna a brilhar nos ambitos do Mundo,
Donde o Sol morre, aonde a Aurora raia.

Vivei feliz, e governai glorioſo,
Do Mundo eſpanto, admiração da Patria,
Oſtentem para aſſombro do futuro
O ouro Lemas, os pórfidos Eſtatuas.

Vivei, reinai, o Tempo vos reſpeite
Ou abſorto, ou rendido, em quanto a Fama
No Templo da Memoria vos deſenha
Eternos buſtos, inclytas medalhas.

MO-

Digitized by Google

Digitized by Google

MOTE.

Marte, faze-te da moda,
E teus temores desterra,
Que os Soldados desta Era
Trazem por moda huma roca.

GLOSA.

SE queres ser namorado
Da moça mais perfumida,
Deixa de Paizano a vida,
Senta praça de Soldado:
Traze chapéo cerceado,
Espadada a testa toda,
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro comtigo;
Pois he moda tal castigo,
Marte, faze-te da moda.

Não

Não temas a reluzente
Sanguinosa espada fria;
O pelouro, que assobia,
E que mata de repente:
Nem petardo, que estridente
A' dura porta se afferra:
Busca o desprezo da guerra
Com torvo irado semblante,
Faze-te forte chibante,
E teus temores desterra.

Com retorcidos bigodes
Os antigos Cassuletes,
Sem rabichos, nem topétes
Trezandavão mais que bodes.
Marte, da moda bem podes
A roca brandindo fera
Mostrar, que não foi nem era
Gente de tanto valor
Para batalhas melhor,
Que os Soldados desta Era.

Inda que a roca se ponha
Como carocha aos poltrões,
Hoje seiscentos Roldões
Não tem da roca vergonha.
Empestados desta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes cóca
Em trajes de Cruz-Diabo,
Nos mostrão por moda o rabo;
Trazem por moda huma roca.

MO-

MOTE.

De que me ſerve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te?
Sujeitar-me a teus preceitos,
E vir outrem a lograr-te?

GLOSA.

DE que me ſervem gemidos
Ao Ceo vámente eſpalhados?
Se a meus rogos magoados
Cerras, Marilia, os ouvidos?
Se mil extremos perdidos,
Perdidos ſó por mover-te
Chegão, Cruel, a offender-te:
Se nada em fim me deſculpa,
Antes, o querer-te he culpa,
De que me ſerve o querer-te?

De

De que me serve? Que vale,
Que o pranto meu pezaroso,
Qual ribeiro caudaloso
As duras penhas abale?
Grite, murmure, ou me cale,
Nada chega a magoar-te:
Quem he que póde abrandar-te?
Se para, Ingrata, mover-te
De nada serve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te.

Cuidei que viver atado
Ao grilhão da Tyrannia,
Em compaixão trocaria
Tão estranho desagrado.
Vejo-me desenganado;
Vejo em lagrimas desfeitos
Meus olhos, que tão sujeitos
Teu duro imperio rendeo;
Nada, Marilia, valeo
Sujeitar-me a teus preceitos.

Mas he tal o meu tormento,
Que hei-de com gosto soffrello;
Pois imaginar perdello
Inda he maior sentimento.
Não, Marilia, o pensamento
Não sabe deixar de amar-te;
Antes escolhe encontrar-te
Sempre ingrata, sempre esquiva,
Que ver-te em fim compassiva,
E vir outrem a lograr-te.

MO-

Digitized by Google

MOTE.

Tudo faz o Padre Antonio.

GLOSAS.

I.

A Negra Melancolia
Com os olhos no chão póstos,
Suspiros, pranto, desgóstos
Sobre os mortaes diffundia:
Quando a rizonha Alegria
Apparece a tempo idonio,
E como o brando Favonio
Dissipa a nuvem do pranto;
Mas tornar em doce canto
Tudo faz o Padre Antonio.

II.

Tu fazes, Delfim sonoro,
Mudar em consolações
As penosas afflicções
Com o instrumento canoro:
Fazes que do Pindo o coro
Por ti deixe o lago Aonio;
Fazes descer do Telonio,
Por te ouvir o Deos Luzente,
E tu fazes.... Finalmente
Tudo faz o Padre Antonio.

CAN-

CANTIGAS.

DO campo de Rio-frio
Já vierão os Soldados,
Trazem corações de bronze
Em dura guerra enſaiados.

Ferozes, e carniceiros,
Arraſtão duros Canhões,
Ameaçando ruinas,
Incendios, roubos, traições.

Com pifaros, e tambores
Nos atroão os ouvidos:
Os fundos valles, os montes
Gemem do eſtrondo feridos.

As bandeiras de Cupido
Deſamparárão traidores,
De linhas, e baterias
Se eſpantárão os Amores.

De improviſo ſe levantão
As brancas azas abrindo;
Ora nos áres ſuſpenſos,
Ora ás eſtrellas ſubindo.

As

As ſettas, que lhe cahírão
Ficão no campo pizadas,
Rotos os ſonoros arços,
As vendas deſpedaçadas.

Succeſſo tão laſtimoſo
Andão as Moças carpindo;
Soltos os louros cabellos,
Deſcorado o roſto lindo:

Nas curvas margens do Téjo,
Que lambe a creſpa corrente,
Para onde fugio Amor
Perguntão triſtes á gente.

Pelos aſperos outeiros,
Com ſeu pranto rociados,
Humas bradão por Cupido,
Outras praguejão Soldados.

A ſeus férvidos gemidos,
O pobre não lhe reſponde;
Antes com pânico medo
Até das Moças ſe eſconde.

Teme, que até nos Paizanos,
Galharda gente mimoſa!
Se atêe o fogo voraz
Da feia guerra eſtrondoſa.

Nunca mais com brando rôgo,
Com reciprocos ſuſpiros,
Sujeitará coraçôes
A ſeus laços, a ſeus tiros.

Fugio Amor, eſcondeo-ſe,
Levou comſigo a alegria:
Murchárão-ſe as lindas flores,
Apagou-ſe a luz do dia.

Mas quem quizer ſaber onde
Eſcondido Amor eſtá,
Venha ver de Lylia os olhos,
As fréchas de Amor verá.

Ah! Fecha, Lylia, teus olhos,
Não deixes ſahir Amor,
Em quanto ouvires das armas
O deſabrido fragor.

Eſpera que a Paz dourada
Tornando ao cóllo os Amores,
Com os cucáres dos Elmos
Empennem ſeus paſſadores.

Deixa, que ardidos Ginetes
Rompendo os campos talados,
Em vez de bellicos Sagres,
Arraſtem curvos arados.

En-

Digitized by Google

Então á ſombra dos ramos,
Que eſtende o Carvalho annoſo,
A caſta Pomba arrulando
Chamará o fido Eſpoſo.

Então co'a frauta ſonora
Modulando em defafio,
O teu nome enſinarei
Ás manſas aguas do rio.

Digitized by Google

ENDECHAS
A DUO.

Paſtora. QUem amor não tem,
Não tem coração,
De branda affeição
Alma ſe mantem.

Paſtor. Mas quem amor tem
Serve á crueldade,
E da liberdade
Não conhece o bem.

Paſtora. De dous corações
Reciprocas dores
Dos gentis Amores
São arco, e farpões.

Paſtor. O lindo volver
D' huns olhos rendidos
Em peitos feridos
Derrama o prazer.

Paſ-

Digitized by Google

Paſtora. Deſeja dizer
Balando o Cordeiro
No valle, no outeiro,
Que ſabe querer.

Paſtor. O pégo do mar
A praia nas fragas,
Quebrando mil vagas
A vem abraçar.

Paſtora. Que bom fora Amor
Se fora leal;
Mas he grande mal,
Que ſeja traidor.

Paſtor. Se em Amor não ha
Singelas tenções;
De enganos, traições
Quem não fugirá?

Paſtora. Bem poſſo moſtrar
Quem te amá fiel.
Paſtor. De quem he cruel,
Que devo eſperar?

Paſtora. Se me amas, Paſtor,
Sou fida Paſtora.
Paſtor. Se não es traidora,
Já creio em Amor.

Am-

Digitized by Google

Ambos. Que doce prazer
Não sente quem ama;
Pastora. Tão suave chamma
Deixemo-la arder.

EN-

Digitized by Google

ENDECHAS.

EM mil agonias
Cercado de abrolhos
As noites, os dias
Me deixão Licoris.
Depois que teus olhos
Os meus cativárão,
E me sujeitárão
A tanto rigor.

Se tratas assim
Com tal tyrannia,
Quem por ti se inflamma
A quem te não ama,
Que mais lhe faria
O teu desamor?

Digitized by Google

CANTIGA.

CUidava que Briolanja
Era branda, como bella,
Cuidava que era Marmanja,
Mais tenra do que Vitella.

Mas ai, ai, ai,
Ella he cem vezes,
E cem mil vezes
Muito mais dura,
Que onça esfaimada,
Loba malvada,
Que na espessura
Degolla as rezes.

Digitized by Google

THEATRO
NOVO.
DRAMA.

Digitized by Google

ACTORES.

APRIGIO FAFES, *Pai de Aldonſa, e Branca.*

ALDONSA. } *Filhas de Aprigio Fafes.*
BRANCA. }

ARTUR BIGODES, *Mineiro, e Compadre de Aprigio.*

JOFRE GAVINO, *Muſico, e Meſtre de Aldonſa.*

INIGO, *Actor.*

BRAZ LICENCIADO.

MONSIEUR ARNALDO, *Architecto.*

DOUTOR GIL LEINEL, *Poeta.*

SCE-

Digitized by Google

SCENA I.

APRIGIO, ALDONSA, e BRANCA.

APRIGIO.

Mil vezes, Filhas, já vos tenho dito,
Que noite, e dia penſo, e que repenſo
Em eſtado vos dar: o Ceo bem ſabe,
E bem o ſabeis vós, quanto o deſejo;
Mas o tempo correo-me tão aveſſo,
Tão contrario ás magníficas idéas,
Que não acho hum Piûga a quem ſe poſſa
Empurrar huma Filha, ſem mais dote
Que ſeus olhos azues, louros cabellos.

AL-

Digitized by Google

ALDONSA.

Solteiras, e comtigo viviremos
Honradas, e contentes.

APRIGIO.

Caras Filhas;
Eſte emprego de Zangano, que tenho,
Com a alcunha de Corretor dourado,
De todo deo em droga, eſtá perdido:
A cada canto hum Myrra tópa a gente,
Tão caſado co' a burra, e tão cioſo
Dos lacrados cartuxos, que primeiro
Callado deixará vaſar-lhe hum olho,
Que pregar-lhe hum callote: não ſe atreve
A bulir nos dobrões: dos proprios dedos
Deſconfia, e ſe doe: os chicos guarda
Quaes medalhas dos Ceſares antigos.

BRANCA.

Inda, meu Pai, te não pedimos dote;
Deixa correr o tempo, caſaremos.

APRIGIO.

Algum dia (que tempo venturoſo!)
De lá de cima vinhão a cardumes
Eſcudeiros Serriz, rolhos Morgados,
Com Solares no concavo da Lua:
Pouſavão na Beteſga, ou no Cachimbo,
E mandavão chamar-me logo, logo
Por hum lacaio, ou pagem de polainas:

O

Digitized by Google

O biſonho Jangaz me deſcobria
O fraco de ſeu amo: eu lhe levava
Relogios, eſpadins, outras miſangas:
Tudo o boçal Jalôfo cobiçava;
Tudo ſe lhe vendia á queima roupa,
Gato por lebre: eu meſmo vi hum deſtes
Por tres dobras pagar huma pintura
Do Zeuxis do Caſtello; e mui ſiſudo
Jurar que era o painel de Ticiano:
Mas tudo o tempo gaſta, tudo leva.

ALDONSA.

Hoje os meſmos caloiros são ladinos.

BRANCA.

Capazes de lograr-nos.

APRIGIO.

Porém, Filhas,
Quando mais deſatados rijos ventos
Pela breada enxarcia ſilvão, quando
O mar no fundo muge, então nos tópes
Apparece Santelmo aos navegantes.
Deſcoberto já tenho outro caminho
De em breve enriquecer, e de caſar-vos:
Ajuſtei huma nova Companhia
De Comicos, e Muſicos chapados,
Por via de teu Meſtre, minha Aldonſa,
Do bom Jofre Gavino: tambem nella
Inigo quer entrar: eſta noticia
Bem creio, Branca, não te defagrada.

Pa-

Para a deſpeza do Theatro novo
O dinheiro me empreſta meu Compadre
O grande Artur Bigodes, que na frota
Veio ha pouco do Rio; e vem potente,
Traz infindo dinheiro, Papagaios,
Araras, e Bugios; traz mil couſas.

ALDONSA.

Bom proveito lhe faça: e que tiramos
De rico, ou pobre vir hum avarento?

APRIGIO.

O bico tem revôlto; mas podemos
O vélo toſquiar-lhe com bom geito:
Finge tu, minha Aldonſa, que lhe queres;
Chora, ſuſpira, ri-te, a mão lhe beija,
Expõe-lhe o deſamparo em que ficaſte,
E tua irmã, por morte de Mafalda,
Boa Mãi de voſsês, delle Comadre.

ALDONSA.

Triſte empreza, meu Pai! E na verdade
Que fingir-me não ſei; mas quando ſaiba,
Hum velho tão ſagaz, e tão matreiro
Não cai em eſparrelas.

APRIGIO.

Velhos, moços,
Em todos igualmente ſe deſcobrem
As tyrannas paixões, a pouca força
Da pobre natureza.

AL-

Digitized by Google

ALDONSA.

De que modo
Posso vencer o natural antojo,
Que me domina, em vendo arregalados
D' um velho destes, os fumidos olhos?

BRANCA.

Antes, querida Mana, nada custa
Enganallos, rendellos; que esta gente
Com pouco se contenta: hum leve riso,
Qualquer agrado os enche de vaidade.

APRIGIO.

Tu, Branca, es minha filha; tu sahiste
A tua Mãi, sigana refinada,
Que as almas attrahia: era esta casa,
Em quanto viva foi, era huma Corte;
Grandes, pequenos, todos aqui vinhão
Beijar a pedra d' Ara; as carruagens
Não cabião na rua: mal entravão
Huns, outros já sahião. Que Matrona!
Sempre te carpirei, alma ditosa,
Honra, e gloria dos Fafes! Porém, filhas,
Quem morreo, já morreo, nós que ficámos,
Façamos por viver; e não se vive
Sem a fome matar.

ALDONSA.

Sim; mas a Mana
Sabe contrafazer-se, que eu não posso.

APRI-

Digitized by Google

APRIGIO.

Aldonſa, Aldonſa, que reſpoſta he eſſa?
Aſſim pagas o amor com que te trato?

BRANCA.

Meu Pai, a Mana zomba; deſcanſado
Podes cuidar no mais, que o velho he noſſo.

APRIGIO.

Aldonſa, filha minha, ao velho, ao velho,
Se allivio queres dar a hum Pai canſado,
Que tanto bem te quer, e que deſeja
Ver-te caſada c' um Senhor de terras,
Rodando pelas ruas de Lisboa
Em dourado carrinho, inda que berre
O triſte Corrieiro, que bom homem
Acreditou a lábia do Morgado:
Mas vão voſsês compôr-ſe, e vão veſtir-ſe,
Para mais engodallo. Ei-lo que chega:
Vão-ſe, que logo as chamo.

SCE-

Digitized by Google

SCENA II.

Artur, e Aprigio.

APRIGIO.

MEu Compadre,
Cuidei que já não vinhas.

ARTUR.

Essa he boa!
Eu sou Pilatos; o que digo, digo;
Pão, pão, queijo por queijo: Artur Bigodes
Tem palavra de Inglez.

APRIGIO.

Assás conheço
O muito que te devo: e que me dizes
Do projecto de que tratámos hontem?

ARTUR.

Amigo, amigo Fafes, o negocio
Seus laivos tem de jogo; quasi sempre
Vale mais a fortuna, que a sciencia:
O coração prefago, he o Piloto
Com que se arroja ao mar quem Deos ajuda:
Ha delgado Chatim, que mal entende
Que dous, e tres são sinco, e sempre ganha,
Ou no contrato lance, ou na commenda:

Digitized by Google

E quantos vemos nós com Guarda-livros,
Com seiscentos caixeiros zigues-zigues,
Dar c'os bodes na arêa; e nas esquinas
O bom nome servir-lhes de Epitafio!
Mas deixando preambulos, approvo
A idéa do Theatro; he bom projecto;
O ponto só consiste em desbancarmos
O da rua do Conde, e Bairro Alto.

APRIGIO.

Senhor Artur Bigodes, meu Compadre,
Quem tem tão bom amigo, não duvida
De abalançar-se á mais custosa empreza:
Este meu tal, e qual pouco bestunto,
O trago prenhe sempre, e recheado
De soberbas idéas; mas não tinha
Calor bastante na myrrada bolsa,
Para o braço chegar a executallas.
O Ceo bem sabe, quantas vezes, quantas,
Vociferando, disse: Em hora infausta,
Por longos mares, d'entre nós fugindo,
Se ausentou meu Compadre Artur Bigodes;
Coração de Alexandre, farto amigo,
Pé de Boi Portuguez; mal empregado
Nos desertos Certões dessas Arabias,
Entre gente boçal, entre hugios!

ARTUR.

Manso, fiel amigo, essas lisonjas,
Carapuça não são desta cabeça;
Sou amigo, e Compadre; isto me basta;

Fa-

Digitized by Google

Faço o que devo: vamos adiante.

APRIGIO.

Tanto que a Frota veio, huma alma nova
Senti pular no peito; a fantasia
Entrou a erguer palacios, e castellos:
Vi Dragos, Serpes vi: quando sonhava,
Vologeso, e Catão me apparecião
Com punhaes, e cadêas: acordava
Aturdido de caixas, e trombetas:
Estes, e outros projectos me inspirárão
A idéa de hum Theatro: eu sempre tive
Bom dedo para a cousa: fiz marmotas;
Varias Famas vestí, e Cruzdiabos
Para os Cirios do Cabo, e d' Atalaia.

ARTUR.

O dinheiro está prompto; agora falta
Quem nos arme a charola.

APRIGIO.

Caro amigo,
A teu arbitrio entrego, e deixo tudo.

ARTUR.

A mim, Aprigio? Fóra; não sou desses,
Que emprestando dinheiro com usura,
Dão mil regras depois de economia
Ao pobre padecente; que corrido,
Como cão com funil atado ao rabo,
Vai ladrando, e fogindo á furriada.

Digitized by Google

APRIGIO.

Sempre graça tiveſte: apaſavrados
Alguns ſujeitos tenho intelligentes;
Architecto, Poeta, bons Actores,
Hum Muſico chapado; e para Damas
As minhas duas filhas, Branca, e Aldonſa;
Ambas filhas de peixe, ambas formoſas.

ARTUR.

Pois iſſo he ouro ſobre azul; que o povo
Ou dorme, ou ri, ſe vê huma Tapuia
Arrancando ſuſpiros empreſtados,
Torcer os veſgos olhos, e moſtrar-nos,
Abrindo a negra boca, que he cerrada.
Eu empreſto o dinheiro; mas declaro,
Que iſto ſe entende em quanto as Damas forem
Engraçadas, formoſas, e bem feitas;
Que para vir gaſtallo com ſerpentes
Não o ganhei, paſſando tantos dias
Por duros môrros, por incultas fragas;
Talvez comendo carne de Macacos.

APRIGIO.

Baſta, Compadre, baſta; as minhas filhas
Muito bem ſabes como são galantes;
Aldonſa ha de fazer primeira Dama;
Branca, a ſegunda: tu verás pendentes
De ſeus traveſſos olhos todo o povo:
Tantos os corações, tantas as Troias,
Em amoroſo incendio chammejando:

Tu

Digitized by Google

Tu mesmo, meu Compadre, sem remedio;
A pezar dessas cans, embaraçado
Has de sentir-te na Vulcanea rede.

ARTUR.

Eu não sou tão sizudo, nem tão velho,
Que viva por demais; em fim, sou homem;
Nem tive nunca coração de pedra;
E pouco bastará para mover-me;
Muito mais as paixões, que docemente
Os animos revolvem.

APRIGIO.

Ora vou-me
Chamar a nossa gente, para vermos
Em que alturas estamos: entre tanto
Te chamo as raparigas. Branca? Branca?
Aldonsa? Venhão cá. A Deos, Compadre. *Vai-se.*

SCENA III.

ALDONSA, BRANCA, e ARTUR.

ARTUR.

COmo formosa vens, Aldonsa bella!
Em teus olhos fuzila a luz dos Astros:
Ao menos deste Mundo cá de dentro,
Es tu o claro Sol, tu és a Aurora.
Oh quanto, filha minha, (sim, que filha

Bem

Bem te posso chamar) oh quanto sintom
Que os annos me roubassem todo o lustre
Da fresca mocidade! Que os Invernos,
Nesta gelada estriga convertessem
A brilhante madeixa; que algum dia,
Dourados caracóes por estes hombros
Ao Zefiro entregava! Oh se eu pudesse
Banhar-me no Jordão, e remoçando
Dar-te hum gentil mancebo por marido!

ALDONSA.

Sempre brincando vem o meu Padrinho.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes, como passa?

ARTUR.

Mui bem, Senhora Branca. Ouves, Aldonsa?
Eu não brinco, antes fallo bem de véras.

BRANCA.

Pois a mana, Senhor, essa não zomba:
Noite, e dia conversa em seu Padrinho;
Não falla n' outra cousa: quantas vezes
Se á porta batem, vai correndo á porta;
E porque dá com outro, do semblante
A côr lhe amarellece; e recuando,
Sobresaltada, diz, que não he elle.

ARTUR.

Quão feliz, minha Branca, e quão ditoso

Se

Se isso verdade fora, me julgára!
Inda porém Aldonsa mo não disse
Para tão facil ser, que me arreganhe.
Que dizes, bella Aldonsa: aquillo he certo?

ALDONSA.

A mana não te engana, nem te mente:
Mas se te adoro, deverei dizello?

ARTUR.

Devêras, devêras, que essa innocente
Suavè inclinação em nada offende
A modestia, o decóro; inda que custa
Á moça mais amante o confessallo,
Posto que honesto fim lho approve, e doure.

ALDONSA.

Pois vive descançado que te quero.

BRANCA.

Eu dou-lhe os parabens, Senhor Bigodes.

ARTUR.

Eu os acceito, Branca. Minha Aldonsa,
Que nunca me enganei com os teus olhos,
Agora o chego a ver; nelles ao longe
Muito ha que descobri hum brando gésto,
Que n' alma me bulia; mas atado
Ao pezado trambolho de meus annos,
Lutando afflicto com setenta Invernos,
Por mais que ardião fervidos desejos,

Ca-

Digitized by Google

Capazes de animar a fria pedra,
Tiritando com medo, enregelava:
Porque hú homem q' he sério, e q' he prudente,
Antes se humilha a parecer covarde,
Que levar na bochecha huma apupada
Destas rascoas de hoje, presumidas,
Que buscão Tamorlões, Imperadores,
Franchinotes, casquilhos, e Poetas;
Para ao depois berrarem com ciumes,
Sem achar cabeções com que os subjuguem:
Tu es, Aldonsa, a excepção da regra,
Amavel, linda, candida, innocente;
Qual rosa pudibunda em manhã fresca,
Que da rustica mão do Jardineiro
Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

ALDONSA.

Tão estranhos, tão grandes elogios
Não chego a merecer; antes conheço,
Que a maior parte da fortuna he minha:
Huma pobre Donzella, sem mais dote,
Que seu singelo amor, em nossos dias
Mui pouco, ou nada vale: sem riqueza
Quem soffre a formosura? Sãos costumes,
Honrado sangue, angelico semblante,
Não namorão os Noivos deste tempo.

BRANCA.

Maior favor te faz o teu Padrinho.

ALDONSA.

Assim, mana, o confesso, assim lho digo.

SCE-

SCENA IV.

APRIGIO, JOFRE, INIGO, e os meſmos.

APRIGIO.

AQui trago, Compadre, eſtes Senhores,
Ambos hum *non plus ultra* do Theatro:
São Muſicos, Actores, Dançarinos,
Grandes Poetas; tudo ao meſmo tempo:
São dous tomos de rara miſcelania.
Em ambos quiz moſtrar a Natureza,
Que ſabia fazer huma obra prima.
O Senhor Jofre, quando as arias canta
As almas arripia; calla os ventos.
Pois o mancebo cá, o meu Inigo!
Eſte vivo Bemól, eſte maganão,
Nos lances amoroſos, he hum paſmo!

ARTUR.

Ambos, bem me parecem: gentís moços!

JOFRE.

Sou antigo criado deſta caſa,
E Meſtre da Senhora Dona Aldonſa;
Por tão honrado titulo me julgo
Merecedor de grandes elogios.

AR-

ARTUR.

Logo o Meſtre ſahio o mais eſbelto!

INIGO.

Eu não poſſo allegar antiguidades;
Mas vou tambem na folha: Venturoſo,
Se de applauſo, e favor me vejo digno,
A pezar de não ter merecimento.

ARTUR.

Ambos diſcretos ſão.

APRIGIO.

Mais que diſcretos!
São os melhores Ciceros da Corte,
Capazes de prégar! Aqui b Amigo,
Hum Drama já compoz: logo o veremos.

INIGO.

Dize-me, Branca, que Affonſinho he eſte?

BRANCA.

He Padrinho da mana.

ARTUR.

O Senhor Jofre,
Quanto tempo ha q' enſina nella caſa?

JOFRE.

Ha já tres annos, pouco mais, ou menos.

AR-

ARTUR.

Com que tres annos ha, que nesta casa
Tem entrada o Senhor!

APRIGIO.

Ai, meu Compadre,
Tu cuidas q' inda tão alarves somos,
Como no tempo em que daqui te fostes?
Já lá vão os biôcos Portuguezes;
Mouriſca uſança, barbaro ciume,
Que huma pobre mulher afferrolhavia,
Quaes ſe guárdão freneticos orates:
Ha gente mais feliz! Outros coſtumes
Adoptou a Nação, abrio os olhos.

ARTUR.

Eu cuido que os tapou.

BRANÇA.

Que rabujento!

JOFRE.

A Deos, Senhor Aprigio.

ALDONSA.

Eſpera, Jofre.

JOFRE.

Que eſpere? Para que?

APRI-

APRIGIO.

Para tratarmos
Deste novo Theatro.

JOFRE.

Que Theatro?
Com este prégador, mandas chamar-me
Para ouvir a missão de hum Carióca?

ARTUR.

Olhem lá se se dóe da matadura.

INIGO.

Não desesperes, Jofre; tem prudencia.

SCENA V.

GIL, e os mesmos.

GIL.

SEnhor Aprigio Fafes, aqui venho
Cumprir as suas ordens.

APRIGIO.

Caro Amigo,
Homero Portuguez, Pindaro nosso,
Já cá te suspirava: vem comtigo
As Musas, vem as Graças.

GIL.

GIL.

Basta, basta;
Não estamos nós-outros os Poetas
A fartos elogios costumados:
Os mesmos que nos pedem hum Soneto
Para render a dama desdenhosa,
Ou os annos louvar de huma Abbadessa;
Depois de ter cámpado por discreto
Á custa de hum Poeta, sem vergonha,
Jurão, que são huns doudos os Poetas.

SCENA VI.

BRAZ, MONSIEUR ARNALDO, e os ditos.

BRAZ.

AMigo Aprigio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, prático Architecto:
O Pozzi, Paradossi, e Bibiena
Traz alli no emicraneo; a Perspectiva
Na pineal lhe vellica com tal força,
Que em cada pulsação da traca-arteria,
Hum Theatro magnifico levanta.

APRIGIO.

Viva, viva, Senhor Arnaldo: Agora

Que

Que estamos todos juntos, comecemos
A nossa conferencia: venha a banca:
Vossês não ouvem? Tragão mais cadeiras.

ARTUR.

Quero que apar de mim se assente Aldonsa.

BRANCA.

Queres q'eu fique cá da outra banda? *Para Inigo.*

JOFRE.

Para bem, para bem, Senhora Aldonsa.

ALDONSA.

Se tu souberas, Jofre....

JOFRE.

Bem entendo.

INIGO.

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

BRANCA.

Velho, e relho.

APRIGIO.

Sentemo-nos, Senhores:
Que grave Tribunal! Que magestoso!
Mal sabe o Mundo agora, que pendente
Deste conclave está o seu destino.
Oh quanto, amada Patria, quanto deves

Digitized by Google

A teu bom Cidadão Aprigio Fafes,
Suando, e treſſuando por ſalvar-te
Do pélago profundo da Ignorância,
Onde pobre jazias, atolada
Entre peſſimos Dramas corriqueiros!
Deſte cano real hoje te ſáco,
Qual ſáca o Gandaeiro hum prégo torto
D' entre os chichelos velhos da enxurrada.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes, iſto he tarde,
E eu tenho que fazer: vamos ao ponto.

APRIGIO.

Sim, Senhor, ſim, Senhor: o caſo he eſte:
E bem o ſabeis vós, ha quanto tempo
Que eu deſejo fundar hum bom Theatro:
Agora que a Fortuna me depara
Feliz occaſião de executallo
Com o favor, alli, de meu Compadre,
He preciſo ajuntar a ſarabanda,
Repartir os papéis, eſcolher obra,
As viſtas idear, e celebrarmos
Com ſolemne eſcritura eſte contrato.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes, o Theatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem baſtidores, e inſtrumentos
Sem Dramas regulares? Huma boa,
E perfeita Tragedia, inda deſpida

Da

Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça, e mais força, q hú máo Drama
No Theatro de Reggio, ou de Veneza,
Com ſoberbas tramoias recitado.

JOFRE.

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O conſtante poder da Poeſia:
Mas quem ha de ſoffrer Catão, ou Dido
Do grande Metaſtazio, repetido
Entre velhas cortinas, ſem orcheſtra?

APRIGIO.

Nada, nada, Senhores; deſſe modo
Aqui nos amanhece: todos juntos
Não podemos fallar: irá votando
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continúa, meu Gil; dize o que entendes.

GIL.

Errado vai, quem julga que o Theatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos Poetas foi achado.
Com mais alto deſignio, Athenas, Roma,
E outras Cidades mil, o recebêrão:
Póde nelle enſinar-ſe á Mocidade
Guardar as ſantas Leis; a fé devida
Á cara Patria, ao Principe, aos Amigos:
Póde nelle moſtrar-ſe quanto hé feio
O pállido ſemblante da Cobiça;
Da Avareza infeliz; da triſte Inveja:

Mas

Mas para recolher tão grande fruto,
He necessario, Aprigio, que o Poeta
Em sizuda dicção, em frase nobre,
Com sonoroso verso torneado,
Exponha ao povo fábulas sublimes,
Tragedias, ou Comedias regulares.
Daqui venho a tirar, que no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D' affeminada Musica moderna,
Na remendada frase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o Portuguez Theatro,
Desaggravando á casta lingua nossa
Dos aleivos, que sem razão lhe assacão.

APRIGIO.

Viva o Doutor Leinel, Doutor das Gentes!
Quem me dera q' o bom Goldoni ouvisse
Como ronca hum Poeta de Lisboa!
Agora falla Braz Licenciado.

BRAZ.

Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em metter-nos
No principio em camiza de onze varas?
Tragedia he cousa que ninguem atura:
Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,
Quer rir, e não chorar; lá vai o tempo

De lagrimas comprar ás Carpideiras:
Não faltão boas Operas, Comedias
Em Francez, Italiano, em outras linguas,
Que póde traduzir qualquer peſſoa,
Com enredo mais comico; que o povo,
Só ſe agrada de lances ſobre lances:
Quem iſto não fizer, já mais eſpere
Que o povo diga *bravo*, e dê palmadas.
He o voto que dou.

APRIGIO.

Optimamente.
Arnaldo, agora vota.

ARNALDO.

Meus Senhores,
Venho ajuſtar o preço do Theatro;
Com Dramas não me metto: os Baſtidores
He ſó o que me toca. Porém digo,
Que regular Tragedia nas Italias
Muito ha que ſe não uſa; que a mudança
De Viſtas ſobre Viſtas; as tramoias,
Máres, incendios, Dragos, e batalhas,
São couſas de que o povo ſe namora.
Já eu fiz em Theatro torvoadas,
Com raios, e relampagos tão proprios,
Que as damas deſmaiavão: era hum goſto
Ver a gente fugir dos camarotes
Eſpantada, bradar miſericordia.

AL-

Digitized by Google

ALDONSA.

Negro gosto! Quem póde divertir-se
Co' a pavorosa Scena de hum flagello?

BRANCA.

Bom Architecto! Magico parece.

APRIGIO.

Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

INIGO.

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de Theatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E tambem, Senhor Gil, o louro Apollo,
De comigo tratar não se envergonha:
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarei; estou por tudo.

ARTUR.

O cão he Mouro.

APRIGIO.

Inigo, desabafa;
Dize quanto souberes: falla, falla:
Es a columna do Theatro novo.

INIGO.

Pois se devo fallar, digo, Senhores,
Que o Theatro sem Dança pouco vale;

Digitized by Google

Muito menos ſem Muſica. Podia
Quem a gloria quizeſſe de primeiro,
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua Portugueza: eu aqui trago
Huma por mim compoſta neſte goſto.
He a perda de Troia: vê-ſe Eneas
Sahir c' o Pai ás coſtas: vai Aſcanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a Cidade: cahem as altas torres:
Embarca a gente Frigia: muitos annos
Por inhoſpito mar andão vagando,
Até que ſurgem no diſtante Lacio,
Onde Eneas a Turno tira a vida,
E caſa com Lavinia.

APRIGIO.

Bravo! Bravo!

INIGO.

Tem varios dúos, árias, cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metaſtazio.

BRANCA.

Agora ſigo-me eu.

APRIGIO.

Eſpera, Branca.
Perdoa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me: preterido
Por engano ficaſte; e bem podias
Pedir a tua vez. Perdoa, e falla.

Digitized by Google

JOFRE.

Em tal não reparei: eu sou sincéro,
Digo o que entendo; e cuido q' o Theatro
Sem Musica, e sem Dança, nada vale:
Ha cousa mais formosa, que a ligeira
Callada Pantomima, cujos géstos,
Sem auxilio das vozes, representão
Reconditas paixões, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectaculo, que os leves
Grandes saltos mortaes? Que ver nos ares
Bater c' os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo, e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em Portuguez, toda cantada:
Para tanto não he a lingua nossa:
Algumas árias, dúos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o Theatro nós não temos verso.

APRIGIO.

Fallas como hum Catão. Que dizes, Branca?

BRANCA.

Eu sou de parecer, que só se façáo
As Portuguezas Operas impressas:
Encantos de Medéa; *Precipicios*
De Faetonte; *Alecrim, e Mangerona*:
Em outras nunca achei galantaria.

APRI-

Digitized by Google

APRIGIO.

Esse voto era digno de mais annos.
Ai, amigo Artur, que te parece?

ARTUR.

Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes Senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas,
Que arrotando Congonha, me atordião
Co' a fabulosa illustre descendencia
De seus claros Avôs, que de cá forão
Em jaléco, e ceroulas. Mas pergunto:
As Comedias de Calderon, Mureto,
Candâmo, e Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente,
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,
Os Condes, e os Marquezes, q' as ouvião
Com gosto, e com prazer, erão huns asnos?
Só estes, meus Senhores, tem juizo?
Que Colombos, e Gamas denodados,
Para achar novos Climas, novos Mares!
Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa
For de contrário voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras idéas,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

APRIGIO.

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

AL-

Digitized by Google

ALDONSA.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

GIL.

Falla, formoſa Aldonſa, tu bem ſabes
Quaes são as leis, e regras do Theatro.

ALDONSA.

Não acceito a liſonja; porém digo,
Q'em fim approvo quanto tu votaſte.

APRIGIO.

Eu que tenho dous votos, digo o meſmo.

ARTUR.

Acabou-ſe a queſtão; vivamos todos.

APRIGIO.

Agora, amigo Gil, que obra faremos?

GIL.

Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, d'Euripides, Terencio.

APRIGIO.

Nada de Grego, nada; fóra, fóra:
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinhão
Os lances amoroſos de que goſta
O povo Portuguez.

GIL.

Digitized by Google

GIL.

Queres a *Caſtro*,
Tragedia do Ferreira?

APRIGIO.

Deos me livre!
Amigo Gil Leinel, eu deſejava
Hum Drama teu: conheço nelles olhos
A ſuave ternura de teus verſos.

GIL.

Pois, Amigo, encetemos o Theatro
Com a minha *Ifigenia*.

APRIGIO.

Bello nome!
Iſſo he que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas letras, nas eſquinas
Ha de peſcar curioſos a cardumes.
Repartão-ſe os papeis; vamos a iſſo.

GIL.

Ifigenia, ſerá Aldonſa bella.

ALDONSA.

He extenſo o papel?

GIL.

Não; he pequeno.
O Senhor Jofre ſeja Achiles: ſeja....

AR-

Digitized by Google

ARTUR.

Eſpere ; tenha mão, Senhor Poeta ;
Veja como reparte eſſas garrochas,
O primeiro Galan a mim me toca.

GIL.

Não póde ſer, Galan ; has de ſer Barbas.

ARTUR.

Eu Barbas ! Eu que empreſto o meu dinheiro !

GIL.

E que tem o dinheiro co' a figura ?
Hum velho nunca póde ſer mancebo ?

ARTUR.

Senhor Poeta Gil, faça-me graça,
E ponha-ſe na rua. *Levantão-ſe todos.*

APRIGIO.

Artur.... Amigo....
Onde eſtá a prudencia deſſes annos ?

ARTUR.

Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama* :
Aldonſa, não a largo ; tenho dito.

JOFRE.

Que tal, Senhora Aldonſa ?

AL-

Digitized by Google

ALDONSA.

Escuta, Jofre.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes, não se engrile;
Será o que quizer: quer ser Achilles?

BRAZ.

Arnaldo amigo, vamo-nos çafando,
Que isto não pára aqui.

ARNALDO.

He gente douda.
Vão-se os dous.

SCENA VII.

Todos, menos os dous.

APRIGIO.

OH Paz, serena Paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras, com que possa
O velho socegar incarniçado.
Amigo Artur Bigodes, que me perdes!

ARTUR.

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,

Po-

Digitized by Google

Poeta bordalengo, desfraudar-me
D' ametade de mim! Fóra c' o talho!

INIGO.

Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

GIL.

Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido á tua casa;
Por isso não respondo a taes injúrias.

ARTUR.

A Deos, Senhor Poeta; faça versos
A's moças do seu bairro; não se metta
A Padre Cura de outra Freguezia.

GIL.

Senhor Artur Bigodes, fallaremos. *Vai-se.*

SCENA VIII.

Os mesmos, menos Gil.

JOFRE.

A Deos, ingrata Aldonsa.

ALDONSA.

Ouve-me, Jofre.

JO-

Digitized by Google

JOFRE.

Não venho do Brazil; eu cá ſou pobre.

BRANCA.

A mana não tem culpa: crê-me, Jofre.

ARTUR.

Senhor Meſtre de Solfa, vá-ſe embora,
Que eſta menina toma agora eſtado,
E vai ſenhora ſer da ſua caſa.

INIGO.

Branca, o Mineiro cuida que eſta caſa
He cenzala, ou poſſilga de crioulos.

BRANCA.

Aſſim convem, aſſim melhor ſe encrava.

APRIGIO.

Amigo Artur, as noivas não coſtumão
Os Meſtres deſpedir: levão comſigo
Cravo, livros de Solfa. O Meſtre attento
Vai logo no outro dia viſitalla.

ARTUR.

Se for a minha caſa, hei de partillo.

JOFRE.

Sim, barbas lhe deo Maio. A Deos, Aprigio.

Vai-ſe.

AL-

Digitized by Google

ALDONSA.

Infausta sêde de ouro, a quanto obrigas
A cara liberdade! O puro affecto
A duro captiveiro hoje condemnas!

ARTUR.

Amigo Aprigio Fafes, de Theatro
Bem te podes deixar; alsás nos báſtão
Os Theatros, que temos em Lisboa:
Nem tudo ha de ſer Operas, ou Comedia.
Eu caſo com Aldonſa, e dóto Branca:
O noivo, lá o buſca; pois conheces
Os Bonifrates de chapéo pequeno,
De rabicho, e caſacas eſtiradas,
De que goſtão as moças deſte tempo.

APRIGIO.

Alli Inigo eſtá, que para Genro
Deſeja de comprallo a meſma Thetis.

INIGO.

Que ventura maior! Branca, que dizes?

BRANÇA.

Bem ſabes o que poſſo reſponder-te,
Se de antigos extremos não te eſqueces.

APRIGIO.

Inda o Fado não quer, inda não chega
A Epoca feliz, e ſuſpirada,

De

De lançar do Theatro alheias Muſas,
De reſtaurar a Scena Portugueza.
Vós Manes do *Ferreira*, e de *Miranda*:
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças
Embalárão o berço, e te gravárão
Na honrada campa o nome de Terencio;
Eſperai, eſperai, q' inda vingados,
E ſoltos vos vereis do Eſquecimento.
Illuſtres Portuguezes, no Theatro
Não negueis hum lugar ás voſſas Muſas:
Ellas, não as alheias, publicaráõ
De voſſos bons Avôs os grandes feitos,
Que eternos ſoaráõ em ſeus Eſcritos:
E podeis eſperar paga tão nobre,
Se deteſtando parecer ingrato,
Lhe defenderdes o Paterno Ninho,
E quizerdes com honra agazalhallas.

AS-

Digitized by Google

ASSEMBLEA,
OU
PARTIDA.
DRAMA.

Digitized by Google

ACTORES.

BRAZ CARRIL.

D. URRACA AZEVIA, *Mulher de Braz Carril.*

JOFRE.
D. DULCE. } *Filhos dos ditos.*
D. BRANCA.

JACOB BILHOSTRE.

GASPAR PICOTE.

GIL FUSTOTE, *Compadre de Braz Carril.*

DOUTOR MUCONIO, *Medico.*

D. MAFALDA, *sua filha.*

FLORESTÃO, *Escudeiro.* } *de Braz Carril.*
LOURENÇA, *Criada.*

Hum Alcaide.

Hum Escrivão.

Dous Gallegos.

Prostaticas.

Jogadores, e convidados.

Damas convidadas.

Quadrilheiros.

A Scena representa a casa de Braz Carril.

SCE-

Digitized by Google

SCENA I.

BRAZ CARRIL, e GIL FUSTOTE.

BRAZ.

Ntendes, Gil Fuſtote, o que te digo?

GIL.

Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em caſa terás, ou Aſſembléa;
Amigo Braz Carril, eſtas galhofas,
Jantares, e merendas ſão o fruto
Da reloucada teima de Fidalga
Com que tua mulher ſagaz te enloiza,
Ou te embrulha na rede em que perneas?
Compaixão grande, compaixão me deves.
Partidas! Aſſembléa! Que mania!

Digitized by Google

BRAZ.

E chamas tu mania, Gil Fuſtote,
O viver, como vive a gente ſéria
Hoje em Lisboa? Grandes, e pequenos
Todos querem gozar das ſans delicias,
Do ſuave prazer da Companhia.

GIL.

Sem eſſes bons prazeres, e delicias
Noſſos Avôs, e noſſos Pais vivêrão
Fartos, alegres, ricos, e contentes.

BRAZ.

Ora já que trazião retorcidos
Os grizalhos bigodes; eſtirada
A eſqualida guedelha: no peſcoço
Creſpas golilhas: gorra na cabeça;
As calças retalhadas, e pantufos;
Não tragas tu caſaca, e cabelleira,
Nem ates com fivelas os çapatos.
Mudão-ſe os tempos, mudão-ſe os coſtumes.
Não vês no frio Inverno ao tronco annoſo
Cahir-lhe as murchas cans, e quando torna
A freſca Primavera, verdejarem
Cobertos de mil folhas novos ramos?
Aſſim as modas são, aſſim os uſos:
E devemo-nos todos ſujeitar-nos
A tão perpétuas leis da Natureza.

GIL.

Digitized by Google

GIL.

Amigo, amigo, estás perdido.... Doudo.

BRAZ.

Com os olhos abertos.

GIL.

Não to invejo,
Nem quero governar a casa alheia:
Fica-te em paz com tuas Assembléas,
Podes sem mim fazer a Synagoga.

BRAZ.

Caro Fustote, espera que não posso....

GIL.

Eu não canto, nem sou árreborrinho:
Pouco gósto de Chá, menos de Jogo:
Falta cá não farei: a Deos, Amigo.

BRAZ.

Espera, espera, podes divertir-te,
Ouvindo duas árias, temos doce,
E doce delicado, se quizeres.

GIL.

Não caio nesse anzol.

BRAZ.

Meu Gil Fustote,

Digitized by Google

Eſpera, eſcuta....

GIL.

Dize, que mais queres?

BRAZ.

Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque eſtou ſem real: olha em que dia!

GIL.

Pois a perpétua lei da Natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gaſto?

BRAZ.

Amigo Gil Fuſtote, eu pouco peço;
Dá-me, ſe quer, ſeis mil e quatrocentos:
Acode-me; e conforme o noſſo ajuſte
Sete e duzentos, lançarás na conta.

GIL.

Seis mil e quatrocentos! Quem mos dera!
Não me pagão tão bem os teus foreiros;
E a divida vai já de foz em fóra.

BRAZ.

Oito mil reis porás.

GIL.

Iſſo he perder-te.

BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

Qual perder-me.

GIL.

Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta:
Eu chamo a Deos dos Ceos por testemunha
Sem juro te levar, sem interesse
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas q' accrescente
A' nossa conta, he dado, e não por força,
Sim de livre vontade. A Deos, amigo,
Que vou vestir-me, e logo tórno. *Vai-se.*

SCENA II.

BRAZ sómente.

BRAZ.

TEnho
Para sequilhos, chá, café, e cartas;
Falta só para luzes. Que remedio!
Recorro ao coscorrinho da Senhora,
Que he fonte limpa. Dona Urraça... Urraça...
Cantando.

SCE-

SCENA III.

BRAZ, e URRACA.

URRACA.

ASsim se chama, Braz, huma Fidalga?

BRAZ.

Perdoa, filha, que hoje não me lembro
Nem de Excellencias, nem de Senhorias:
Mandando á via estou a não ronceira
Com vento escasso, e com estofas aguas.

URRACA.

O rato sempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingua.

BRAZ.

Que vens a dizer nisso? Que me esqueço
De etiquetas, mesuras, ceremonias,
E mais ritos, e leis da fidalguia,
Com que queres Urraca ser tratada?
Ou entendes, que meus Progenitores
Descendem de outro Adão, e que não forão
Por seus honrados feitos estimados,
Bons Vassallos fieis, e servidores?

UR-

URRACA.

Tem bem que ver Carris, com Azevias
Por linha maſculina deſcendentes
De Principes, de Reis, Imperadores,
E que até nos colchetes dos coſtados
Tem mitras, e roquetes!

BRAZ.

Baſta, baſta!
Senhora, Excellentiſſima Senhora, *Fazendo-lhe*
Dona Urraca Azevia! Mas menina, *muitas cor-*
Vamos ao caſo: falta para a noite *tezias.*
Dous arrateis de vélas... Eu não poſſo....

URRACA.

Queres, já ſei, pregar-me eſſe callote.

BRAZ.

Não he callote: que pagar prometto.

URRACA.

Quando tiverem dentes as gallinhas;
Mas para que conheças que não falto
Quanto he preciſo, mandarei buſcallos.

BRAZ.

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, caſtiçaes, pratos, bandejas:
Querer dar Aſſembléas, e Partidas;
He nadar ſem bexigas.

URRACA.

Mas com labia
Tudo se vence, tudo se consegue;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com huma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade;
E como galgo em tréla cubiçoso
De entrar nas algibeiras de Fidalgos,
Para brilhar com pompa, e luzimento
Em ricas mezas, em custosas galas.

BRAZ.

Ah, Vossa Senhoria, ou Excellencia,
He perdida entre nós: que sã doutrina,
Que politicas maximas do Estado,
Cahindo não lhe estão por entre os dedos.
Que florente não fora o vasto Imperio
Das fulas Amazonas, se o regêra
Tão gentil coração, alma tão nobre.

URRACA.

Só me julga capaz de mandar gente
Tão cáfara, e boçal? Negros, Tapuias?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito
Que tu fazes de mim: bem me conheces,
Se fosse outra qualquer dessas que campão
Por Letradas, que gostão de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem, se lhos fazem,
Dessas....

SCE-

SCENA IV.

Hum GALLEGO com huma teiga, e os meſmos.

GALLEGO.

AQui, Senhor, manda meu Amo
Senhor Jacob Bilhoſtre, o que ſe pede,
Vem oito caſtiçaes; diz que tiſoura
He traſte que não tem, menos de prata;
Que virá a ſeus pés, como lhe ordena,
Que ſempre eſtimará poder ſervillo.

BRAZ.

Vai-te, dize ao Senhor Jacob Bilhoſtre,
Que tudo recebi, que fica entregue.

Vai-ſe o Gallego.

SCENA V.

BRAZ, e URRACA.

BRAZ.

VEjamos que taes são. Oh lá! Soberbos!
Que ſécia, minha Urraca! Eſtás contente?

UR-

URRACA.

Nunca vi caſtiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalárão?
Que naſci n'hum curral?

BRAZ.

Não digo tanto;
Mas olha, são magnificos, e novos.

URRACA.

Na verdade são bons, mal empregados
Em caſa, onde baſtava huma candeia;
E talvez que nem eſſa ella teria,
Quando cebo vendia ao Remulares
Na fetida baiúca.... Mas o tempo....

SCENA VI.

Outro GALLEGO *com teiga, e os meſmos.*

GALLEGO.

AQui manda o Senhor Gaſpar Picote
Açucareiro, bulle, e cafeteira
Com tres duzias de chicáras, e pires,
Que ſente não ter mais; e fica prompto
Para a voſſas mercês ſervir em tudo.

UR-

Digitized by Google

URRACA.

Mercê, a mim mercê? mercê, maroto! *Irada, e*
Atrevido, insolente, vai-te embora, *furiosa.*
Tu não sabes fallar? Dize a teu amo
Que te mande ensinar: logo pareces
Criado de Villão....

BRAZ.

Urraca, Urraca....

URRACA.

Tolo, tolo! E pertendes que tolere
Semelhante dizer? Foras tu outro,
E souberas melhor desaggravar-me.
Mas tenho quem nas veias lhe circule
O sangue generoso de Azevias,
Que vingar saberá tamanha offensa. *Vai-se.*

SCENA VII.

GALLEGO, e BRAZ CARRIL.

GALLEGO.

A Senhora está douda? Coitadinha.

BRAZ.

Vai-te, rapaz, a Deos, vai-te de pressa,
Não te venha pregar alguma surra.

GAL-

Digitized by Google

GALLEGO.

A mim! Senhor, porque?

BRAZ.

Çafa-te, foje.
Vai-se o Gallego.

SCENA VIII.

JOFRE, URRACA, FLORESTÃO, LOURENÇA, e BRAZ.

JOFRE.

MAroto... Patifão... Villão... Gallego... Atrevido... Insolente... *Correndo todo o Theatro.*

BRAZ.

Oh lá, que he isto?
Jofre, não ouves? Onde vais?... Espera. *Correndo atrás de Jofre.*

JOFRE.

Este Villão ruim, ladrão, patife...

URRACA.

Mata, filho, mata. A ferro, e fogo
Assolárão teus inclytos maiores
Tetuão, Azamôr, Tângere, Arzilla.

FLO-

Digitized by Google

FLORESTÃO.

Mate, Fidalgo, mate esse Gallego
Seja David, do sordido Golias. *Com huma tisoura.*

BRAZ.

Tem mão, tem mão. *A Jofre.*

JOFRE.

Senhor, deixe-me.

URRACA.

Mata.

Mata, meu filho, mata.

FLORESTÃO.

Morra, mate.

BRAZ.

A quem, a quem? *Enfadado.*

JOFRE.

Villão....

URRACA.

Filho....

FLORESTÃO.

Fidalgo....

LOU-

LOURENÇA.

Mate....

BRAZ.

Tem mão, oh lá! Jofre, que fazes? *Pega-lhe no braço.*

LOURENÇA.

Com a pá de varrer nesta batalha
A forneira ferei de Aljubarrota. *Dando em Jofre.*

BRAZ.

Não ouves, marotão? Anda patife. *Dá-lhe.*

URRACA.

Villão....

FLORESTÃO.

Fidalgo.

URRACA.

Assim se trata hum filho,
Descendente de heroes?

FLORESTÃO.

Fidalgo. *Sustendo a Braz.*

LOURENÇA.

Dalgo.

FLORESTÃO.

Vossa Excellencia, Vossa Senhoria....

SCE-

Digitized by Google

SCENA IX.

JACOB, e os ditos.

JACOB.

A Partida por Entremez começa?
Senhora Dona Urraca.... Amigo, amigo.

BRAZ.

Senhor Monſieur Bilhoſtre, eſte magano....

URRACA.

Senhor Bilhoſtre, hum filho meu... Fidalgo
Deſcendente do grande Lancerote
Que a Barbasrôxas arrancava as barbas,
Que arraſtou pelos ſordidos cabellos
Solimões, Muſtafas, e Mafamedes,
Não devêra ſeu Pai injuriallo,
E na minha preſença.

BRAZ.

Mas que injúria?

URRACA.

Não he injúria dar-lhe bofetadas?
Alma fidalga de meu Pai, que gozas
No Empyreo ao menos do lugar de Duque,

Co-

Como não deſces a vingar tamanha,
Tão deſmedida affronta?

JACOB.

Não, Senhora,
O caſtigo de hum Pai não he injúria.
Mas, Senhores, o dia de partida,
Hum tão ſolemne dia, não he dia
De arruidos, de rixas, e diſputas:
Em Londres, em Pariz, Parma, e Veneza
Eſtes bons dias ſão em todo o Mundo
Ao prazer, e ſocego dedicados.
Solto, e mil farpas de ouro deſpedindo
Anda voando Amor nas Aſſembléas,
E qual ſonora abelha em lindas flores
Bebe o ſuave nectar nos formoſos,
E triunfantes olhos das Madamas,
Com que ferozes corações abranda,
D'homens os mais auſtéros, e ſizudos.

BRAZ.

Muito bem me parece: pazes, pazes.
Leva a teiga dahi: ouves, Lourença?

URRACA.

Que pertendes, meu Jofre?

JOFRE.

Huma arrecada,
Que me cahio da orelha: e tenho ſangue.
Apalpando-a.
BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

Huma orelha?

FLORESTÃO.

Não, Senhor, hum brinco.

URRACA.

Busca, Lourença.

LOURENÇA.

Hum ... dous ... tres, e argollinha
Brincando, e cantando.
Eila ... não ... finca pé de pampollinha. * *Parando.*

FLORESTÃO.

Eila, Fidalgo. Alviçaras, Fidalga.

BRAZ.

Ora está bem, Senhora, vá vestir-se:
Vai tu, Lourença, vai limpar a prata;
E tu vai, Floreſtão, comprar o doce.

URRACA.

Com licença, Senhor. *Fazendo huma mesura, vai-se.*

JACOB.

Minha Senhora.

JOFRE.

Quem ha de pentear-me, se vais fóra?

FLORESTÃO.

Se me manda seu Pai.

BRAZ.

Não, não, primeiro
O podes pentear.

FLORESTÃO.

Vamos, Fidalgo.

JOFRE.

Vamos de pressa, Floreſtão, que he tarde.
Vão-se.

SCENA X.

JACOB BILHOSTRE, e BRAZ CARRIL.

JACOB.

HOje, Senhor Carril, vinha mais cedo
Para metter em ordem de batalha
As mezas, e cadeiras: todos fallão
Em Partida, Assembléa: poucos sabem
As regras da importante symmetria,
Com que se deve preparar a sala,
Que serve para hum acto tão vistoso;

Pa-

Porém vejo que tudo eſtá já prompto,
Tudo no ſeu lugar.

BRAZ.

Falta-me a cera,
Acabou-ſe o dinheiro.

JACOB.

Eu pouco trago:
Baſtará hum quartinho?

BRAZ.

Baſta, baſta:
Eu lhe mando já vir as raparigas.

JACOB.

Muito bom Cravo.

BRAZ.

He do Doutor Muconio,
Daquelle Corifeo da Medicina.

JACOB.

Elle vem cá?

BRAZ.

Eſpero que não falte.

JACOB.

Sua filha virá?

Digitized by Google

BRAZ.

Foi convidada.

JACOB.

Venha com Deos.

BRAZ.

Eu cuido que me chamão.

SCENA XI.

JACOB, BRAZ, DULCE, e DONA BRANCA.

DULCE.

VÁ de preſſa, meu Pai, que he lá preciſo.

BRAZ.

Que falta lá?

DULCE.

Dinheiro para açucar. *Vai-ſe Braz.*

BRANCA.

Boa tarde, Senhor Jacob Bilhoſtre.

JA-

Digitized by Google

JACOB.

Senhora Dona Branca, boa tarde.
Minha Dulce, meu bem, minha Senhora.

DULCE.

A Pedro donde vem fallar Gallego?

JACOB.

Do coração, do coração rebenta
O vezuvio de fervidos ſuſpiros,
Com que humilde, captiva a liberdade,
Ante eſſes lindos olhos ajoelha.

DULCE.

Não me falle em Latim, que não entendo.

JACOB.

Entendes bella Dulce, bem me entendes,
Eſtas as fraſes são, com que ſe explica
Huma alma tão diſcreta que te adora.

DULCE.

O bem que repreſenta! Logo moſtra
Que a filha do Doutor ſoube enſaiallo.

JACOB.

A filha do Doutor?

DULCE.

Dona Mafalda.

JA-

JACOB.

Se eu, Branca, lhe fallei....

BRANCA.

Eu, que me importa.

JACOB.

Eſcuta, minha Dulce....

DULCE.

He mui formoſa!

JACOB.

Aqui de cumprimento....

DULCE.

Mui diſcreta.

JACOB.

Se fui a ſua caſa....

DULCE.

Que bem canta!

BRANCA.

Dança muito melhor!

JACOB.

Porém, Senhoras....

DUL-

Digitized by Google

DULCE.

Tem bom dote.

JACOB.

Mas eu....

BRANCA.

O Pai he rico.

JACOB.

Eſcuta, minha Dulce....

DULCE.

Eu não ſou ſua.
Da formoſa Mafalda he ſó vaſſallo,
Eſſe perdido coração infame;
Tudo, tudo já ſei.

JACOB.

He tudo engano.
Se, Dulce, quebrantei a fé jurada,
Nunca mais a meus olhos eſclareça
O vivo, e gentil lume que amanhéce
Em teu ſemblante angelico; troando
Em vermelhos coriſcos ſe converta,
Caia, fulmine, aſſombre, deſpedace
Alma, vida, ſentidos, penſamentos,
E o fido coração onde tu reinas
Deixe a teus pés de lagrimas banhados
Entre pizadas cinzas palpitando.

DUL-

Digitized by Google

DULCE.

Branca, não lhe reſiſto.

BRANCA.

Eu me eſtremeço.

JACOB.

Dulce, minha Senhora, Dulce amada,
Ah! não fujas, eſcuta, ouve-me, eſpera,
Ao menos me permitte o deſafogo
Daquella mão beijar por deſpedida,
A cujo acêno o meſmo Amor ſe humilha.
E que de Amor o arco retorcido
Enriſtadas as frexas eſtridentes
Mirou ao fraco peito que anhelava
De teus ſoberbos olhos ſer ferido.
Bem me viſte cahir, Dulce, bem viſte
Do roto coração o ſangue quente
Fumegando brotar, e em creſpos rios
Alagar a campanha que pizavas,
Os miſeros deſpojos arraſtando.

DULCE.

Oh que fracas nós ſomos! Pois nos rende,
Nos encanta, e captiva a liberdade
O doce ſom d' umas ſonoras vozes,
Que raras vezes, Mana, percebemos.

BRANCA.

As que de verſos goſtão, não reſiſtem

A'

A' buena dicha d'um Poeta amante.

JACOB.

Dulce, formoſa Dulce! Dulce ingrata,
Se minhas triſtes queixas não entendes,
Entende, entende as lagrimas que choro:
Olha, vê d'os teus olhos, em meus olhos
Brilhar o vivo fogo, com que abrazas
Huma alma, que ſó vive de querer-te.

DULCE.

Branca, não poſſo..... Mórro.

BRANCA.

Choras, Dulce?

DULCE.

Baſta, baſta Jacob, em fim venceſte.
De tão fiel rendida vaſſallagem
Não quero deſprezar o ſacrificio;
Mas ouve a dura lei, ſe me promettes
Obſervalla com animo conſtante.

JACOB.

Pela luz dos teus olhos o prometto.

DULCE.

Vê o que dizes, nunca mais a caſa
Tornarás de Matalda.

Digitized by Google

JACOB.

Affim o juro,
Dulce, minha Senhora.

SCENA XII.

GASPAR PICOTE, e os meſmos.

PICOTE.

BOa tarde,
Senhora Dona Dulce: minha Branca,
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo
Que vão amanhecendo neſta caſa
Os polidos coſtumes eſtrangeiros.
Graças a Deos, que temos Aſſembléa,
Que já temos Partida, que podemos
Sem pejo converſar, que rir podemos
Sem receio dos olhos aſſuſtados,
Com que a Senhora Dona Urraca altiva,
Inda mais que ciôſa, pertendia
Eſpantar os lindiſſimos Amores,
Que em torno do ſeu roſto andão voando.

BRANCA.

Iſto he Comedia, Dulce; trazem ambos
Os papeis eſtudados.

DUL-

DULCE.

Eu te creio.

BRANCA.

Imaginas, Senhor Gaſpar Picote,
Que iſto he caſa de baile? Inda não ſabes
Que peſſoas da noſſa qualidade....

PICOTE.

Já vejo, são de pedra, são de bronze:
E em vez de alvos, de cryſtallinos peitos,
Trazem arnezes d'aço, e diamante,
Onde de balde rompe Amor as ſettas.

BRANCA.

Não o diga zombando, póde crello.

PICOTE.

Santas Paſcoas; mas iſto de Partida
He a feira da Gualva, onde ſe eſcolhe:
Logo virão Pelouros, branda cera,
Que com mui pouco lume ſe derrete.

DULCE.

Lé com lé, cré com cré.

PICOTE.

Amor he cego,
E nunca ſoube ler Genealogias.
Dize, Branca; virá Dona Mafalda?

BRAN-

Digitized by Google

BRANCA.

Virá, logo virá, perfido, ingrato.

DULCE.

Tu chóras, Branca?

BRANCA.

Chóro, Dulce, chóro
O negro fado, a minha desventura,
Que a querer me forçou com tanto extremo
Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato.

PICOTE.

Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato,
Palavras são de Amor, e de quem ama;
Mas tão grande Senhora, e tão fidalga
Não póde ter amor, amar não deve,
Que desta vil paixão nasceo izenta.
E dous milhões de Avôs, que não farião,
Se sonhassem que a Neta namorada
Maculava a prosapia generosa,
Acolhendo os suspiros de hum amante,
Que ao certo não se sabe se descende
De Abel, ou de Caim. Melhor me fora
Remar n'uma Galé, qual outro Oreſtes
Das veneraveis Furias avexado
Me víra em toda a parte perseguido
De finados Heroes, sombras illustres.

JA-

JACOB.

Caro amigo Picote, basta, basta,
Estes arrufos são de namorados.
Mas hoje não he dia....

SCENA XIII.

JOFRE, e os ditos.

JOFRE.

MEus Senhores,
Meu Jacob, meu Gaspar, caros amigos....
Mas pára, carruagem; foi á porta....
Será Dona Mafalda.... Com licença.
Vou abaixo buscalla, e dar-lhe o braço. *Vai-se.*

PICOTE.

Perdoa, minha Branca.

BRANCA.

Ahi vem Mafalda,
E não vais recebella?

PICOTE.

Não, Senhora.

SCE-

Digitized by Google

SCENA XIV.

JOFRE, MAFALDA, URRACA, e os ditos.

MAFALDA.

NÃo pude vir mais cedo, Senhor Jofre.

JOFRE.

Quando a Aurora apparece, sempre he cedo.

BRANCA.

Eu aqui venho já c'a minha Dama.

URRACA.

Minha linda Mafalda, quanto estimo
Que venhas divertir-te, e divertir-nos.

BRAZ.

O Doutor não virá?

MAFALDA.

Teve recado
Para ir a huma junta; mas vem logo.

SCE-

Digitized by Google

SCENA XV.

Gil Fustote, Lourença, Braz, e Florestão.

GIL.

ORa vejamos iſto de Aſſembléa
Em que vem a parar.

BRAZ.

Que te parece,
Amigo Gil Fuſtote? Não te agrada
Tão ſincéra alegria?

GIL.

Agrada, agrada.

BRAZ.

Não ha maior prazer, que a companhia.

GIL.

Té o lavar dos ceſtos he vendima.

BRAZ.

Lourença, Floreſtão, venhão cá todos,
Tragão cadeiras, tragão cartas, luzes.

LOU-

Digitized by Google

LOURENÇA.

Trarei os caſtiçaes, ou candieiro?

BRAZ.

O Candieiro, tolla. Vélas, vélas.

LOURENÇA.

Sem caſtiçaes?

BRAZ.

Com caſtiçaes. Que burra!

LOURENÇA.

Temos ſepulcro. *Vai-ſe.*

FLORESTÃO.

Cuido que he charola. *Vai-ſe.*

SCENA XVI.

BRAZ, JACOB, GASPAR PICOTE, JOFRE, GIL FUSTOTE, MAFALDA, DULCE, BRANCA, e URRACA.

BRAZ.

Eia, Senhores, vamos, comecemos
A famoſa Partida, haja fandango,
Alegria, brinquemos, alegria;

Eó-

Fóra huma cá se lance, fallem, fallem:
Minhas Senhoras, dancem, cantem, rião:
Fóra, fóra daqui as ceremonias.
Allon, sentar, sentar sem precedencias,
Venha chá, venha doce, venháo cartas,
Joguem, e ralhem, gritem, descomponha
O praceiro ao praceiro, he desafogo,
Que foi sempre a quem perde concedido.
Senhor Bilhostre, a boa Poesia
A pezar de Platão, e de seiscentos,
Que nunca o lêrão, seu lugar merece:
Venha mote, lá vai, lá vai, ouçamos.

JACOB.

Amigo Braz Carril, a Poesia
Não he Adufe, Gaita, nem Viola,
Que tanja cada qual quando lhe agrada;
Logo, logo será.

PICOTE.

Ao Cravo, ao Cravo,
As Senhoras cantando nos inspirão
Versos das Musas, e de Apollo dignos.

JOFRE.

A Senhora Mafalda principie.
Já pezados nas azas os Amores
Estão co' a boca aberta para ouvilla,
E os estrondosos ventos enclaustrando
Eolo amarra o Odre, porque teme
Que tão doces angelicos accentos

Varrendo os manſos áres lhe deſmanchem.

MAFALDA.

Iſſo, com pouco mais, era hum Soneto.

DULCE.

E dos da moda.

PICOTE.

O Prologo he já grande.
Vamos, que o tempo voa.

BRAZ.

He certo, he certo;
Senhores, attenção: fallem calados:
Vá, ſente-ſe, Senhora Mafaldinha.
Mas eſpere; a Cantata de Dido ha de
Ser recitada: Seja em pé. Ouçamos.

MAFALDA.

Inda mais eſſa?

BRAZ.

Faltão baſtidores,
Cuidarei no Theatro pouco a pouco.

CAN-

Digitized by Google

CANTATA.

MAFALDA.

JÁ no rôxo Oriente branqueando
As prenhes vélas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos Ventos ſe eſcondião.
A miſerrima Dido
Pelos Paços reaes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, ſó deſertas praças
A recente Carthago lhe apreſenta:
Com medonho fragor na praia núa
Fremem de noite as ſolitarias ondas:
E nas douradas grimpas
Das cúpulas ſoberbas
Pião nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo ſepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichêo com débeis vozes,
Suſpirando chamar: Eliſa, Eliſa.
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas vio eſmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra eſcuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho

Digitized by Google

Em pélagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pállido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com trémulo pé entra sem tino
No ditoso aposeuto,
Onde do infido amante
Ouvio enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostrárão
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobrião
O lustroso pavèz, a Teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A Lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito:
E em burbutões de espuma murmurando
O quente sangue dá ferida falta:
De rôxas espadanas rociadas
Trémem da sala as Doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se;
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Ceo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouvirão.

Do-

Digitized by Google

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os fados,
Em quanto Deos
O consentião.
Da triste Dido
A alma acceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice.
Assás viveo;
D'alta Carthago
O muro ergueo:
Agora núa,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte,
A negra veia
Surcando vai.

BRAZ.

Bravo, bravo!

DULCE.

Que viva!

Digitized by Google

JACOB.

Bravo!

BRANCA.

Viva!

URRACA.

Excellente Cantata!

PICOTE.

Bella, nobre!

JACOB.

A Muſica he ſublime!

JOFRE.

A Poeſia
Não he menos ſuave, e na verdade
Póde calçar o Tragico Cathurno.

MAFALDA.

He do Senhor Bilhoſtre.

BRANCA.

Viva, viva!

DULCE.

He do Senhor Bilhoſtre?

JA-

Digitized by Google

JACOB.

Sim, Senhora.

DULCE.

Fella para a Senhora?

JACOB.

Não, Senhora.

MAFALDA.

Não, minha Dulce.

DULCE.

Basta, já percebo.

BRAZ.

Seguem-se versos, cantem os Poetas
Com plectro de marfim em Lyras de ouro.

JOFRE.

Lá vai.

BRAZ.

Tu o primeiro?

URRAÇA.

Tu Poeta?

Digitized by Google

SONETO.

JOFRE.

NÃo menti, não, ſe diſſe q'os Amores
Eſtavão no ar ſuſpenſos, eſperando
Que tua voz divina modulando
Aplacaſſe dos Ventos os furores:
Ergue, Mafalda, os olhos vencedores,
Vêllos-hás para aqui andar voando,
E os retroçidos arcos affrouxando
Largar das tenras mãos os paſſadores.
Não vês o fulvo Téjo c'o Tridente
Os cavallos azues eſtar detendo
As levantadas ondas reprimindo?
Se iſto ſente Mafalda, quem não ſente,
Que não ſentirei eu, ouvindo, e vendo
Tua angelica voz, teu roſto lindo?

MAFALDA.

Bello, ſublime!

JACOB.

Viva!

BRAZ.

Bravo, bravo!

PICOTE.

Que viva, Senhor Jofre!

JOFRE.

Baſta, baſta.

URRACA.

Tu Poeta, meu Jofre? Coitadinho!

PICOTE.

E que máo he, Senhora, ſer Poeta?

URRACA.

De frenezi tão louco imaginava
Que ſó pobres, villões, adoecião;
E teus grandes Avôs, q' erão illuſtres,
Sabião de cavallos, não de livros.

BILHOSTRE.

Serião excellentes Alveitares.

DULCE.

Poetas, nunca achei nos Nobiliarios.
Antes Mouro, ou Judeo.

BRANCA.

Dulce, eſtás douda?

JACOB.

Que ha de ſer, ſe eu compuz o recitado.

BRAZ.

BRAZ.

Victor sério, Senhores; versos, versos.

DULCE.

Queras que todos só de versos gostem,
He perverter as leis da Natureza.

JACOB.

He perverter as leis da Natureza.

SONETO.

SE tuas longas azas despregando
De negras louras plumas estofadas
Atrás das leves horas apressadas
O bom dia q' espero vem voando:
Como te estás, ó Tempo, demorando
Nestas só de desgosto prolongadas:
Já que vierão tão aceleradas,
Co' a mesma pressa deixas ir passando.
Mas eu cuido que a scena lastimosa
De meus males te deixa suspendido,
Ou perdes só comigo a ligeireza.
Ah! foge de Tragedia tão pasmosa,
Que mostrar-te huma vez enternecido
He perverter as leis da Natureza.

DUL-

Digitized by Google

DULCE.

Viva!

PICOTE.

Bonito!

BRAZ.

Dee-me c'os pés n'alma!

URRACA.

Nem o Soneto os tem, nem tu Amores.

BRAZ.

O Soneto tem pés, amor eu tenho.

URRACA.

Insolente, traidor, tu imaginas
Que ter hum velho amor, não he tontice?

PICOTE.

Que ter hum velho amor, não he tontice.

SO-

SONETO.

ESTavão as tres Graças penteando
O cabello ſubtil de Amor hum dia,
Qual c' o marfim Aſſyrio lhos abria,
Outras andão mil gemmas preparando.
! Amor, como rapaz, de quando em quando
Co' a dourada cabeça lhe fogia;
Porém vê q' Eufroſina ſe ſorria,
Porque Aglauro lhe eſtá as cans tirando.
O menino paſmado vê no eſpelho
Por entre os anneis de ouro reluzente
Branquejar a ſaraiva da velhice:
Suſpira, e diz: Oh! Saiba a cega gente,
Que Amor naſcendo moço ſe faz velho,
Que ter hum velho amor, não he tontice.

URRACA.

Senhor Picote, viva muitos annos.

BRAZ.

Bravo, Picote, viva, bom Soneto!

BRANCA.

Viva, Senhor Picote! Ha de eſcrevello.

PICOTE.

Tal não farei, por certo.

BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

Eu tambem quero
Moſtrar o meu talento : venha mote.

URRACA.

Que fazes, Braz, que fazes?

BRAZ.

Verſos, verſos;
Porque tambem levei palmatoadas,
Aprendi, eſtudei ; e no meu tempo
Soube mui bem Syntaxe.

SCENA XVII.

Muconio, e os ditos.

MUCONIO.

Boas noites.
Criado, meus Senhores, e Senhoras.

JOFRE.

Senhor Doutor Muconio.

MUCONIO.

Senhor Jofre.
Mas que vejo, Senhores! Fujão, fujão.
Foge, Mafalda, fujão, fujão todos.

BRAZ.

BRAZ.

De que havemos fugir?

DULCE.

Ai que eu desmaio.

BRANCA.

Que he?

URRACA.

Que será?

MUCONIO.

Fujamos.

JACOB.

De quem?

MUCONIO.

Fujão,
Fujão, fujão, Senhores! Estão cegos?
Não tem visto, não tem inda observado
No Senhor Jofre os tetricos symptomas
Da endemica, epidemica estrangeira
Pestifera lethal enfermidade,
Que grassando em Lisboa, insulta, ataca
A pobre, debil mocidade estulta?

BRAZ.

He peste, meu Doutor?

MU-

MUCONIO.

Sim, Senhor, peſte;
E peſte a mais cruel que tenho viſto.

URRACA.

Deos nos livre, Doutor!

JACOB.

Eſtá zombando,
Senhor Muconio?

PICOTE.

Branca, ſerá ópio?

MUCONIO.

Não zombo, não, Senhores, fallo ſério.
He hum forte contagio de chicotes,
De tranças, e de arrochos no cachaço,
De que andão enfeitados os Caſquilhos.

JACOB.

Eu não diſſe, Senhores, que era brinco?

MUCONIO.

He bom brinco, Bilhoſtre, he mal, he peſte,
He a Plica Polonica doenças,
Que aſſim como no Norte, e em varios climas
Os Polacos, e Sármates transforma
Em medonhos eſpectros, e fantaſmas,
Transforma cá no noſſo continente

Os

Os mancebos gentís em bonifrates.

BRAZ.

Que nova, que recondita sciencia!
Já tinha reparado na grossura
Deste immenso chicote de meu filho;
Mas cuidei que era moda.

MUCONIO.

Boa moda!

JOFRE.

He boa logração, Doutor Muconio.

MUCONIO.

Que he boa logração? Fujão, fujamos.

BRAZ.

Espere, meu Doutor, diga primeiro
Em que para este mal, em que consiste?

MUCONIO.

Consiste na disforme, na medonha,
Espantosa grossura dos cabellos,
Que scirrhosos, talvez lignificados,
Se grudão, e se empastão hum com outro:
Esta massa fatal, ou codea espessa,
A criança excreção embaraçando,
Os humores estagna excrementicios
Se inflammão, se coagulão nas minutas
Seriferarias glandulas reprezos..

JOFRE.

Que ſe ſegue dahi?

MUCONIO.

O que ſe ſegüe?
Mais alta, que a columna de Trajano,
Huma agulha, ou pyramide diſforme
De eſquallidos cabellos, ſobre a teſta
Dos enfermos eſtupidos erguida,
Lhe carrega a molleira com tal pezo,
Que convulſos os olhos retorcidos,
Ou abertos em horridos eſpaſmos,
Se trabalhão, ſe cançáo, ſe enfraquecem,
Donde veio o contagio das lunettas,
Que tantos Polyphemos de hum ſó olho
Encreſpando o nariz, mettem a cara.

BRAZ.

Forte doença!

BRANCA.

Triſte enfermidade!

JOFRE.

Chimeras, petas, lograções, mentiras.

BRAZ.

Calte, inſolente. Diga, meu Muconio.

Digitized by Google

MUCONIO.

A disforme paſmoſa intumeſcencia
Atacando eſtas glandulas que diſſe,
E que por locação são conglobadas,
As conglomera tanto, e tanto as une,
Que a eſtranha mole, turgida grandeza
Nos inchados peſcoços apparece,
A pezar de dez varas de gravata,
Que amortalha os focinhos eſpantados.

URRACA.

Coutado do meu Jofre.

BRAZ.

Eu bem dizia,
Vendo que não baſtava meia peça
De Cambraia, de Caſſa, ou Muſelina
Para duas gravatas. Meu Muconio,
Falla, dize-nos tudo quanto ſabes.

MUCONIO.

Quanto ſei, meus Senhores, são incriveis
Deſte tremendo mal, deſte contagio
Os enormes, e magicos portentos,
Peiores que os Theſſalicos preſtigios,
Com que Circe tornou os Companheiros
Do ſabio Grego em Javaliz cerdoſos.
Alevedado o tumido fermento,
Que as glandulas, em fim, apinhoadas
Em tamanhas eſcrofulas acabão,

Que

Digitized by Google

Que em seus doutos escritos nos attestão
Banivenio, e Boneto que cortárão
Alporcas de sessenta, e trinta libras.

PICOTE.

Opio, carapetão.

BRAZ.

Bravo, Muconio!

MUCONIO.

Lejão, Senhores, leião, não se rião,
Oução: *In momento temporis* do enfermo
Incha o pescoço; os tabidos bracinhos
Se myrrão, e se encolhem, e parecem
De boneco de massa: mal campeão
As entanguidas pernas marasmadas,
E dos luidos pés cascos vidrentos
O tarso, e metatarso edematoso
Só consente nas unhas as fivellas.
Finalmente, Senhor, degenerando
A massa dos humores pelas pravas
Estranhas qualidades, que lhe adquire
A errada nutrição em todo o corpo;
Os horrendos estragos se propagão
Da triste, da fatal metamorfose,
Que os enfermos, e miseros Casquilhos
Em Peraltas ridiculos transforma.

BRAZ.

Tem razão, tem razão, agora atino

Digitized by Google

Na cauſa, e na moleſtia, e já me lembro
De varios Maniquins empanturrados,
Que paſſeião as ruas de Lisboa
Pállidos, paralyticos, convulſos,
Quaſi ſempre c'os beiços ruminando,
Que trazem já çafados de lambellos.

JOFRE.

Tal não creia, Senhor, he zombaria.

BRAZ.

Calte, tollo, aſneirão. Senhor Muconio,
Quero são o rapaz, ahi lho entrego;
E ſe manda que faça quarentena,
No telhado o porei, não nos empeſte
Com ſeus malignos, e mortaes vapores.

MUCONIO.

O mal ainda parece incipiente,
Remedio lhe daremos; mas primeiro
Intento deſeccar eſte cabello:
He valente tortulho, enorme trança!

URRACA.

Meu Jofre, tem conſtancia, tem paciencia.

JOFRE.

Senhora, que he mentira.

MUCONIO.

Qual mentira.

BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

Chiton, tollo, chiton.

JACOB.

E cai no logro!

PICOTE.

Forte pateta; come bem as petas!

BRAZ.

Floreſtão, Floreſtão.

FLORESTÃO.

Senhor.

BRAZ.

De preſſa,
Deſmancha eſſe rabicho, eſſa ſerpente.

JOFRE.

Hei de ficar, Senhor, eſgadelhado?

BRAZ.

Sim, Senhor, ſim, Senhor. Senhor Muconio,
Faça quanto quizer, talhe, retalhe,
Purgue, ſangre, toſquie, deſenrole....

MUCONIO.

Olhem lá, meus Senhores, ſe me engano!
Lignificada a putrida materia

Já

Já vem apparecendo. Vejão, vejão
Que taſſalho de páo: he caſo horrendo!

BRAZ.

Pois que vai, minha Urraca, que me dizes,
Em que ſe torna o ſangue de Azevias?

URRACA.

Que poſſo reſponder, eſtou paſmada!

JACOB.

He forte ſurra!

PICOTE.

Logração completa.

MUCONIO.

Que tal he o caroço do lobinho?
Coutado do rapaz.

BRAZ.

Deite iſſo fóra.

MUCONIO.

Nada, nada, Senhor, deve guardar-ſe,
Eſtes são os cabellos com que ſára
De tão damnado cão a mordedura.
Agora vamos receitar, eſcute:
Eſte villoſo, eſqualido chumaço
Scirrhoſo lapárão, turgido, edema
De tumentes cabellos empaſtados,

Creſ-

Digitized by Google

Creſtado, ſecco, eſtitico, myrrhado,
Pela má rotação do ſangue podre,
E total diſcrazia dos humores
Acidos, corroſivos, virulentos
Adquire a ſecca, e tabida dureza,
Que do ſecco Cação a rija pelle,
Para eſtendello, para amaciallo
Deve ungir-ſe com balſamo Azinino,
E para o ver elaſtico, e flexivel
Duas vezes ao dia, nove dias,
Ha de batello, e muito bem ſovallo
Com eſte meſmo arrocho, taco, ou tôco.
He remedio excellente, he approvado,
Que deſcubri nos priſcos cartapacios
De Filon, Serapião, dos Apollonios.

JACOB.

Não eſtá máo o récipe, Muconio!

JOFRE.

Baſta, baſta de judear comigo.

BRAZ.

Cállas-te, ou queres, Jofre, que te cure?
Approvo eſſe remedio; mas, Muconio,
Onde acharei o balſamo Azinino?

MUCONIO.

A providente Madre Natureza
Não cria ſem antidoto o veneno:
No meſmiſſimo corpo dos enfermos

Bem

Bem atrás das orelhas depoſita
Eſte forte elixir em tenues vaſos,
Ou delgados folliculos, que cheios
Do ſuco burrical, ſendo eſpremidos
Talha, embota as particulas do ſangue,
E o deixa circular ſem embaraço.

BRAZ.

Mas diga-me, Doutor, como ſe eſpreme?

MUCONIO.

Puchar-lhe muito bem pelas orelhas.

PICOTE.

He bom o tal remedio?

BRAZ.

Quer que o faça?

JACOB.

Peior, peior.

URRACA.

Coutado do meu Jofre.

MUCONIO.

Não, Senhor, inda não, e depois diſto
He preciſo cortar-lhe aquella trunfa,
Para a fauce meſſoria ficar livre,
E a coronaria região ſem pezo,
Deſembaraçada: os liquidos rotantes

Doi-

Deixará premiar pelos seus vasos:
Banhos, emborcações, e cataplasmas,
Além de outros remedios, facilmente
A força vencerão destas medonhas
Tão enroscadas Aspides da Lybia;
E se com todos se pratica o mesmo,
A florente Lisboa vereis limpa
De caraças, ou frentes de Meduſa;
Praga, ou nuvem de estultos gafanhotos,
De Tarecos rabões, melhor diria:
De rabudos Bachas, de enormes caudas.

BRAZ.

Estou, Doutor, attonito; e já vejo
Quanto sabe, quem sabe a Medicina.

MUCONIO.

Agora ouçamos duas arias novas.

SCENA XVIII.

LOURENÇA, FLORESTÃO, e os ditos.

LOURENÇA.

SEnhor, Senhor.

FLORESTÃO.

Senhor.

BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

Temos mais peste?

FLORESTÃO.

Peior, Senhor, peior!

BRAZ.

Dize, que he isso?

LOURENÇA.

Peior, Senhor, peior!

BRAZ.

He fogo em casa?

FLORESTÃO.

Peior, peior, Senhor!

LOURENÇA.

Minha Senhora.

DULCE.

Morreo o Papagaio? Dize, dize?

FLORESTÃO.

Peior, muito peior! Batem á porta.

BRAZ.

Vai ver quem he.

FLO-

Digitized by Google

FLORESTÃO.

Peior!

BRAZ.

Vai ver, Lourença.

LOURENÇA.

Peior, muito peior!

FLORESTÃO.

Peior que tudo!

BRAZ.

Falla; dize, quem he?

FLORESTÃO.

Peior! Alcaides, Eſcriváes, e Diabos Quadrilheiros.

URRACA.

Ai, mofina de mim!

BRANCA.

Tremo.

DULCE.

Deſmaio.

BILHOSTRE.

Ronda talvez ſerá.

BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

A ronda, a ronda?

FLORESTÃO.

He o poder do Mundo com eſpadas,
Com chuxos, alanternas, até cuido
Que trazem o Carraſco, e mais a forca.

BILHOSTRE.

Que ſerá?

PICOTE.

Que ha de ſer?

BILHOSTRE.

Comigo nada.

PICOTE.

Menos comigo.

BRAZ.

Se ſerá comigo?
Abre-lhe, Floreſtão, abre-lhe a porta.

SCE-

Digitized by Google

SCENA XIX.

Meirinho, Escrivão, e os ditos.

MEIRINHO.

Eu, Senhor Braz Carril, venho mandado.

ESCRIVÃO.

Somos mandados, manda-nos quem póde.

BRAZ.

Pois são (e tanto Fariseo) mui mal mandados.

MEIRINHO.

A parte requereo: somos mandados.

ESCRIVÃO.

He parte rija.

MEIRINHO.

Não se dobra a nada.

BRAZ.

Mas, que querem de mim, Senhor Meirinho?

MEIRINHO.

Este Mandado.

BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

Irra! Mais mandado,
Vem mandado o Meirinho, e vem mandado
O Escrivão, os Esbirros vem mandados,
E sobre isto ainda vem mais hum mandado!

URRACA.

A casa d'hum Fidalgo Quadrilheiros?

MEIRINHO.

Somos mandados.

ESCRIVÃO.

Seja, ou não Fidalgo:
Quem deve, paga; porém eu, Senhora,
Ao Senhor Braz Carril, bem o conheço,
E que fosse Fidalgo não sabia:
Nomeallo por tal agora o ouço.

URRACA.

A gente baixa não conhece a nobre.

ESCRIVÃO.

E nobre! Póde ser.

URRACA.

Meia rigella.

ESCRIVÃO.

Isso he louça quebradiça.

UR-

Digitized by Google

URRACA.

He prata fina.

MEIRINHO.

Vamos, vamos, Senhor, eſte mandado,
Senhor Carril.

BRAZ.

E que mandado he eſſe?

ESCRIVÃO.

Novecentos mil reis, que o Senhor deve
A Martinho Raimon.

MEIRINHO.

He Eſtrangeiro.

BRAZ.

He hum ladrão ladino: bem conheço
O Capataz de quantos Berlinguetes
Nos vem aqui vender Gatos por Lebres,
Nabos em ſaccos; caſcaveis, pandeiros,
Gaitinhas, berimbaos, quinquilharias;
Que promptos a fiar, tentão a gente,
E depois de empolgar rapaces unhas,
Fervem as citações, fervem penhoras.

MEIRINHO.

Iſſo não he do caſo, eſta ſentença....

BRAZ.

Digitized by Google

BRAZ.

E como hei de pagar essa quantia?
Venhão cá outro dia, hoje não posso.

ESCRIVÃO.

Então, Senhor Carril, dê-nos licença.

BRAZ.

Licença, para que?

ESCRIVÃO.

Para fazermos
Penhora no que acharmos.

MEIRINHO.

Ou ir prezo.

URRACA.

Ir prezo meu Marido?

ESCRIVÃO.

Não se assuste:
Talvez, Senhora, q' haja nesta casa
O valor da sentença, e mais das custas;
A nossa diligencia, isso cá fica.

MUCONIO.

O Cravo he meu, custou-me o meu dinheiro.

Digitized by Google

BILHOSTRE.

São meus os Caſtiçaes, Senhor Carrança.

PICOTE.

As Chicaras são minhas; e proteſto,
Senhor André Garrote, que são minhas. *Para o Eſcrivão.*

MEIRINHO.

Nós, Senhores, fazemos a penhora,
Depois requererão.

MUCONIO.

Eſſa eſtá boa!

BILHOSTRE.

He forte chaſco!

PICOTE.

A Deos, Chicaras, Bulle.

FUSTOTE.

Como te vai, Amigo, co' a partida?
He divertida, em fim, he uſo, he moda.

BRAZ.

Té o lavar dos ceſtos he vendima.
Meu querido Jacob, Picote Amigo,
Doutor Muconio, amigo, caro amigo:
Generoſo Fuſtote, alma d'hum Principe,

Digitized by Google

Acudi-me, livrai-me, bons amigos:
E que acção mais illuſtre, mais honrada,
Que acudir hum amigo a outro amigo?
A amizade fiel, e verdadeira
He dadiva do Ceo, e do Ceo digna,
E dos humanos o maior theſouro;
He fonte donde mana a honra, a fama,
Que os miſeros mortaes transforma em Deoſes:
Brilhando eſtão no Ceo Caſtor, e Pollux;
E no ſagrado Templo da Memoria
Nizo, Eurialo, Pylades, Oreſte.
Haverá coração, haverá peito
Tanto de aſpero, e rigido diamante,
Que não eſtale, ao menos ſe enterneça,
Vendo do caro amigo miſeravel
A Conſorte fiel deſamparada,
Os innocentes filhos ſem abrigo,
E nas meſquinhas mãos da Fome horrenda,
Da triſte Deſnudez, e da Vergonha
Expoſtos a deſprezos, e ludibrios?
Sois meus amigos? Que fazeis, amigos?

FLORESTÃO.

Es tu Tullio, meu Braz? Eu não ſou neſcio:
Não me quero perder, não tenho em caſa
Partidas, Aſſembléas: bem me baſta
O que perdi comrigo, e tu gaſtaſte
Em golodices, ſecias, pataratas:
Quem muito não tiver, que gaſte pouco:
Deixe-ſe de Partidas, d' Aſſembléas,

Bri-

Brilhar não queira á cuſta dos amigos.

DULCE.

Que inhumano!

URRACA.

Que baixo, vil!

BRANCA.

Infame!

DULCE.

Jacob, caro Jacob! Da triſte Dulce
Os ſuſpiros, e lagrimas ardentes,
A fé immaculada, amor ſincéro,
Se alguma couſa podem merecer-te,
Não me deixes Jacob; e ſe por minhas,
Eſtas ſentidas vozes, não te movem,
Mova-te o grande, e triſte deſamparo
De huma caſta Donzella, bem naſcida.

JACOB.

Dulce, minha Senhora, minha gloria,
Não te aſſuſtes, não chores, não te affliias,
Quanto ſou, quanto valho, quanto poſſo
Tudo ao teu deſcanço ſacrifico.

BRANCA.

Acaſo eſperas, dize, que te peça?

PICOTE.

Não, Branca, não, Senhora; eſpero....

BRANCA.

Eſperas?

PICOTE.

Que me deixem fallar. Senhor Carrança,
Vou buſcar o dinheiro.

MUCONIO.

Eſpera, eſpera:
Amigo Braz Carril, não ſou de pedra,
Nem ſou Tigre, homem ſou, os homens amo,
De ter humano coração me prézo.
Deſcança, pagaremos o que deves:
Darás Dulce, a Jacob, Branca, a Picote,
Jofre caſe co' a minha Mafaldinha,
E todos tres o eſcote pagaremos.

BRAZ.

Que dizes, Dona Urraca?

URRACA.

Paciencia;
Perdoem meus Ayôs; mas a deſgraça....

BRAZ.

Caſem, caſem; Muconio, eſtais contente?

BI-

BILHOSTRE.

Minha Dulce, meu Bem!

DULCE.

Caro Bilhoſtre!

PICOTE.

Branca, minha eſperança, que ventura!

BRANCA.

Que ventura, Gáſpar, meu doce emprego!

LOURENÇA.

E nós, meu Floreſtão, não nos caſamos?

FLORESTÃO.

E porque não, Lourença, ſendo gratis?

MUCONIO.

Senhor André Garrote, em minha caſa
O eſpero daqui a meia hora:
Para pagar mandado, e diligencia,
Tenho não ſó dinheiro, mas bigodes.

BRAZ.

Que generoſo exemplo de amizade,
De nobres corações, de honrados peitos!
Mas neſte raro exemplo ſe não fie
Quem ſe empega no mar de deſperdicios.

Guar-

Digitized by Google

Guarde-ſe da ſubita procella
D' Alcaides, e Crédores, que Santelmos
Nem em todos os topes appareeem;
E Bilhoſtres, Muconios, e Picotes
São difficeis de achar. Batei as palmas.

DIS-

Digitized by Google

DISSERTAÇÃO PRIMEIRA SOBRE O CARACTER DA TRAGEDIA,

PROPONDO

SER INALTERAVEL REGRA DELLA,

NÃO SE DEVER

ENSANGUENTAR O THEATRO,

E no desempenho de cujo Drama devem reinar o terror, e a compaixão: para que assim com esta representação se purguem os Expectadores destas, e outras semelhantes paixões.

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

No dia 26. de Agosto de 1757.

Digitized by Google

Nec pueros coram populo Medea trucidet.

Hor. Poet. v. 185.

Digitized by Google

NOBILISSIMOS, SAPIENTISSIMOS, E AMANTISSIMOS SENHORES.

SE assim como a vossa compaixão prosegue no designio de instruir-me, póde desculpar os meus erros a vossa indulgencia; perderei o medo de fallar diante de vós, sem me ensaiar no estudo das mais solidas Doutrinas. Mas quem me ha de persuadir, que exercendo funções do meu destino, e levado da honra de obedecer-vos, não desperdice aquelle tempo, que podia aproveitar em ouvir as vossas lições? Que systema, ou que questão posso eu discutir na vossa presença, sem que vos enfastie ouvir o que já sabeis; ou talvez o que refutais? De que Arte, ou de que sciencia poderei combinar huma regra de que vós, melhor do que eu, não conheçais profundamente toda a lua ex-

extensão? Assim he, Senhores; porém vós quando me chamastes para membro desta Sociedade, concebestes outra idéa mais illustre. Quizestes ser uteis á Patria: e hum projecto tão generoso não se póde praticar sem com effeito ensinardes os vossos Compatriotas. Affortunado fui eu, se fui hum dos que primeiro vos devco esta piedade: e seria ingrato se olhando para vós, como para Mestres, tivesse pejo de mostrar a minhà insufficiencia: e capacitado pois desta verdade, e não podendo resistir a tão formosa reflexão, discorrerei em hum Ponto, que entre todos os da Poetica foi sempre para mim o mais difficultoso.

Seguindo a Demetrio Phalereo, ou a Neoptolomeu de Paros, e certamente a Aristoteles, estabeleceo Horacio a inalteravel regra de que na Tragedia se não devia ensanguentar o Theatro; isto he, que as feridas, os tormentos, e as mortes, que são inseparaveis do caracter deste Poema, se não devião expôr á vista dos Expectadores; mas sim fiallas de huma facunda narração, ainda que o mesmo Horacio (1) parece que forneceo as Armas aos fautores da opinião contraria, lembrando-lhes que com menos efficacia persuade o que se conta, do que aquillo de que os olhos se informão por si mesmos.

Quem

(1) Orat. Poet. vers. 180.

Quem observar com circumspecção as Tragedias antigas, achará, que esta regra foi quasi sempre religiosamente guardada. Ainda entre os modernos ha poucos documentos que possão contestalla. Os Francezes a recebêrão, a adoptárão, e a defendem com a prática, e com a doutrina. Nós temos a gloria de que a nossa (1) *Castro* seja hum exemplo de que não ignoramos, e de que a seguimos. Os Inglezes, Nação em que mais se descobre (2) os genios dos Republicanos antigos, e que no Orbe Literario fazem huma grande figura; os Inglezes, digo eu, são os que menos respeitárão esta lei, infringindo-a reiteradas vezes, de que he triste testemunha o seu *Catão*, e de que talvez os fez gostar aquelle odio, com que sacrificão á sua pertendida liberdade huma Testa Coroada.

He verdade que á primeira vista parece estranho que hum Poema, que nasceo nos braços da Alegria, e da Festividade, exiga da sua natureza huma peripecia sanguinolenta; e ainda mais extraordinario, que sendo do seu caracter as mortes, as feridas, e os tormentos, hajão de frustrar aos olhos estas imagens funestas, e horrorosas; parecendo que huma vez que ellas não sejão o principal objecto da

(1) Doutor Antonio Ferreira.

(2) *Reges & exactos Tyrannos densum humeris bibit aure vulgus.*

Digitized by Google

da Scena Tragica, perderá grande parte da sua força, e da sua efficacia este Poema.

Antes de desatar esta dúvida, he preciso descobrirmos a razão por que sejão os catastrofes funestos essenciaes da Tragedia, lembrando-nos, de que este Drama, segundo a sua natureza, he, como disse hum grande homem, (1) o Throno das paixões, em que conforme Aristoteles, devem reinar o Terror, e a Compaixão, para que assim nos purgue destas, e outras semelhantes. Ora se os Expectadores sahirem alegres com huma peripecia affortunada, perderão sem dúvida toda a ternura, e semente de constancia (digamo-lo assim) que o Poeta lhe tiver inspirado, pondo-lhe em movimento o terror, e a compaixão. Deste principio nasce a justiça com que são criticados aquelles máos Poetas, que ordinariamente acabão as suas Tragedias com huma catastrofe ditosa, atropelando não só a regra, mas a razão, em que ella se funda.

Ainda que seja esta a natureza da Tragedia, não he ella tão austeramente rigorosa, que haja de expôr aos olhos de todos o que a humanidade não poderia soffrer sem indignação, e que a policia pede que se occulte, ainda que se conte; com tanto que ella seja efficazmente o fim a que se dirige; isto he,

(1) Le Bussu Poem. Epiq. T. 2. pag. 194.

Digitized by Google

he, a mover o terror, e a compaixão. Para o Poeta chegar a este fim não he preciso que Medéa diante do Povo despedace os filhos; que Atreo prepare a nefanda cea; que Prógne se converta em ave, ou Cadmo em serpente, tudo o que assim se dispõe no Theatro fica incrivel, desgosta os ouvintes, e não persuade: basta que eloquente narração o exponha aos nossos ouvidos com eloquencia, que chegue ao coração: as figuras, as imagens, (n' uma palavra) a verdadeira Poesia, hum estilo pathetico, sem que os olhos se perturbem com os espectaculos horrorosos.

Persuadidos assim de que para mover o terror, e a compaixão, não he preciso derramar o sangue no Theatro, fica menos difficultoso o conhecimento, e a contemplação desta doutrina, pois consegue assim a Tragedia o purgar-nos de semelhantes paixões pelo meio o mais suave, e o mais decoroso. Assim se mistura o util com o deleitoso; assim foge o Poeta de fazer inverosimil a sua acção, ou de dever mais a habilidade dos Actores á disposição das scenas, e tramoias, do que á boa economia da Fabula, e energica força dos seus versos.

Falta-nos examinar se com tudo persuade mais o que se vê, do que aquillo, que se ouve, como lembra Horacio. E se a narração basta para mover as paixões, quanto exige a na-

Digitized by Google

natureza da Tragedia. He esta huma dúvida, que certamente me abria o campo para huma larga Dissertação, se a angustia do tempo, e o respeito da Arcadia não acudissem á pobreza do meu discurso.

Não saberei negar de que mais individualmente ficarei capacitado, do que eu testemunhar com os meus olhos, do que aquillo, que simplesmente ouvir; mas esta vantajem, que seria precisa para eu dispôr de qualquer succesſo em hum Tribunal, não he necessario que assim seja no Theatro; ainda que bem conheço que a differença, que ha entre a Poesia Dramatica, e exageratica, consiste em que aquella obra, e esta conta. No Theatro não só escuto o que se diz; mas vejo o que se faz. Na Epopeia não vejo o que se faz, ouço o que se diz.

Devemos não perder de vista o fim da Tragedia, para mover a terror, e a compaixão. Se por exemplo me propõe o Poeta a desgraça de Oedipo, consiste a força desta persuasão em mostrar-me hum homem, que inviolavelmente commette hum parricidio, matando a seu Pai Laio; hum incestuoso adulterio, casando cóm sua Mái Jocasta. Usurpa hum Reino, irrita a Divina justiça; e depois cóm teimosa curiosidade procura indagar a origem de tantos males, até que chegando a conhecer-se réo dos mais abominaveis delictos, homicida de seu Pai, incestuoso com

sua

Digitized by Google

ſua Mái; Pai, e Irmão de ſeus filhos, deſeſperado, com as ſuas proprias mãos tira a ſi meſmo os olhos.

Abre-me a Scena, moſtrando-me a mocidade de Thebas diante do altar profetico de Iſmeno: o Summo Sacerdote ſacrificando; na Cidade não ſe ouvem ſenão prantos, e ſuſpiros: huma violenta peſte devora aquelles miſeraveis. Conſulta-ſe o Oraculo, vem a reſpoſta, deſcobrem-ſe alguns indicios, exige o Ceo, que o delicto original ſe expie com a morte do Delinquente. E em quanto ſe examina quem he o deſgraçado, quantas vezes me aſſuſto, receando não ſeja aquelle meſmo homem que eu vi, como Pai da Patria, chorar com os innocentes, jurar-lhe, que não deixará de ſolicitar o remedio daquella calamidade, ainda que ſeja á cuſta da ſua vida; hum homem, que diſſolveo o enigma da Eſfinge: finalmente hum Rei clemente. Chega o reconhecimento, vejo que eſte meſmo Oedipo he o culpado: quanto me compadeço! Affirmo-vos, Senhores, que nunca li eſta Tragedia de Sophocles, que não choraſſe, quando vejo o miſeravel Rei com os innocentes filhinhos, ora fazendo imprecações, ora chorando ſobre elles lagrimas de ſangue, e neſte triſte deſamparo deixar a Mulher, a caſa, e o Reino: ao meſmo tempo ouço a noticia de que Jocaſta ſe matou. Ha mais terror! Ha mais compaixão! Eis-aqui como a Tra-

Tragedia consegue o seu fim, sem me fazer inverosimil a sua fabula.

Pelo contrario, se eu visse este mesmo Oedipo meter os dedos pelos olhos até arrancallos, ou duvidaria do mesmo que estava vendo, ou a difficuldade, com que o Actor executasse este passo, me provocaria a riso. Por isso Horacio manda, que se passe por detrás da Scena, o que não deve apparecer no Theatro. Aristoteles diz, (1) que isto he que se chama golpes de Mestre; porque he preciso que a fabula seja composta de modo, que quem não faz mais do que ouvir as cousas que succedem, ainda que as veja, trema com tudo, quando lhas contarem, e sinta o mesmo terror, e a mesma compaixão, que se não póde deixar de sentir, quando se ouve a Tragedia de Oedipo.

Ficando pelo que toca á razão relativa desta regra, em que provado assim o que me atrevi a propôr-vos, devo examinar se a authoridade de Aristoteles, em que se fundou Horacio, padece no texto alguma dúvida, ou se tem sido contestada. He certo que muitos, e grandes homens tem interpretado mal as palavras do Filosofo, tirando dellas a errada consequencia de que o Theatro se deve ensanguentar, para bem se mover a terror, e a compaixão. O maior Tragico de França Mon-

(1) Arist. Poet. cap. 14.

Digitized by Google

Monſieur Corneille no exame do ſeu Horacio diz: Se he huma regra não enſanguentar o Theatro, não he certamente do tempo de Ariſtoteles, que nos enſina que para mover efficazmente são preciſos grandes deſgoſtos, feridas, e mortes em eſpectaculo. Varios traductores deſta inextimavel Obra, quero dizer, da Poetica de Ariſtoteles, traduzem o texto no meſmo ſentido (1) *mortes in aperto factam*; porém outros, a quem abona o ſabio Dacier, *mortes evidentes, e certas*; pertendendo que debaixo deſta expreſsão geral comprehenda Ariſtoteles as duas eſpecies de mortes que ſuccedem na Tragedia, as quaes ſe não vem, e as que ſe vem; porque huma Perſonagem póde vir acabar de morrer no Theatro, com tanto que nelle não tenha ſido ferido.

Vejamos, Senhores, ſe repetindo-vos o texto, conforme a traducção de Dacier, ſe comprehende melhor eſta verdade, ou ſe a traducção Franceza quadra melhor com o ſeu contexto. (2) Além deſtas duas partes da Fabula, que pertencem á materia, ha tambem huma terceira, que eu chamo Paixão: já ſe tem explicado o reconhecimento, e a peripecia. Chama paixão huma acção, que deſtroe alguma Perſonagem, ou que cauſa violentas dores, como são as mortes evi-

(1) Alexandre Paccio Florentin.
(2) Dacier Traducção de Ariſt. cap. 11. not. 14.

Digitized by Google

dentes, e certas; os tormentos, as feridas, e todas as outras couſas ſemelhantes. (1)

A palavra *Paixão*, de que ſe ſerve aqui Ariſtoteles, não ſignifica huma paixão, que ſe move na alma por eſte, ou aquelle reſpeito; mas ſim no ſentido, em que ella ſignifica padecimento, como quando dizemos (ſe he que ſe póde explicar huma couſa profana com os Myſterios da noſſa Religião) a *Paixão de Chriſto*. Neſta ſignificação ſe entende eſte termo: e para que eſta paixão ſe ache em huma Tragedia, não he preciſo que as feridas, as mortes, e os tormentos ſe exponhão no Theatro; baſta que o auditorio fique certo que eſta, ou aquella Perſonagem vai padecer infallivelmente aquella morte, aquelle tormento, e que depois com energia, e com facundia outra Perſonagem lhe conte eſte laſtimoſo caſo, ajudando-o a compadecer-ſe com as reflexões, lamentações, e, ſe preciſo he, com as lagrimas, como diz Horacio: *Que ſe o Poeta quizer que chore o Expectador, ha de elle chorar primeiro.* Aqui me lembra advertir, que eſta paixão he tanto do caracter da Tragedia, que póde haver Fabula ſimples, iſto ſem peripecia, ou reconhecimento, como he o *Ajax* de Sophocles, e a *Hecuba* de Euripedes: mas não póde haver nenhuma ſem paixão, pois ſem ella, como já vimos, he impoſ-

(1) Ariſt. Poet. cap. 11.

Digitized by Google

poſſivel mover a terror, e a compaixão, que he o fim da Tragedia.

Daqui ſe infere inconteſtavelmente, que o Filoſofo eſtabelece eſta regra. Não he veroſimil que hum homem, que apoiou toda a ſua doutrina (1) na prática dos antigos, concebeſſe a idéa de fundar hum ſyſtema que lhe he contrario. O meſmo *Ajax* de Sophocles, com que os fautores da opinião contraria ſe tem allucinado, não ſe mata no Theatro, como elles pertendem; mas bem ſe percebe que eſta fatalidade ſe paſſa em hum boſque vizinho: aſſim ſe excutão os clamores (2) de Agamenão; aſſim ſe ouve gritar (3) Clytemneſtra, quando he ferida por Oreſtes; e os mais exemplos, que vós ſabeis, e que eu julgo ſuperfluo repetillos.

Finalmente, Senhores, não deixaria de ſer culpavel a minha affoiteza, ſe eu me atreveſſe a deſcutir mais huma materia, em que devia ſó conſultar-vos. Baſta que eu moſtre o deſejo que tenho de inſtruir-me, e que vos proteſto ſinceramente que não me dedico aos trabalhos Academicos, com outra eſperança mais, do que com a idéa que tenho concebido, de que correndo por voſſa conta

(1) Hedelin in Praxi Theatrica.
(2) Agamen. de Eſchil.
(3) Sophoc.

Digitized by Google

a direcção dos meus eſtudos, algum dia ſaberei imitar-vos; e que então poderei ſem pejo fallar na voſſa preſença, e concorrer para a utilidade pública, para o credito do Reino, e para gloria da Arcadia.

DIS-

Digitized by Google

DISSERTAÇÃO
SEGUNDA
SOBRE
O MESMO CARACTER
DA
TRAGEDIA,
E UTILIDADES RESULTANTES
da ſua perfeita compoſição,
RECITADA
NA CONFERENCIA
DA ARCADIA
LUSITANA
No dia 30. *de Setembro de* 1757.

Digitized by Google

Et quocumque volentes, animam auditores agunto.

Horat. Art. Poet. v. 100.

Digitized by Google

NOBILISSIMOS, SAPIENTISSIMOS, E AMANTISSIMOS SENHORES.

COmo eſtou ſeriamente perſuadido de que vós não ſó ſoffreis, mas em certo modo approvais o meu trabalho com o projecto, certamente, de promovello, e de adiantar-me aſſim em materias de Literatura; torno a fallar na voſſa preſença; torno a moſtrar quanto neceſſito das voſſas lições; (1) torno a implorar a voſſa indulgencia. E já que no congreſſo paſſado tratei a regra, que ſerve de limite á força com que a Tragedia move nos noſſos animos o terror, e compaixão, ſem largar de mão o

(1) *Ille per extentum funem mihi poſſe videtur*
Ire poeta, meum qui pectus inaniter angit
Irritat, mulcet falſis terroribus implet,
Magnus ut & modo me Thebis, modo ponit Athenis.

Digitized by Google

o prumo, procurarei ſondar eſte maravilhoſo pélago, moſtrando quanto he neceſſario que a Tragedia mova as paixões para conſeguir o fim a que ſe dirige: qual he eſte fim, e ſe elle de ſua natureza he capaz de concorrer para a boa policia de huma Républica.

Horacio conhecendo profundamente a razão, á força, e os admiraveis effeitos deſte activo filtro da Poeſia, propõe na ſua Poetica a regra não ſó para a Tragedia, mas para todos os Poemas; advertindo-nos que não baſta que elles ſejão adornados de bellezas, mas que he preciſo tambem que o Poeta mova nos corações dos ouvintes as paixões que lhe parecer, ou que exigir a natureza da ſua compoſição. Eſte meſmo grande Critico eſcrevendo a Auguſto, lhe dizia: „ Que para elle ſó era bom Poeta o que poſſuindo „ bem a difficil Arte de mover as paixões, „ lhe commovia o coração com poeticos fingimentos; ora irritando-o, ora aplacando-o, e finalmente enchendo-lhe o peito „ de terror, e de eſpanto: bem como hum „ Magico, que o tranſportaſſe huma vez a „ Thebas, outra a Athenas. „

Para conhecermos nós quanto eſta regra não ſó he relativa á Tragedia, mas que inconteſtavelmente quadra com a ſua natureza, e he como alma de todas as ſuas forças, ſerá preciſo trazermos á memoria a definição

ção deſte Poema (1) „ A Tragedia he pois „ a imitação de huma acção grave, inteira, „ e que tem huma juſta grandeza, cujo eſ„ tilo he agradavelmente temperado; mas dif„ ferentemente em todas as ſuas partes, e que „ ſem o ſoccorro da narração pelo meio do „ terror, e da compaixão acaba de purgar „ em nós eſte genero de paixões, e todas as „ outras ſemelhantes. „ (2)

He preciſo que a Tragedia mova as paixões, e niſto ſe conforma com os mais Poemas. Deve eſpecialmente mover (3) o terror, e a compaixão a que ſe affaſta delles, e deve purgar-nos deſtas, e de outras paixões ſemelhantes: aſſim os excede; aſſim fica util; aſſim he maravilhoſa.

Quanto he preciſo para mover as paixões, he eſcuſado que o examine, pois julgo que qualquer de vós trará continuamente nas mãos as melhores Poeticas, as Rhetoricas de Ariſtoteles, de Longino, de Demetrio Faleréo, de Cicero, e de Quintiliano, além dos modernos, que excellentemente tem tratado eſta materia. Agora baſtará que vejamos qual he o melhor caminho de mover a terror, e a compaixão.

He certo que eſtas duas paixões naſcem (4) da

(1) Ariſt. Poet. cap. 6. pag. mihi 72.
(2) Boileau. Poet. Cant. 3.
(3) Le Boſſu Tract. du Poem. Epiq. chap. 9.
(4) Ariſt. Poet. 9.

Digitized by Google

da ſorpreza. E iſto he a admiração que nos cauſa hum ſucceſſo ineſperado, que quando menos o cuidamos, então nos aſſuſta, e nos arrebata. Eſta he a qualidade dē tudo quanto he ſublime, e admiravel; pois no que aſſim vemos ſucceder, achamos ſempre hum caracter maior (1) do que nas revoluções que vem, quando nós as eſperamos. Se hum homem nunca tiveſſe viſto a luz do dia, que eſpanto lhe não cauſaria ver ſahir do horizonte hum globo luminoſo, que eſtendendo os ſeus raios pela ſuperficie da terra, cubria tudo de côres, e de claridade? Mas para que a ſurpreza cauſe eſte bom effeito na Tragedia, he preciſo (2) que as couſas naſção humas das outras contra a noſſa eſperança: não baſta que os incidentes ſejão (3) puramente furtuitos; mas he preciſo que o Poeta com boa economia diſponha de tal fórma a ſua Fabula, que os Epiſodios, ou os incidentes, naſcendo huns dos outros, conduzão a peſſoa fatal do Drama ao reconhecimento; que deſte reconhecimento naſça a peripecia; que a peripecia moſtre a protogneſte em huma cataſtrofe deſditoſa, contra o que promettião as circumſtancias, e ideava a eſperança dos eſpectadores: então he infal-

(1) Ariſt. Poet. 9.
(2) Ibi.
(3) Dacier. Not. 26.

Digitized by Google

fallivel a compaixão, e tambem he natural o terror ; então me compadeço ; então me assusto ; então me transporto fóra de mim mesmo.

Aqui vemos que o maior segredo deste methodo de mover as paixões, consiste na surpreza, que nos causa hum succesſo tirado de incidentes nascidos huns dos outros, e que nos permittião o contrario. E porque esta circumstancia falta nos casos puramente furtuitos, por isso a surpreza, que procede delles, não chega a mover em nós estas paixões com a actividade que pede a natureza da Tragedia, falta-lhe a qualidade de maravilhosos. Com effeito nada tem disso hum naufragio, a cahida de huma casa, e outros desastres semelhantes: he verdade que então nos compadecemos, (1) mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquella, a que simplesmente nos obriga a humanidade. Mas nos incidentes que nascem huns dos outros, a idéa do espectador movida, e cheia do objecto, vê juntamente a causa, e fim daquelle horroroso succesſo ; e desta duplicada, outra segue infallivelmente a surpreza, e as paixões : e por isso ha tanto de maravilhoso na Sagrada Escritura, onde são tão frequentes os succesſos extraordinarios produzidos sempre de incidentes, que nascem huns

(1) Dacier. Not. 27. á Poet. de Arist. cap. 9.

Digitized by Google

huns dos outros contra a expectação dos Leitores.

Para o Poeta conseguir o effeito que se propoz pelo meio do movimento das paixões, deve ter diante dos olhos (1) duas cousas: huma he o meio de as fazer receber dos seus ouvintes, ou Leitores; e outra he fazer-lhas effectivamente sentir. Em quanto á primeira, he preciso que disponha os animos para lhes embutir as paixões; em quanto á segunda, deve não misturar paixões incompativeis (2): com effeito para transportarmos huma cousa, he preciso primeiro tiralla de donde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: assim devemos com tal progresso conduzir os incidentes da Tragedia, que pouco a pouco vão crescendo os embaraços; e quando o expectador está já como abalado, esperando algum grande successo, então he que o Poeta se deve de aproveitar desse instante para soltar os diques do terror, e da compaixão.

Por estar fóra desta regra, critica (3) o Padre Le Bossu o Ajax dos metamorphoseos, pois Ouvidio fazendo comparecer este Capitão na presença de huns Juizes, que estavão em perfeita tranquillidade, principia o re-

(1) Le Bossu Tract. du Poem. Epiq. cap. 9. pag. 261.
(2) Idem-ibi.
(3) Le Bossu já citado.

Digitized by Google

requerimento pelas figuras as mais violentas, e as mais patheticas. O que em lugar de inclinar os animos ao partido que pertendia Ajax, o dá a conhecer por hum homem colerico, desarrazoado, e que está fóra de si mesmo; caracter certamente mais proprio para ser aborrecido, do que para persuadir.

Ainda que esta doutrina seja mais propria para a Epopeia, e outros Poemas, no que toca á primeira parte; com tudo eu me lembro della, para que advertissemos, que ainda que a surpreza he a origem do maravilhoso, e que he da natureza da Tragedia; não devemos com tudo dispôr huma contextura de incidentes falsissimos, e de repente, sem que, nem para que, amontoarmos incidentes lastimosos, e funestos; (1) mas que devemos tirallos huns dos outros, com tal graduação que insensivelmente se vão dispondo os animos dos ouvintes para receber aquillo mesmo que não acceitárão, se dependesse de seu arbitrio a sorte do Protognista.

Em quanto á segunda parte, todos sabem que o amor, e o odio não podem estar juntos, e que assim mesmo seria impossivel que a reinarem em huma Dama diversas, e incompativeis paixões, além de cahirmos na Polymithia, ou perdermos a unidade da acção, seria difficultoso que huma paixão re-

pu-

(1) Boileau. Poet. Cant. 3.

pugnaſſe ao effeito da outra, e que por eſte modo ſe nos não fizeſſe impraticavel o mover os animos.

Alguns eſpiritos fracos não ſendo ſenhores de huma fertil imaginação, tem cahido em outro defeito mais ridiculo, e mais eſtranho; quero dizer, procurão mover o terror, e a compaixão pelo meio das tramoias, e decoraçoes, ou de incidentes monſtruoſos; por iſſo diz Ariſtoteles, que naſcer o terror, e a compaixão da contextura dos incidentes he o melhor, e que a iſto he que ſe chama *Golpe de Meſtre*. (1) Eſchylo cahio naquelle defeito nas ſuas Eumenides, não excitando o terror, e a compaixão mais do que com o eſpectaculo. Todos ſabem a Hiſtoria do ſeu terrivel Coro das Furias, e os nocivos effeitos que produzio no ſeu auditorio. He notavel o parallelo que faz Dacier deſte Drama com o Oedipo de Sophocles. *Quando nós* (diz elle) *lemos hoje as Eumenidas de Eſchylo, não nos ſentimos muito penetrados; porque o que havia de terrivel neſte Drama, naſcia da decoração; mas quando lemos o Oedipo, não podemos deixar de tremer, e de ſentir os meſmos movimentos de terror, e de compaixão, que ſentião aquelles, que havião repreſentar no Theatro.*

Deſprezando eſtas reflexões, e eſtas ſolidas

(1) Ariſt. Poet. cap. 14. pag. mihi 211.

Digitized by Google

das doutrinas, tinha o máo gosto adoptado o peior systema: Dragões, Magicos, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, Patibulos, Demonios, e Espectros, erão os milagres do Theatro. Ha bem pouco que huma Corte polida fazia as suas delicias de semelhantes espectaculos. E Metastasio, não obstante alguns destes defeitos, teria, se quizesse, huma Estatua no Capitolio. He para sentir, que hum homem como este, excellente Poeta, tenha innumeraveis vezes infringido as mais irrefragaveis leis da Tragedia. Outro defeito ha, que não he menos impio: com effeito, não só não move, mas he ridiculo. Deste genero são as transformações, as serpentes, e outras puerilidades semelhantes, de que deve abster-se hum bom Poeta, e de que não póde gostar hum discreto expectador.

Tambem devemos notar, que para mover a terror, e a compaixão não he conveniente, como entendêrão muitos, escolher para assumpto das Tragedias os martyrios, quero dizer, os Martyres, não devem ser Heroes de semelhantes Poemas. (1) Aristoteles diz, que a pessoa fatal da Tragedia não deve ser nem hum homem muito máo, nem muito bom; porque se virmos padecer hum grande infortunio a hum homem muito bom,

es-

(1) Arist. Poet. cap. 13.

Digitized by Google

eſte eſpectaculo mais nos moverá á indignação do que a terror, e a piedade; e ſe for hum homem muito máo, iſto he, hum ímpio, hum facinoroſo, tambem a ſua deſgraça não fará em nós eſte effeito, pois he certo que o terror, e compaixão são paixões que naſcem promptamente das deſgraças dos noſſos ſemelhantes: logo quem ſe ha de compadecer, ou atemorizar de ver em hum Patibulo hum famoſo malfeitor? Huma péſte da Républica? O amor proprio he baſe de todas as paixões, e por iſſo o martyrio do homem ſanto, e que nos he ſuperior em virtudes, cauſa-nos horror, mas nunca compaixão, ou piedade; pois o horror as affugenta neſtes caſos tão fortemente, que ou ficão ſupitas, ou deſapparecem. Corneille he de opinião contraria, talvez por ter dado ao público os ſeus Polyeutes antes de ter lido Ariſtoteles apoiado em Menturno, que na ſua Poetica decide que a Paixão de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto póde ſer materia de Tragedia.

Tudo iſto he neceſſario para que a Tragedia chegue ao deſejado fim a que ſe dirige, iſto para que conſiga o purgar em nós o terror, e a compaixão, e todas as outras ſemelhantes paixões. Platão, que lhe não attribuio tão util efficacia, a banio da ſua Républica; e muitos pertendem que eſte effeito não ſeja mais do que huma chimera, tra-

ba-

Digitized by Google

balhando por mostrar, que a Tragedia em vez de purgar-nos das paixões, as suscita, e as promove. Porém estas accusações, como são fundadas em sofisma, não podem vencer a força da razão, e da verdade.

He certo que á primeira vista parece impossivel que a Tragedia haja de purgar-nos das paixões, que ella mesma influe nos nossos corações; mas em reparando em Dacier, como se deve entender este termo de *purgar as paixões*, conheceremos a razão. Os Academicos, e os Estoicos dizem: *Lançar fóra as paixões; desarreigallas da alma; isto he superior ás forças da Tragedia; isto não faz ella.* Mas os Peripateticos persuadidos que o excesso das paixões he que as faz viciosas, e que sendo reguladas, são uteis, e ainda necessarias, entendem por *purgar as paixões*, reduzillas a huma justa moderação. Eis-aqui o fim da Tragedia; eis-aqui o que ella he capaz de fazer; e não he pouco.

A Tragedia move em nós o terror, e a compaixão, expondo-nos no theatro as desgraças dos nossos semelhantes; desgraças, que merecêrão por culpas involuntarias. Assim nos familiariza com estes infortunios; assim nos ensina não temellos, ou tolerallos com paciencia, e com constancia. O Emperador Marco Aurelio he da opinião de Aristoteles:

les: diz (1) „ Que as Tragedias forão pri-
„ meiro introduzidas para fazer lembrar aos
„ homens dos accidentes que succedem na vi-
„ da; para lhes advertir, que devem neces-
„ fariamente succeder; e para lhes ensinar
„ que as mesmas cousas, que os divertem na
„ Scena, lhe não devem parecer insuppor-
„ veis no Theatro do Mundo.

Não só a Tragedia purga, como temos visto, o terror, e a compaixão, tambem modera todas as outras paixões: obriga-nos a que examinemos a causa das desgraças que nos representa: e conhecendo nós qual foi a paixão, que por exemplo precipitou Oedipo em semelhantes desesperações, he impossivel que não cuidemos muito em nos abstermos de huma temeraria, e cega curiosidade, pois huma vez que se leia aquelle excellente Drama, facilmente se conhece, que estas duas paixões, mais do que o incesto, e do que o parricidio, forão a causa da desgraça de Oedipo. Desta sorte he que huma Fabula Tragica, com o disfarce das Alegorias, nos imprime na alma as proveitosas maximas da Ethica; assim nos fórma para a sociedade; assim nos dispõem para a virtude; assim nos ensina a obrarmos grandes acções; a ser util á Patria, e á Republica. Os Heroes de Athenas, de Thebas,

e

(1) Marc. Aur. art. 6. no liv. das Reflex.

Digitized by Google

e de Roma talvez que fejão Diſcipulos da Tragedia.

E com effeito, que frutos não colheria huma Républica, ſe nos Theatros ſe enſinaſſem as virtudes, e as grandes acções? Bem ſei que na noſſa Religião ha melhores Cadeiras, e Eſcolas da Ethica. Os Prégadores Evangelicos incontestavelmente farão ſempre melhor progreſſo: mas a depravação dos coſtumes, e dos caprichos dos homens, obſta não poucas vezes a eſte ſanto projecto. Hum homem da Corte raras vezes vai ouvir os Prégadores, ſem a prevenção de que elles hão de cenſurar-lhe o ſeu procedimento; e eſte pejo com que olhão para elles, como para ſeus inimigos, ou ao menos como para Juizes ſeveros, embaraça notavelmente a perſuasão. Aos Theatros concorre todo o Mundo com a idéa de que ſó vai divertir-ſe, e recrear-ſe. E ſe o Poeta tem a feliz Arte de obrigar a que os expectadores ſe tranſportem com o movimento das paixões, e neſte tranſporte lhe inſpira huma maxima de obra Ethica, o triunfo he infallivel. Aſſim para hum Menino enfermo beber o remedio, ſe lhe coſtuma banhar com o mel a circumferencia do cópo. Os bons Generaes uſão muitas vezes de eſtratagemas. Não quero dizer niſto, que ſe levantem Theatros, e que ſe deſamparem os Pulpitos: hajão humas, e outras Aulas. Deva-ſe a todas a boa educação da mocida-

de; a reforma dos costumes; as maximas da virtude; o aborrecimento dos vicios; o amor da Patria; e gloria da Nação.

Não he meu intento defender as Tragedias irregulares, e monstruosas, aquellas, em que só reina huma paixão criminosa; aquellas, que ensinão o adulterio, a aleivosia, e que atacão vigorosamente a castidade; que pintão os Cesares, os Brutos, os Eneas, não como homens, mas como Mancebos affeminados, e impertinentes amadores. Esta formidavel péste, que depressa se derrama não só pela Corte, mas pela Cidade; esta Tragedia ainda que tem mais fautores, he certamente a que deve subir á sentença de Platão, á censura dos Santos Padres, e á condemnação dos Concilios.

Não me atrevo a cansar mais a vossa paciencia: com argumentos tão treviaes acabareis de conhecer a debilidade do meu discurso; e permitta o nosso Numen Tutelar, que não desespereis do meu adiantamento, que eu da minha parte, para vos descubrir a sinceridade, com que me sacrifico aos trabalhos Academicos, vos confesso, que para obedecer-vos me tenho feito Plagiario, não fazendo nos meus discursos mais do que transcrever aquelles poucos Authores, que a má fortuna, que me persegue, me não póde arrancar das mãos.

DIS-

Digitized by Google

DISSERTAÇÃO
TERCEIRA
SOBRE
SER O PRINCIPAL PROVEITO
PARA FORMAR
HUM BOM POETA,
PROCURAR, E SEGUIR SÓMENTE
A IMITAÇÃO
DOS MELHORES
AUTHORES DA ANTIGUIDADE,
RECITADA
NA CONFERENCIA
DA ARCADIA
LUSITANA
No dia 7. de Novembro de 1757.

Digitized by Google

Nec verbum verbo curabis reddere fidus
Interpres . . .

Hor. Poet. v. 135.

Digitized by Google

PRECLARISSIMOS, AMANTISSIMOS, E SAPIENTISSIMOS SENHORES.

SE assim como vós, ó Arcades, desejais formar em mim hum membro digno de tão illustre Sociedade, quizesse a Fortuna dar a mão a meus desejos, ajudando-me, ao menos, com a tranquillidade, de que necessita quem escreve, poderia eu de algum modo desempenhar vossa generosa eleição, e assentar-me menos envergonhado em hum lugar, que por sorte do Escrutino tocava a hum de nossos melhores, e mais distinctos Socios. Substituir as vezes de hum homem sabio, eloquente, e erudito; as vezes de hum Elpino Nonacriense (*), não he pezo com que possão meus hombros. Para commetter tão ardua empreza, ne-

cef-

(*) *O Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva.*

Digitized by Google

ceſſitava de mais brilhantes armas. Longo eſtudo; profunda erudição; hum vaſto conhecimento dos Authores mais verſados, e de melhores tempos; huma natural elegancia, e delicada pureza de linguagem, são predicados, e talentos que não deſcubro em mim, e os que ſó me podião deſculpar a confiança, com que me ſacrifiquei a tão difficil empenho. A gloria de obedecer-vos he a unica, e feliz circumſtancia que me anima, e me promette a indulgencia, de que me fazia talvez indigno meu atrevimento. Senão ſatisfaço, ao menos obedeço.

Entre as ſolidas maximas, com que Horácio pertende formar hum bom Poeta, não he, como vós ſabeis, menos importante a imitação: não fallo da imitação da Natureza; mas da imitação dos bons Authores: daquella imitação, a qual deve a Arcadia ſua grande reputação, e não pequena parte dos honrados Elogios, com que foi recebida de noſſos mais prudentes, e doutos Patricios, e que ha de eſpalhar ſeu nome pelas Nações eſtrangeiras. Eſte foi em todos os ſeculos, e ſerá em todas as idades, o maior ſegredo de tão divina Arte. Os Gregos, e os Latinos, que dia, e noite não devemos largar das mãos eſtes ſoberbos Originaes, são a unica fonte de que manão boas Odes, boas Tragedias, e excellentes Epopeas. Eſte he o verdadeiro genio, a que o vulgo chama *Veia*

Po-

Digitized by Google

Poetica, e os doutos *Enthuſiaſmo*. Muito póde o eſpirito humano! Mas nunca terá força para ſubir tão alto, ſenão for pela eſtrada que trilhárão os Antigos Poetas, e Oradores. Entre nós, depois que acabárão os bons dias da Poeſia Portugueza, poucos forão os que penetrárão ſemelhante myſterio, de que são miſeraveis teſtemunhas as Obras dos Seiſcentiſtas. Guardava o Ceo para a Arcadia a honra, e a vaidade de erguer eſta bandeira, e levar comſigo ſeus Compatriotas. Hoje todos deſejão imitar os Antigos, todos eſtudão pelos Gregos, pelos Latinos, e pelos noſſos bons Authores; mas fugindo de Scylla, quantos várão em Carybdes? Querem ſer imitadores, e não paſsão de huns humildes Plagiarios.

Para evitar tão depravado extremo, nos recommenda Horacio o modo, com que devem ſer imitados os Antigos; e ainda que neſte lugar eſtabeleça outras regras para conſeguirmos tão deſejado fim; a mim me pareceo, olhando para o vicio mais commum, que devia eſcolher para aſſumpto as poucas, mas importantes palavras, com que tão grande Critico nos enſina a imitar, e nos moſtra o perigo, de que devemos fugir.

Muitos, querendo imitar Virgilio, fazem huma má traducção déſta, ou aquella imagem de tão grande Poeta; e eſcravos de ſuas palavras, não paſsão de traductores. Não imi-

imitão, roubão, e despedação as Obras alheias: desfigurão o que lhes agradou; como se tomassem por empreza fazer-nos aborrecer o que admiramos. Disto acha-se que enfermão tantos, quantas são as Obras, que todos os dias apparecem cheias de lugares dos Poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos. He tão forte a preoccupação, de que nascem tão lastimosas desordens, que muitos com vaidade, e com soberba apontão, e mostrão os pensamentos, ou idéas, que roubárão, ou traduzírão.

Esta epidemia, que talvez reinava no tempo de Horacio, lhe deo razão para advertir aos Poetas dos vicios de que devião fugir, quando quizessem imitar, recommendando-lhes, que não traduzissem palavra por palavra, como hum fiel Interprete: assim explicão este lugar os melhores Commentadores da sua Poetica. E não sei com que razão o Traductor Portuguez trabalha por mostrar, que Horacio nestas palavras dá regras para as traducções, julgo que a ninguem deixará de parecer obvio, e natural o sentido do texto, tão livre de anfibologia. Todos sabem que Horacio, ainda quando parece passar de humas para outras cousas, guarda o melhor methodo, e conserva o fio da sua doutrina. Dom, que não podia faltar em hum tão grande Lirico acostumado ás digressões, que parecendo-lhe alheias do

as-

assumptos, nascem delle, e o deixão mais brilhante, magestoso, e sublime.

Não falta quem compare os Poetas com os Navegantes. A agulha, que lhes mostra os rumos, he a estrella que os guia, e leva a salvamento: sem ella serião mais frequentes os naufragios, e não poucas vezes os que demandassem remotas praias, não voltarião com a feliz noticia de novos Continentes. O Poeta, que não seguir aos Antigos, perderá de todo o norte, e não poderá já mais alcançar aquella força, energia, e magestade, com que nos retratão o formoso, e angelico semblante da Natureza.

Devemos imitar, e seguir os Antigos: assim no-lo ensina Horacio, no-lo dicta a razão, e o confessa todo o Mundo Literario. Mas esta doutrina, este bom conselho, devemos abraçallo, e seguillo de modo, que mais pareça que o rejeitamos, isto he, imitando, e não traduzindo. Os Poetas devem ser imitados nas fabulas, nas imagens, nos pensamentos, no estilo; mas quem imita, deve fazer seu o que imita: se imito a fabula, devo conservar a acção, ou alma da fabula; mas devo variar de fórma os Episodios, que pareça outra nova, e minha: se imito as pinturas, não devo no meu Poema introduzir hum Polyfemo; mas do painel deste Gigante posso tirar as cores para hum Adamastor: se imito o estilo, não devo servir-me

das

Digitized by Google

das palavras dos Antigos, mas achar na linguagem Portugueza termos equivalentes, energicos, e mageſtoſos, ſem torcer as fraſes, nem adoptar barbariſmos.

Olhando para a prática dos Latinos, e bons modernos, achamos religioſamente guardados eſtes preceitos. Aſſim imita Virgilio a Homero na ſua Eneida: aſſim imita a Teocrito na ſua Bocolica. Aſſim imitou Camões a Virgilio: Antonio Ferreira a Horacio: Sophocles a Theocrito: Bion a Moſeo. Todos conhecem o Original que achou Ovidio em Euripedes para formar a ſoberba pintura do Carro de Faetonte; nos conſelhos com que o Pai encaminhou a reſolução do filho; do cuidado com que ſe aſſuſta; e da paternal miſericordia, com que prantea a deſgraça do atrevido Mancebo. Quando em idade mais adulta obſervamos mais attentamente eſtes formoſos Aſtros da Poeſia, ſenão foſſe irrefragavel a Chronologia, ſenão conſtaſſe da Hiſtoria, poderiamos duvidar de quem era o Original; aſſim como tem havido quem ponha em problema, qual das duas Nações merece a primazia?

Se fallaſſe com homens menos inſtruidos, canſar-me-hia em confrontar as Cópias com os Originaes; os Latinos com os Gregos; os Portuguezes com huns, e outros. Mas na preſença de Arcades não me atrevo a moſtrar com o cabedal meu o que tem feito tre-

Digitized by Google

trevial a inundação de Poeticas, e Rhetoricas, que já cansão o espirito mais ávido de erudição, e mais cubiçoso de sciencia.

Não pareça que levado desta doutrina, quero dizer, do muito que Horacio, e todos os bons Criticos recommendão a imitação dos Antigos, tiro por consequencia, que o Poeta não deve dar hum passo livre, e que não póde adornar seus Poemas com pinturas, de que não conheça Originaes. Bem será que não chegue a perdellos de vista; mas seguindo este rumo, póde largar as vélas á sua fantasia, e voar até descubrir novos Mundos. Feliz aquelle, que não só imita, mas excede ao seu Original. Virgilio não poucas vezes cortou esta palma, excedendo na conceção, e energía a abundancia do Poeta que imitava. Nas poucas palavras deste emestichio *Jovis omnia plena*, abrangeo as circumstancias, com que Aracto descreve a Omnipotencia: outras vezes applicando, e vestindo de mais formosas cores a imagem que imitava, como nestes versos:

Olli dura quies oculos, & ferrus urget
Somnus in æternam claudientur lumina noctem,

nos quaes accrescentou magestade á magestade de Homero. Algumas vezes servindo-se dos Oradores Gregos, dava a seus pensamentos a luz, e pompa da Poesia, como neste versos:

Aut

Aut furiis Caci mens effera, nequid inausum
Aut intentatum scelerisve dolive fuisset:

que os Criticos conhecem ser imitação de outra semelhante sentença de Demosthenes, ou de Eschines. Esta generosa liberdade concede Horacio aos Poetas; e tanto se não envergonha, que se jacta de havella tomado, quando fallando dos Imitadores servís, disse de si mesmo:

Oh imitatores tetrum pecus, ut mihi sæpe
Bilem, sæpe jocum vestri movere tumultus
Libera per vacuum posui vestigia princeps,
Non aliena meo pressi pede; qui sibi fidit
Dum regit examen.

Solto de tão pezada escravidão, imita o mesmo Horacio o Lirico Grego, sendo em muitos lugares conhecidamente superior a Pindaro. Quantas vezes a simples mudança de huma palavra affermosea hum verso, de fórma, que parece não só outro, mas fica na verdade melhor. He bem conhecido o verso de Euripedes, que se lê em Sophocles, sem mais differença que a de hum vocabulo; mas tão differente, que nada tem Sophocles que restituir a Euripedes, nem Euripedes que pedir a Sophocles.

Eis-aqui o que não penetrão a maior parte dos nossos Poetas, pois adorão com tal superstição seus antigos Originaes, que querem

rendo imitallos, não tem valor para mudar huma ſyllaba, quanto mais huma palavra. Sobem pela eſtrada, que pizárão noſſos bons Poetas; ſeguem as pizadas dos Latinos, e dos Gregos; mas tão cobardes, e medroſos, que tarde, ou nunca chegarão aonde elles ſubirão. Semelhantes ao deſgraçado caminhante, que em huma tenebroſa noite piza o caminho tão carregado de ſuſto, que finalmente tropeça, cahe, e ſe precipita.

O Poeta he ſenhor da materia de que trata: ſe a invenção he toda ſua, póde formalla como lhe parecer; ſe a pedio empreſtada a algum dos antigos Poetas, deve, quanto lhe for poſſivel, reduzilla a tão nova figura, que pareça outra, e que fique ſendo ſempre a meſma.

ORA-

Digitized by Google

Digitized by Google

ORAÇÃO
PRIMEIRA,
EM QUE INTIMA, E PERSUADE
AOS
ARCADES
SE INTERESSEM EM CUMPRIR
AS LEIS DA ARCADIA;
QUE ERÃO EMPENHAREM-SE COM TODO
o esforço na reſtauração da Eloquencia, e antiga Poeſia Portugueza,
RECITADA
NA CONFERENCIA
DA ARCADIA
LUSITANA
No dia 8. de Maio de 1758.

Digitized by Google

Digitized by Google

NOBILISSIMOS,

E

SAPIENTISSIMOS

ARCADES.

SE a opulencia da materia póde fertilizar a idéa do Orador, se lhe póde dar força, energía, e elegancia para mover, para arrebatar, e para persuadir, certo estou eu, ó Arcades, de que hoje poderei com minha Oração dominar vossos animos, ganhar vossa attenção, e benevolencia.

Sois Arcades, sois Portuguezes. Falla comvosco hum compatriota, e não pertende mais, do que obrigar-vos a cumprir o que dispõem as leis da Arcadia; o que exige a vossa honra, e o que se deve á gloria da Nação, do Estado, e do Principe.

Já vejo que todos estais suspensos, e que talvez não falta quem diga: que ho-

Digitized by Google

mem he eſte, que ſempre excogita para aſſumpto das ſuas Orações objectos fantaſticos? Que nos accuſa de crimes, que nós não commettemos, e que devendo aprender comnoſco a Orar, tem degenerado em declamador? Mas tambem eu, ó Arcades, vos pergunto: e ſe eſte Declamador vos narrar factos inconteſtaveis, ſe produzir documentos authenticos, ſe tratar de huma materia per ſi meſma grande, magnifica, e capaz de levantar a reputação da Arcadia, chamar-meheis Orador? Confeſſareis, que tenho aprendido comvoſco? Que vos imito? E que mereço ſer admittido a fallar em voſſa preſença? Pois, Arcades, hoje não quero ſenão moſtrar-vos, que o pacifico, e proſpero Reinado do noſſo Clementiſſimo Soberano eſtá clamando, que cumpramos o que promettemos; quero dizer, que ſéria, e inalteravelmente nos appliquemos com todas as noſſas forças ao honrado trabalho de reſtaurarmos a Eloquencia, e Poeſia Portugueza.

Sem a fundação de huma Arcadia ſería impraticavel o magnifico projecto de reſtaurar eſtas duas Divinas Artes: Artes, em que ſe apoia a duração da Sociedade; de que depende a memoria dos homens illuſtres; e não poucas vezes, a conſervação da Républica; iſto reconhecêrão os Medicis, as Criſtinas, os Pedros Grandes; Luiz XIV. e D. João o V. Que importa que entre huma

Digitized by Google

ma congregação de homens, ou barbaros, ou ignorantes, haja hum Homero, ou hum Demosthenes? Isto fará que religiosamente se guarde a pureza da linguagem, a energía da dicção, ou verosimilidade de pensamentos? Persuado-me que este homem será obrigado a calar-se, a esconder as suas Obras, e a suspirar no seu gabinete, em quanto o resto da Nação prostitue o credito de todos, divulgando escritos de que os Estrangeiros ou zombem, ou se compadeção.

Corre o tempo; ateia-se a epidemía; desprezão-se os bons Authores; não vale o exemplo da Antiguidade; apaga-se a memoria da Arte; e finalmente se transforma o genio da Nação. Se no fim desta Epoca apparecesse huma Alma capaz de atalhar o damno, acha já com tantas forças o Inimigo, que ainda que adquira a honra de atacallo, raras vezes cólhe os louros do triunfo. São tão frequentes, e talvez tão domesticos os exemplos, que não devo respeitallos. Prouvera Deos, ó Arcades, que ainda hoje em Portugal não avultassem mais as ruinas deste geral destroço, do que as miseraveis reliquias da restituida Lisboa. Só huma Academia, huma Sociedade de homens fabios, zelosos do bem, e da honra da sua Patria, he o Alexandre que póde cortar este Nó Gordiano, he o Achilles de que pende a expugnação de Troia.

Vós

Digitized by Google

Vós meſmos, Senhores, conheceſtes a força deſta maxima; vós a adoptaſtes; e vós a tendes felizmente praticado. Mas não reparais, Senhores, que eſta empreza he trabalho de hum Rei ſabio, de hum Rei grande? Nós podiamos ſoffrer ſobre noſſos hombros pezo tão formidavel? Não, Senhores: a outro ſe deve a reſtauração da Eloquencia, e da Poeſia. Hum Soberano, que Deos creou para Pai de ſeus Vaſſallos; hum Principe, que nós amamos, e que nos ama; hum Rei tão grande, que não neceſſita de conquiſtas para fazer reſpeitado ſeu Auguſto Nome; hum genio clementiſſimo, amante da Paz, e das Sciencias: eſte foi o novo Aſtro, que influio tão glorioſa revolução no Portugal Literario. A Paz, ſantiſſima Paz, Dom Celeſtial: Tu que affugentas os vicios, que conſervas a Religião, que produzes a abundancia, que defendes a honeſtidade, que animas as Artes, e Sciencias: a Paz, a ti, ſantiſſima Paz, devemos o feliciſſimo Reinado do Amabiliſſimo Auguſto Portuguez: Tu no-lo conſervas, Tu fazes gozar da pública tranquillidade, de que neceſſitão as Sciencias, e as Artes.

Não vos pareça, ó Arcades, que hum Soberano ſó protege as Academias: mandou-lhe paſſar hum Alvará, e huma Proviſão Régia. Talvez que eſta protecção não ſeja a mais efficaz. Enche de vaidade os Membros

Digitized by Google

bros da Academia ; e honrados com titulo, adormecem, desprezão a gloria, que só adquirem com o trabalho ; esquece-se a instituição, e se se ajuntão, não se colhe de suas Assembléas mais fruto do que o apparato. A verdadeira protecção consiste na tranquillidade pública, na Paz, e na abundancia.

Agora provar-vos-hei, ó Arcades, que devemos esta venturosa situação á sabedoria do nosso Augustissimo Soberano. Mostrarei que restaurou, ou para melhor dizer, que fundou o Commercio : aquelle admiravel apoio da Monarchia, de que pendem as forças da Nação, a magnificencia do Principe, e a reputação do Estado : aquelle negocio fundado na boa fé, e na verdade ; aquelle, que honrão as Leis ; aquelle, que tem feito gloriosas, e florentes tantas Monarchias, deverei provar, que este grande Rei para sustentar o novo Commercio lhe franqueou os meios de formarem tão importantes fundos ; que concedeo Privilegios, e que lhe deo Navios.

Vós não sabeis, ó Arcades, para que se fundou hum Tribunal de Commercio. Quem ignora a severidade, com que se prohibirão os contrabandos ? E a magnificencia com que se fundárão Fabricas ? Pois a que se dirigia todo este apparato ! Que desejava o Coração deste Amabilissimo Principe ? Não era a nossa tranquillidade, a pública abundancia,

e

e á segurança do Estado? E se faltasse este apoio ás Artes, e ás Sciencias, quem poderia restabelecellas? Qual seria o Alcides, que vencesse este trabalho? Se hum Principe imprudente, ou ambicioso, desejasse as Provincias alheias; se para devastallas, ou para possuillas levantasse numerosos Exercitos, lançasse pezados tributos, fizesse innumeraveis reclutas: se nos estrugisse a Artilheria; se nos incommodassem os quarteis; se nos algemassem os Inimigos, quem estudaria? Quaes serião nossos versos? Que força teria a Eloquencia Portugueza?

Sem revolvermos muitos livros, fictando a nossa contemplação unicamente na Historia das Letras, acharemos com facilidade, que os bons seculos nascêrão nos braços da Paz; durárão, em quanto durou a tranquillidade pública; e acabárão, tanto que se arvorou o Estandarte da Guerra. Grecia, Roma, Italia, França, e Portugal ainda nos offerecem em seus Annaes inconteſtaveis exemplos desta verdade. Quem fez emmudecer a lingua de Cicero, senão quem destruio a Paz, aquella mesma Paz, que talvez se devia em grande parte á Eloquencia do Orador. Finalmente, para que me canso em amplificar o que vós sabeis, e huma materia, que para ser grande, e magestosa, não necessita nem dos adornos, nem dos auxilios da Rhetorica.

Mas,

Digitized by Google

Mas, ó Arcades, se nós conhecemos esta verdade, senão somos tão ingratos, que neguemos este beneficio, para que nos esquecemos da nossa obrigação? Que esperamos? Que nos acobarda? Que nos prende? Não deixemos, Senhores, não deixemos passar inutilmente hum tempo tão precioso: agora, agora he que devemos honrar-nos de sermos Arcades, de cumprirmos o que devemos a hum Principe tão digno de ser honrado. He, Arcades, he tempo de lhe pagarmos tanto beneficio; não como nós devemos, mas como nós podemos. Trabalhemos seriamente em adiantar os progressos de tão illustres faculdades. Façamos tão glorioso, quanto he feliz o seculo de D. José o I.

Aqui deveria eu propôr-vos o methodo de conseguirmos esta empreza, e de verificarmos tão soberbas esperanças; mas eu fallo com Arcades, fallo comvosco, que bem sabeis qual he a estrada, que devemos seguir para adiantar o progresso de tão Illustre Sociedade.

Frequentar as Assembléas he sem dúvida a primeira pedra deste sumptuoso edificio; mas frequentar sem methodo, e sem proveito, he deixar a máquina sem alicerses. Qual seja, ou qual devia ser este methodo, he materia para que não bastão as minhas forças. Depende de que todos nos ajuntemos, de que cada hum com ingenuidade pro-

po-

Digitized by Google

ponha o seu arbitrio, de que se tome a mais prudente resolução; e de que se observe constante, e religiosamente o systema, que sahir approvado.

Mas para que me canso, ó Arcades? Quem dá ouvidos á Oração do Presidente? Ou quem lhe deo authoridade para deliberar? Basta fazer hum discurso em louvor da Academia; ou para melhor dizer, basta enganalla com detestaveis lisonjas; não he este negocio tão sincero, que mereça mais ponderação, do que soffrer hum Papel em prosa, que sempre he fastidioso; e muitos são de parecer que se devem supprimir, pois não servem de mais do que de fazer compridas as lições.

Ah, Senhores, que violento furor, que ira, que indignação me não possue, quando me lembro, que estes pensamentos nascem entre homens sabios, entre nós, entre Arcades! Queremos restaurar a Eloquencia, e não podemos soffrer que se exercite! Bastará ler Cicero, Quintiliano, e Aristoteles para se formar hum Orador? Sabe os nomes dos Tropos, e das Figuras, sabe o que he Exordio, e póde orar? E Cicero tremia, porque lhe faltava o exercicio.

Perdoai, ó Arcades, esta liberdade, que he filha do zelo, com que amo a vossa reputação, e o credito da nossa Arcadia: se quizerdes refrear o meu arrevimento, vede que

Digitized by Google

que he ſincero, e juſto cumprir o que prometteſtes de ſer util á Nação, fazendo honra á Patria. A venturoſa Paz he o principal, digno objecto; pois nos conſerva noſſo clementiſſimo Rei, e por elle nos vem as felicidades de que gozamos, a tranquillidade pública, os preſentes, e futuros intereſſes para eſta Monarchia: tudo, Arcades, tudo iſto argue, e vos obriga, porque aſſim o prometteſtes; e quem não dirá não ſerdes obrigados a cumprir voſſa palavra?

Diſſe.

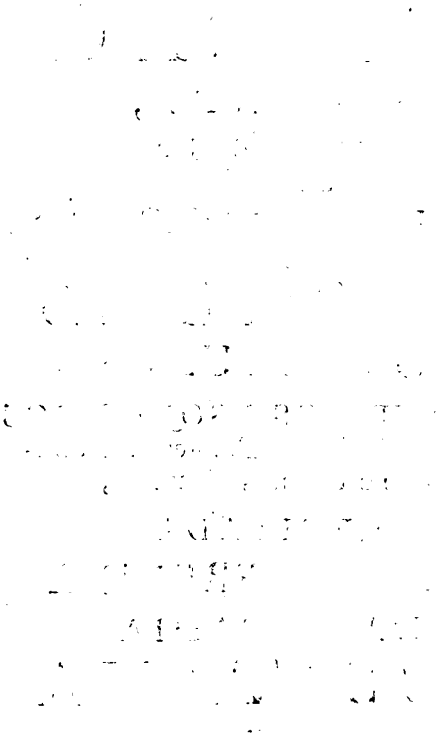
ORA-

Digitized by Google

Digitized by Google

ORAÇÃO
SEGUNDA,
EM QUE DECLAMA
CONTRA
A FALTA DA APPLICAÇÃO
DOS
ARCADES
AOS ESTUDOS,
NOTANDO-OS ESQUECIDOS
já das Leis da ſua Empreza, e obrigações dos ſeus Eſtatutos,
RECITADA
NA CONFERENCIA
DA ARCADIA
LUSITANA
No dia 30. *de Junho de* 1759.

Digitized by Google



Digitized by Google

AMANTISSIMOS,

E

SAPIENTISSIMOS

SENHORES.

SE as circumſtancias do lugar, e a diſtinção dos ouvintes podem aſſuſtar alguma vez o animo do Orador, que cobarde, que temeroſo não venho hoje fallar na voſſa preſença? Não houve preceito que me obrigaſſe: não he a abundancia, que me deſculpa: nem o eſcrutinio, nem a voſſa eleição me nomeárão Preſidente. Quem deixará de accuſar a minha affoiteza, e o meu atrevimento? Parece-me, que ainda que a modeſtia, que governa as voſſas acções, vos obriga a dares-me attenção, não ſe livrará de eſtranhar a voſſa idéa, que hum homem deſtituido de todos os talentos, e tão pouco verſado em materias de Elo-

Digitized by Google

Eloquencia, não tenha pejo de frequentar huma Cadeira, em que desmaiarião os Ciceros, e os Demosthenes. E quanto será mais pezada vossa reprehensão, se souberdes, ó Arcades, que me venho substituir?

Confesso-vos, Senhores, que esta reflexão me envergonha, e me confunde. O profundo conhecimento da Arte de Orar; a pureza, e energía da fraſe; a sublimidade dos pensamentos; a boa ordem; a vasta erudição do nosso sabio Pastor Matalezio Klasmeno, não são estes talentos humas das mais solidas Columnas, em que se apoia, e em que descança a gloria, e a honra da Arcadia? E se eu tenho que supprir a falta deste famoso Pastor; se voluntariamente tomei sobre meus hombros este formidavel pezo, como poderei conseguillo? Quem deixará de estranhallo? Ou qual de vós será tão indulgente, que se abstenha de reprehender-me? Assim he, ó Arcades. Mas se a importancia da materia póde, de algum modo, relevar a baixeza do estilo, a falta de disposição, e de vehemencia, procurando assim com minha Oração interessar-vos no adiantamento da reputação da Arcadia; se vos descubrir o caminho, que deveis trilhar para alcançardes maior Nome (se he possivel) e mais honrada fama, porque me não ouvireis? Quantas vezes não vemos nós em inexpertos praticantes governarem com felici-

da-

dade o meſmo leme, que tocaria os cachopos, na mão dos mais famoſos Pilotos? Logo que fundámos eſta noſſa Sociedade, me intereſſei tanto nos ſeus progreſſos, como ſe a cauſa foſſe ſó minha. Trabalhei comvoſco quanto o permittião minhas débeis forças. Tentámos aquelles caminhos, que noſſos Compatriotas ou deſprezavão, ou não conhecião. Fizemo-nos famoſos, conſeguimos que o Menalo ſeja nomeado com admiração, e com reſpeito: que ſe leião, que ſe buſquem, e que ſe eſtimem noſſas Obras. Aſſim he, ó Arcades; mas ſeja-me licito perguntar-vos: e eſtá aſſim ſatisfeita a noſſa obrigação? Não era o noſſo projecto reſtabelecer a boa Poeſia, e a verdadeira Eloquencia pelo meio da mais ſevera crítica? A invenção da noſſa empreza eſtá verificada? Teve já a ſua devida obſervancia entre nós? Sujeitámos á crítica noſſos Eſcritos ſem aborrecermos noſſos Cenſores? Reina entre nós aquella ſinceridade, com que reciprocamente devemos deſpir-nos de paixões particulares, e ſacrificar-mo-nos, e noſſos eſtudos á cauſa commua, á honra da Patria, e á gloria da Academia? Não ſou eu, ó Arcades, tão liſonjeiro, que me atreva a dizer-vos, que eſtá completo eſte grande Projecto; que pelejamos, e que vencemos. Não, Senhores, antes ſinceramente vos confeſſo, que não levantando nunca de ſemelhante

Digitized by Google

ponto a minha contemplação, cheguei a perſuadir-me, que hum certo eſpirito de vaidade, huma quaſi invencivel negligencia, huma certa cobardia, que nos ata, e que nos prende, nos precipita a cahirmos em reprehenſivel lethargo, e reiterados abſurdos. Parece-me que temos nas mãos a Planta de huma populoſa Cidade; que abrimos n' uma parte hum profundo alicerſe, que levantamos na outra huma ſoberba columna. Eſtá cortada a pedra para a grande obra: não faltão os obreiros; e talvez ſobejem os Architectos; mas a pezar de todo eſte magnifico apparato a Cidade não póde alojar os habitantes de huma Aldeia! E quem ſuſterá o riſo, vendo eſte ridiculo painel? Chamar-me-heis inſolente, porque vo-lo ponho diante de voſſos olhos? Aſſim o julgaria a malicia, ou a deſconfiança, ſe eu não appareceſſe na ſcena, ſenão foſſe Actor da Tragedia.

Permitti-me, Senhores, que diſcorrendo em tão importante materia, poſſa fallar livremente, poſſa dizer o que entendo. O Projecto do eſtabelecimento da Arcadia foi grande, foi mageſtoſo, foi util, e era neceſſario. Os Eſtatutos, com que ella ſe fundou erão ſólidos, apoiados na razão, e na prudencia, e concernentes ao glorioſo fim, a que ſe dirigio o noſſo trabalho, e a noſſa eſperança. Os animos eſtavão diſpoſtos, ou ao menos os ſemblantes: chegou a de-

ſe-

ſejada occaſião, mudárão-ſe os Baſtidores, deſappareceo a ſinceridade, confundio-ſe a boa ordem, enchemo-nos de hum terror pânico, não pudemos ſoffrer a crítica; apoderou-ſe de nós a ſoberba, creſceo o odio, e ſenão ſe reformaſſe a lei, já então ficaria deſpovoada a Arcadia, o Menalo ſem Paſtores, e nós em vez de amigos, e de Companheiros, jurados inimigos huns dos outros.

Que fatal exemplo da inconſtancia, e da fragilidade dos homens! Serenou-ſe a tempeſtade, ficámos contentes, e ſatisfeitos; porque ficámos com liberdade de chamarmos bom ao que era máo; livres da cuſtoſa obrigação de diſcernirmos o falſo do verdadeiro, ſenhores abſolutos do Parnaſo, com a ampliſſima faculdade de infringirmos, caſſarmos, ou derogarmos as mais preciosas Leis da Poetica, e da Rhetorica. E que fizemos? Clamavamos contra os miſeraveis Seiſcentiſtas, contra o máo goſto da Nação: choravamos pelos bemaventurados dias de Camões, de Bernardes, e de Ferreira: compravamos a todo o cuſto as ſuas Obras, como que foſſe o meſmo tellas, que imitallas. Entrámos a chamar Ode ao que era Idillio, e Idillio ao que era Satyra, Satyra ao que era Dithyrambo: n'uma palavra, corria com paſſos tão accelerados a noſſa decadencia, que já parecia inevitavel a ultima

Digitized by Google

ruina, ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio destes damnos.

Aquelles pomposos designios de domar o genio da Nação, fazendo que a crítica fosse recebida como conselho, e não como offensa, aquella magnifica idéa de banir da Poesia Portugueza o inutil adorno de palavras empolladas; conceitos estudados; frequentes antitezes; metaforas exorbitantes, e hyperboles sem modo; introduzindo em nossos versos o delicioso, e appetecido Ar da nobre simplicidade, forão os dous Pólos que primeiro perdemos de vista. Erguêrão a cabeça esses mesmos Vicios, que promettiamos, e juravamos reformar, ou reprimir, ficando tolerados ou por inercia, ou por cobardia, ao mesmo passo que o Podão pintado em o nosso Escudo ameaçava, ou fazia rir aos estranhos.

Não vos pareça, ó Arcades, que debaixo destas palavras em lugar de hum verdadeiro zelo, que me move, e que me atormenta, se encobre ou o veneno da Satyra, ou huma simulada malidicencia. Não, Senhores, sou eu o primeiro que, a pezar destas desordens, conheço, admiro, e divulgo as rarissimas bellezas Poeticas, que brilhão em nossos Escritores; os sublimes talentos, de que sois dotados: confesso sem o menor espirito de adulação, que muitas de vossas composições podem dar aos nossos con-

tem-

Digitized by Google

temporaneos huma clara idéa da boa Poesia, e da verdadeira Eloquencia; mas isto, Senhores, não basta, nós promettemos mais, não nos ajuntamos para as cousas ficarem no seu antigo estado. Serdes vós grandes Poetas, e grandes Oradores, e ser eu mediocre em qualquer destas duas faculdades, he hum fenomeno, que appareceria, ainda que não houvesse Arcadia; e talvez que menos injuriosa me seria a minha ignorancia, se livre de funções de Academia, deixasse de expôr ao público a minha incapacidade.

Desta lastimosa falta, que eu lamento, e de que talvez se queixarão, outra nasce, e he, Arcades, da reprehensivel indolencia, que reina entre nós. Entregues a huma vergonhosa indifferença, deixamos passar os dias, como se não tivessemos mais que fazer, como se nos não obrigassemos a mais louvavel trabalho, como senão houvessemos de dar conta ao público do tempo, que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades, ou se governasse pelos mesmos respeitos, que nos arrastão, e nos constrangem a commettermos estes abusos. Se eu clamar, que approvei este, ou aquelle Poema, porque era do meu Amigo, ficará desculpado o Author? Haverá homem prudente, que approve o meu froxo procedimento? Se eu não quiz fujeitar á censura os meus Escritos, porque cheio de amor pro-

Digitized by Google

prio, e de ſoberba, julguei que não havia na Arcadia quem deveſſe ter o atrevimento de cenſurar-me haverá quem ſe não ria de mim? Será baſtante Apologia divulgar que ninguem na Arcadia faz melhores os Verſos do que eu? Não acharei quem me reſponda, que dahi o que ſe ſegue, he que todos ſomos peſſimos Poetas? Certamente, que eſtes preſagios não he preciſo conhecer as Eſtrellas, para poder annunciallos.

A experiencia acaba de moſtrar-nos, que ſe o uſo da critica ſe tiveſſe conſervado em ſeu vigor, ſerião dignos de honra, e de louvor os progreſſos da Arcadia. Quem foi tão barbaro, que deixaſſe de eſtimar, que o Collegio Cenſorio eſtiveſſe patente para rever, e purificar as Obras, que queremos imprimir? Não ficamos deſenganados de que a cenſura não era o Patibulo? E que em vez de enfamia, reſultava della maior credito a quem por eſte meio dava aos ſeus eſcritos o ultimo verniz? Reprovárão-me a minha compoſição, e que injúria me fizerão? Livrárão-me de ſer eternamente a fabula do Povo; e de ter nos exemplares da collecção hum Eſpectro, que me vexaſſe, que me perſeguiſſe, e que me atormentaſſe. Advertirão-me, como Amigos; e entre os eſtranhos acharia crueis, e innumeraveis Radamantos. Cahiria ſobre mim a formidavel chuſma de eſpiritos inſolentes, e ociosos, que

que se sevão, e parece que se nutrem de criticar, ou para melhor dizer, motejar, e detrahir quanto se escreve, que não perdoão huma virgula, e que sabem de cór as regras da Grammatica, e da Orthografia: aquelles, que tem na sua mão a craveira dos juizos, e que só approvão as Obras de seus Amigos.

Estareis talvez persuadidos, de que estou satisfeito de mostrar-vos, que a crítica he o unico meio, que temos de conseguir, que cheguem á posteridade nossos Escritos, e que frequentando mais as censuras, poderemos atalhar estas desordens, e avançar a nossa reputação. Mas eu ainda olho para mais lonje; ainda vos peço maior reforma. Não basta criticar o que se faz, he preciso ensinar o que se ha de fazer. Sim, Sapientissimos Arcades, he preciso que nos appliquemos com methodo, e com frequencia a explicar as regras mais difficultosas da Poesia, e da Rhetorica, de sorte, que qualquer de nossos Socios possa conceber huma clara idéa destas faculdades, e seguir huma uniforme doutrina. Devemos empenhar-nos em que brilhe geralmente nas composições de nossos Pastores a mesma pureza da lingua, e a mesma graça de estilo, a mesma magnificencia de imagens, a mesma perfeição d' Arte; n' uma palavra, o mesmo gosto, e até, se possivel fosse, o mesmo genio. Então seria

ria util a Academia, então poderiamos jactar-nos de sermos os Fundadores de tão sumptuoso Edificio; então confessarião nossos Compatriotas, que faziamos o seculo do nosso adorado, e Clementissimo Soberano mais distinto, e mais famoso do que o de Augusto, de Pedro Grande, e de Luiz XIV.

Para conseguirmos este glorioso fim, não será preciso que cada hum de nós componha huma Poetica, ou huma Rhetorica: as mesmas Dissertações, que os Arbitros repetem nas Conferencias, e a Oração de Presidente, havendo a providencia de lhe ter distribuido a materia por pontos, ou questões, que tenhão connexão humas com as outras, poderão conduzir-nos tão longe sem que cheguemos cansados, ou que desmaiemos no caminho. O fruto, que se deve esperar deste trabalho, he certamente inextimavel, e eu vos prometto que chegueis a colhello, se approvando o meu arbitrio, nos levantarmos do vergonhoso lethargo, em que jaziamos.

Não creio que haja entre nós quem me pertenda reclamar a liberdade, com que foi fundada esta Academia: circumstancia, com que ouvi já qualificar a sua excellencia, ou talvez arrogar-lhe a primazia. Quem não vê quanto he mais util, e proveitoso tratar com methodo esta, ou aquella faculdade, do que hoje disputar sobre a Tragedia, á manhã

nhá ſobre a Hiſtoria; depois tratar das Eclogas, e logo de queſtões de Orador? Que mais poderia fazer quem tiveſſe o malvado deſignio de atormentar a memoria, e o juizo dos ouvintes? O agrado que traz comſigo a variedade, e que tem já paſſado o axioma, he a pernicioſa origem de que naſcem eſtas deſordens. E que terriveis damnos não tem ella cauſado na Républica das Letras? Com tão exquiſita doutrina ſe reſolvêrão Poetas Dramaticos a miſturar o Sôcco com o Cothurno: foi o berço da Tragicomedia, dos Acroſticos, e dos Labyrinthos, verdadeiros monſtros, a que bem podemos chamar *Sonhos de hum doente.*

E que eſtes vicios reinaſſem entre o Vulgo, que foſſem ſuſtentados por medioeres Poetas, ou para melhor dizer, eſpurios Trovadores, não me admirára; mas que huma companhia de homens doutos, que ſe levantou para reſtaurar o *bom gôſto*, haja de adoptar os meſmos dogmas, e que não trabalhe quanto póde, e como deve para conſeguir o que prometteo, he o meſmo que abrirem-ſe os montes, e ſahir hum ridiculo ratinho.

Que General ſerá tão louco, que emprenda tomar huma Praça ſem diſpôr o ſitio, formar as linhas, montar as baterias, avançar os aproxes, bater a brécha, e eſcalar as muralhas; baſtará dizer, que vai ren-

der

der Bergopzoom ? Haverá quem o creia, vendo que o Exercito á vista dos muros ameaçados, consome os dias em jogos, e banquetes ? Que reina no campo hum profundo socego, como se estivessem em segura paz ; e que apenas ha quem se lembre do projecto ?

Não adormeçamos, ó Arcades, ao som de huma aura popular, que hoje nos levanta ás estrellas, e á manhã nos ha de precipitar no abysmo, sendo a primeira, que cruelmente devore a nossa reputação. Estes applausos são nuvens, que qualquer Zefiro as dissipa. Cuidemos estabelecer a nossa memoria em mais solidas columnas, que resistindo á força do tempo, possão transmittillas á posteridade. Que proveito me resulta de que ou por ignorancia, ou por ceremonia, gavem alguma composição minha, se eu mesmo agitado de huma especie de recurso, desconfio dos applausos, e sinto as dores de que anda achacado o papel ?

Evitemos este dissabor com o remedio da critica ; e para que haja tempo, em que nem della necessitemos, tratai de formar hum systema de bom gosto pelas mais irrefragaveis regras da Poesia, e da Eloquencia. Illustrem-se os Aristoteles, os Demosthenes, os Longinos, os Horacios, os Ciceros, e os Quintillianos : seja este nosso trabalho, e nossa occupação. Ponhamos em mais socego as Musas ;

Digitized by Google

ſas ; deixemo-las reſtaurar as forças, que eſtão canſadas de tão contínuas tarefas. Appareção depois mais fortes, mais engraçadas, e mais dignas de aſſiſtirem com novo alento á ſombra dos pinheiros do Menalo.

Eis-aqui, ó Arcades, as idéas, que ha muito revolvo na memoria ; até que inſtigado do zelo, com que eſtimo a voſſa reputação, não ſube guardar em ſegredo, perſuadindo-me que era culpavel hum ſilencio de que reſultava tanto prejuizo á gloria commua deſta Sociedade. Dar-me-hei por bem pago do meu deſejo, ou por abſoluto da minha audacia, ſe for tão feliz, que chegue a ver, que vós, compadecidos da minha incapacidade, entrais no projecto de inſtruir-me, e que o público reconhecendo que cumpris o que prometteſtes, vos honre com os ſoberbos titulos de *Bons Compatriotas*, de *Verdadeiros Sabios*, de *Reſtauradores do Credito*, e *Gloria da Nação*.

ORA-

Digitized by Google

ORAÇÃO

TERCEIRA,

EM QUE SE PERSUADE

OS BEM DEVIDOS LOUVORES

DO NOSSO

SOBERANO,

SEMPRE AUGUSTO,

E

FIDELISSIMO,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

No dia 4. de Março de 1763.

Digitized by Google

Digitized by Google

CONFESSO-VOS, Illuſtriſſimos, Sapientiſſimos, e Amabiliſſimos Senhores, que eu me vejo confuſo, perplexo, e cheio de temor, todas as vezes, que tenho que diſcorrer na voſſa preſença. Conheço, que vós me puzeſtes neſte lugar não ſó para ſondardes a minha inſufficiencia, mas tambem para me promoverdes a maiores eſtudos. Sei qual he para comigo a voſſa indulgencia; que deſculpais os meus erros, e que me haveis acudir com as voſſas lições. Tudo iſto ſei, tudo vos agradeço; mas nada diſto he baſtante para vencer o meu juſto receio: nada diſto apaga a vehemente idéa, que tenho concebido da voſſa erudição, dos voſſos rariſſimos talentos. Vejo-me na preſença dos melhores Poetas, dos melhores Oradores, dos melhores Filoſofos, dos melhores Criticos: n'uma palavra, na voſſa preſença.

Que

Digitized by Google

Que posso eu dizer, que seja digno de huma Assembléa tão conspicua? Não, Senhores, recitai as vossas composições, e contentai-vos de que eu as escute, que não farei pouco se comprehender bem todas as maravilhosas bellezas de vosso elegante, energico, e magestoso estilo. Se o vosso projecto he reformar a Poesia, purificar a lingua Portugueza, restaurar a Arte de Orar; estabelecer hum systema de bom gosto, pelo meio de huma prudente crítica, com que póde contribuir para tão glorioso fim o meu fraco discurso? O meu depravado gosto? E o meu grosseiro estilo? Mas se em fim, Senhores, he indispensavel que eu cumpra as obrigações deste lugar; senão he licito subtrahir-me ao cargo de fallar hoje na vossa presença; se devo dizer alguma cousa, que seja digna da vossa attenção, resolvo-me a ministrar-vos materia para vossas composições. Corra por vossa conta o revestilla de sublimidade de pensamentos, de energia, de dicção, e de boa economia da Fabula, que erige a grandeza do assumpto.

Tendo nós a felicidade de vivermos debaixo de hum Governo o mais benigno, que tem desfrutado o Reino de Portugal, não seria, Amabilissimos Socios, feia a nossa memoria, se com ella não passasse á posteridade a noticia, de que não degenerando da filiação Portugueza, tinhamos, para mostrar-nos agra-

Digitized by Google

agradecidos, trabalhado por fazer eternas as grandes acções, as heroicas virtudes de noſſo Clementiſſimo Soberano. Que diriáo os vindouros, ſe leſſem nas noſſas Decadas, que em Lisboa ſe tinha fundado huma Academia, que erão Portuguezes os membros della; que eſtava em ditoſa Paz o Reino todo; que a Juſtiça brilhava incorrupta; que não ſe tolerava o Vicio; que ſe eſtimava a Virtude; que florecia o Commercio; que ſe conſervavão as Conquiſtas; (ou para melhor dizer) que reinava o Auguſto, o Pio, o Fideliſſimo Senhor D. Joſé I.? E que os Arcades ſe eſquecêrão de cantar eſtas Virtudes? Que dedicárão as ſuas compoſições, e os ſeus eſtudos a objectos menos dignos, e menos mageſtoſos? Que horroroſa conjectura! Que infamia para os noſſos nomes, ſe os viſſemos accuſados de tão enorme ingratidão! Eu me envergonho ſó com a primeira idéa: gella-ſe-me o ſangue, eſtremeço; parece-me que foge o tempo; que chegáo os ſeculos futuros, e que ouço deteſtar tão abominavel tradição. Perdoai-me, Senhores, eſta diſtracção; ſe aqui ha enthuſiaſmo, he a força da verdade, que me toca o coração, que me ſorprende, que me arrebata.

He bem vulgar o axioma, de que os bens não são deſejados, ſenão quando ſe perdem. Vivemos no centro da Paz: não conhecemos a noſſa felicidade. Talvez que os

Soldados ſe queixem de não haver guerra: talvez que o Piloto murmure, de que não ſaião Armadas. Chamão a iſto não ſermos conhecidos no Mundo. Lembrão-ſe das expedições, que nos ganhárão tantas Conquiſtas. Trazem ſempre na memoria o Campo de Ourique, Aljubarrota, as Linhas de Elvas; mas não computão a deſpeza de huma longa guerra; o ſangue que cuſta qualquer victoria; os incommodos de huma contribuição; a violencia das reclutas; e as feias conſequencias da licença Militar.

Póde-ſe interprender com juſtiça huma guerra: póde-ſe avançar o exercito com avantagens: tudo pende da fatalidade de hum dia: póde ſer obrigado a retirar-ſe precipitadamente. Podiamos ver a noſſa Capital cercada de Tropas Inimigas. Então tudo ſeria eſpanto, tudo confuſão: todos deteſtarião a Guerra, e chorarião pela Paz, ſe fictarmos a conſideração em huma ſcena tão funeſta: ſe virmos alijar as bombas; cahir os edificios; atear-ſe hum voraciſſimo incendio; derramarem-ſe pelas ruas as afflictas Mães com os innocentes filhos, eſpavoridos do eſtrondo da Artilheria; as Donzellas deſamparadas, cubertas de pó, e de ſangue; os canſados Velhos não podendo fugir: finalmente, os noſſos Eſquadrões atropelando os ſeus meſmos Compatriotas: os Soldados Inimigos... Baſta, Senhores; não he preciſo mais; ler

van-

vantemos os olhos para o noſſo Clementiſſimo Rei, para aquelle Aſtro de Paz, de abundancia, que nos livra de tantas calamidades. Que Odes, que verſos não merece? E ſe o ſofrêra a noſſa Religião, que Hymnos lhe não cantariamos? Que Altares lhe não ergueriamos? Não os merecia mais Auguſto; nem Horacio tinha mais razão para jurar pelo ſeu Nome.

Se quem tem hum largo conhecimento da materia, que pertende expôr nos ſeus Poemas, lhe não falta a energia, nem a elegancia: quem deſejará cantar as Reaes Virtudes de hum tão grande Rei, que não tenha fertilidade na fantazia, graça nas palavras, e força nos penſamentos? Que falta pois, Nobiliſſimos Socios, ſenão principiar? E que vos demora? Talvez com profundo reſpeito receais que no Auguſto Coração não ſejão bem recebidos os voſſos louvóres? Dizeis-me, que entre as grandes virtudes deſte bom Principe brilha a modeſtia: que he ella a que aparta do Throno a infame adulação. Aſſim he; mas a verdade, á verdade he que domina naquella grande Alma. Se nós para louvarmos o noſſo Soberano nos foſſe preciſo tecer Elogios mentiroſos, invectivas contra os vicios, ſeria juſto o noſſo receio. Mas cantar virtudes verdadeiras, acções notoriamente grandes; effeitos da clemencia, da juſtiça, da generoſidade, não póde deixar de ſer huma acção bem acei-

ta daquelle Animo justo, que não costuma deixar a Virtude sem premio.

Ha poucos tempos, que a Divina Providencia quiz que os Portuguezes soffressem os golpes de hum horroroso flagello. Chegou o grande instante: revolveo-se o pavimento da Cidade: cahirão com feio estampido as Torres, os Templos, e os Palacios. Tudo forão lagrimas, tudo espanto, tudo confusão! Que memoravel dia! Sahimos das ruinas das nossas casas, deixando alli tudo quanto he necessario para a commodidade da subsistencia da vida. Refugiámo-nos no campo, e insensivelmente se nos foi apresentando tudo quanto podia remediar-nos, e ajudar o nosso novo estabelecimento. Que impulsos de compaixão, de clemencia não movêrão o Augusto coração de hum bom Rei, quando poz os olhos na calamidade pública! Que ordens, que determinações não sahirão daquella grande Alma em soccorro dos afflitidos Portuguezes! Grande Rei! Rei sabio! Rei pacifico! Rei clemente!

Que mais heroico assumpto, Amabilissimos Socios? Certamente que não teve Horacio, nem Virgilio outro tão cheio de verdades maravilhosas, nem tão susceptivel de bellezas Poeticas!

Não he menos digna de Elogios a sabia eleição, que este Monarca faz de seus Ministros. Que excellentes Poesias se não po-

dem

dem compôr, querendo moſtrar o augmento do Commercio! A nova economia das Conquiſtas! O grande projecto do eſtabelecimento das Fabricas! A diſciplina das Tropas! As Leis, que quotidianamente ſe eſtão promulgando, dirigidas todas a refrear os vicios, que fomenta o eſpirito da ambição, ou do letigio! Ellas ſós farão novo Codigo, que ſerá o Faſto da Hiſtoria Portugueza, em que melhor ſe veja, não ſem admiração, a felicidade que tivemos os que vivemos debaixo de hum tão feliz governo, e ſabio Miniſterio.

Sim, Senhores, eu eſtou já vendo que nos voſſos corações faz huma notavel impreſsão eſte Diſcurſo, e que já eſtais reſolutos a ſacrificar todas as voſſas forças a tão honroſo trabalho. Parece-me que já eſtou ouvindo as ſingulares compoſições, com que moſtrais bem recebido o meu arbitrio.

Se a ſoberba dos Romanos edificou o Capitolio; ſe fez deſte Edificio o ſacrario da Heroicidade ſó para ſer agradecido aos valeroſos Capitães, que conſervárão por longo tempo a felicidade da Républica, e a gloria da Nação; nós que podemos levantar Eſtatuas mais duraveis aos noſſos Heroes, iſto he, que podemos fazer eternas as grandes acções, tranſmittindo-as á poſteridade nos noſſos eſcritos, com que inercia os deixaremos ſepultados em hum ingrato eſquecimento?

Digitized by Google

to ? Se de juſtiça devemos eſte obſequio, ſe he acrédor delle hum Rei o mais amavel, e mais clemente, que nos ata ? que nos demora ?

Tem tanta força a juſtiça deſta cauſa, que a mim me parece que já nos voſſos ſemblantes deſcubro algum géſto, que me reprehende. A verdade não preciſa de defenſores. Vós, melhor do que eu, conheceis, e obſervais eſte magnifico aſſumpto. Ha muito que premeditais expollo ao Mundo nos voſſos elegantes Poemas. Não foi ingratidão, não foi deſcuido, ſe tardaſtes em intentar a grande Obra. Quizeſtes delinealla com prudencia, fundando-a nas ſólidas baſes da verdade ; mas a modeſtia vos deteve os paſſos, não penſando que a Divina Providencia nunca tira dos theſouros da ſua bondade as grandes almas, que fazem felices os Póvos, que são as delicias da ſua Nação ; ſem formar eſpiritos capazes de ſerem Panegyriſtas de ſuas illuſtres acções, não deviamos conhecer hum Principe tão benemerito, ſem tão excellentes Poetas. Não houve Achilles ſem Homero, nem Auguſto ſem Virgilio.

ORA-

Digitized by Google

ORAÇÃO

. . . . . *Prima eſt haec ultio, quod ſe judice nemo nocens abſolvitur.* . . . . .

Ex Juvenal Satyr. 13.

NÃo creio, ó Arcades, que em voſſos corações ſe perverteſſe a antiga ſinceridade de coſtumes com tão violenta metamorfoſe, que para reconciliar-me comvoſco me ſeja preciſo cantar a Palinodia. Vós eſtais offendidos? Eu ultrajei-vos? Haverá entre Nós algum eſpirito tão eſcravo da vangloria, que não poſſa, nem ſe atreva a ſoffrer a verdade? Chamar-me-heis atrevido, porque ſou zeloſo da honra, e do credito da Arcadia? Porque não ſei liſonjear-vos com fantaſticas eſperanças; porque vos não attribuo, ſe poſſivel he, maior merecimento do que o voſſo? Ou finalmente porque não me atrevo a divulgar com ſoberba jactancia, que reſtaurámos a boa Poeſia, e a verdadeira Eloquencia? Que peleijámos, e que vencemos? Não, Arcades, não ſou tão ingrato, que vos julgue deſtituidos de piedade, e de benevolencia. Tenho reiteradas provas de que ſois indulgentes para comigo; e ſe em minhas Obras ha algum ſólido merecimento, a quem de-

vo

vo esta vantagem, senão a Vós, ás vossas lições, e ao vosso exemplo? Mas como não ha Juiz mais recto, do que a propria consciencia; como não ha mais intoleravel castigo, do que o remorso, eu sou o mesmo que me accuso, e me condemno.

Confesso-vos, ó Arcades, que foi indiscreto o zelo, com que me atrevi a imputarvos hum crime, que Vós não tinheis commettido; hum tão vergonhoso, como seria faltardes á vossa palavra, esquecer-vos da gloria da Nação, e desprezar os interesses da Patria. Estas erão as funestas consequencias, que traria comsigo qualquer desunião, que se levantasse entre Nós: Ou se possuidos de mais atrevidos desejos, desamparassemos o Menalo, porque o julgavamos pequeno Theatro para nossos accelerados progressos. E quando eu via que os Arcades desejavão, que se não demorassem as Sessões, que se não negasse ao Público o gosto de ler os nossos Escritos; quando via crescer o numero dos Pastores do Menalo; quando achava de cada vez maiores, e mais extraordinarias bellezas Poeticas em vossos versos; quando ouvia orar com eloquencia, com força, e com energia, como me atreveria a proferir, que a Arcadia estava exposta á menor decadencia? Por ventura devia julgar-vos tão cobardes, que se pudesse esperar de Vós, que cedesseis aos prognosticos da inveja? Ha-

via

Digitized by Google

via quem disseſſe, que não havia Arcadia; mas havia Arcadia: Havia quem disseſſe; que os Arcades emmudecêrão; mas os Arcades não emmudecêrão: Havia quem disseſſe, que os Arcades já não se ajuntavão no Menalo; mas os Arcades ajuntavão-se no Menalo: Finalmente havia quem disseſſe, que não podiamos tornar a ajuntar-nos; mas Nós quizemos ajuntar-nos, ajuntámo-nos; quizemos que houveſſe huma Seſsão, houve huma Seſsão.

Deviamos dar ouvidos a quem deſejava a noſſa ruina, porque não podia ouvir a noſſa fama; a quem queria que nos calaſſemos, porque não póde fallar como Nós fallamos; a quem deſapprova os noſſos verſos, porque não tinhão conſoantes, ou porque imitavamos Horacio, Pindaro, Teocrito, e Bion? A quem eſtranhava a noſſa dicção, porque adoptavamos a de Camões, de Bernardes, e de Ferreira; a quem deſapprovava a nobre ſimplicidade de noſſos penſamentos, porque he eſcravo de Gongora; a quem finalmente não ſoffre noſſas Orações, e Diſſertações, porque não diſcutimos nellas frivolos Problemas, ou porque guardamos auſteramente as regras da Arte de perſuadir? He certo que não. He certo que não ha entre Nós hum eſpirito tão humilde, que pudeſſe ſujeitar-ſe a tão panicos terrores. E eu temi que acabaſſe a Arcadia?

Que

Que importa, que importa que alguns animos malevolos procurassem desatar os estreitos laços de felicissima união, e de nossa inalteravel tranquillidade, attribuindo siniſtras intenções a nossas Criticas, e Apologias, se Nós as recebemos com sereno rosto, se as suscitamos, e as queremos. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que nos aponrem para as Scylas, em que naufragárão tantas Academias, se a nossa dura, e durará á sombra da glorioſa paz, em que nos conserva o nosso Clementissimo Soberano. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que digão, que sacrificamos a particulares interesses, e domesticas paixões o estudo de tão Divinas Artes, se Nós de cada vez nos engolfamos com mais ardor na lição dos Gregos, dos Latinos, e dos Portuguezes; se os imitamos, se talvez os igualamos, e se algum de Vós chega a excedellos. E eu temi que se acabasse a Arcadia? Que importa que houvesse quem choraſſe com simuladas lagrimas nossa desunião, e nosso esquecimento, se Nós continuamos as Sessões. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que haja quem se atreva com descuberta insolencia a zombar das nossas promessas, e de nossas esperanças, se vossos Escritos desempenhão com honrada gloria quanto prometteſtes; e se vosso distincto illustre merecimento vos fazem dignos da Real

Pro-

Protecção. E temi que acabaſſe a Arcadia? He preciſo, Arcades, que ſejais nimiamente indulgentes, ſe ainda ſoffreis que falle em voſſa preſença quem proferio tão eſtranho abſurdo; he preciſo que me riſqueis do Catalogo dos Arcades, e que nos Troncos deſtes Pinheiros ſe apague o nome de Coridão. Porém, Senhores, ſe Vós antes de proferir a Sentença, examinardes a juſtiça da cauſa, achareis que no exceſſivo zelo da honra da Arcadia conſiſte todo o meu delicto: Achareis hum Arcade, que eſtima a reputação da Arcadia, e que teme que ſe arruine, porque a eſtima; tal he a fragilidade de noſſos coraçoes! Quando houve Avarento, que não foſſe cobarde? Qualquer ruido lhe congella o ſangue; a leve folha de hum Alamo meneado pelo freſco Zefiro, lhe parece hum trovão; e acoſtumado a temer, facilmente ſe perſuade que ha quem lhe rouba os theſouros, que guarda com ambição, e diſvelo. Se eu me não intereſſaſſe pela voſſa gloria, e pelas vantagens da Academia, ouviria murmurar publicamente, murmuraria com elle. Acabaria a Arcadia, ficaria mais deſcançado; quebraria as pezadas algemas, que Vós me puzeſtes; e reclamaria minha antiga liberdade, iſto he, zombaria das regras de Ariſtoteles, de Ciceto, e de Quinctiliano; faria huma Tragedia com a meſma facilidade, com que Vós com-

compondes huma Strofe; inculcar-me-hia por Poeta, por Critico, e por Orador; a toda a hora leria os meus verſos aos meſmos, a quem mil vezes os tinha repetido; não cuidaria na pureza da Dicção, da harmonia do Verſo, da magnificencia da Fabula, da igualdade dos coſtumes, da conſtancia dos caracteres; finalmente faria Verſos ſem Poeſia, Orações ſem eloquencia, ou, para melhor dizer, faria quanto Vós reprovais, e reprovaria quanto Vós fazeis: Se, por exemplo, me encarregaſſe de compôr huma Comedia, ſem ler Ariſtofanes, Plauto, e Terencio, ſem examinar no que conſiſte o verdadeiro Ridiculo; poria no Theatro Jeſſon, deſembarcando em Colcos com os valeroſos Argonautas, namorado de Medea, roubar o Velocino; e depois de atraveſſar os mares nunca de antes navegados; depois de ter quebrantado todos os encantos, de vencer Dragões, e conſeguir tão precioſo triunfo, entregar a hum ſimples Lacaio hum Theſouro tão ineſtimavel, ſó para que o Bufão pudeſſe dizer hum ridiculo equivoco; não cuidaria que o Protogoniſta foſſe hum zeloſo, ou hum avarento; e iſto guardaria eu para huma Tragedia; ſería hum Rei hum Capitão; os amores ainda que foſſem attribuidos a hum Velho, ou a hum Catão, ſerião o Sal Attico das minhas Scenas; arderia Troya; apparecerião Exercitos, ainda

que

que os cavallos deitaſſem por terra os Baſtidores ; e ſe pudeſſe introduzir no Theatro o apparato de huma Trincheira, que lançaſſe Bombas , e diſparaſſe Artilheria , então ganharia huma nova Fama, a que não aſpirou Sophocles , nem Euripedes. Eis-aqui a ruina , que eu temia , quando temia que acabaſſe a Arcadia ; eis-aqui o perigo , a que me parecia que eſtava expoſta a Poeſia Portugueza.

EPI-

Digitized by Google

EPISTOLA.

SE não te enjoas de comer ſem pompa
Em toalhas do Minho, em pobre meza,
Onde não tine a rica porçolana,
Nem cança os olhos trémulo reflexo
De burnida colhér, de refulgente
Britanico ſaleiro; caro Amigo,
Sabio, illuſtre Sarmento; ou não te aſſuſta
O ſuſpeito convite de hum Poeta
Affeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde Tugurio Noto aſſouta,

E

Digitized by Google

E Africo lhe arrepia as leves telhas,
Hoje pódes cear na Fonte-ſanta:
Melhor que o de Falerno, o roxo ſumo
Por ſordidos Galegos traſegado,
Na fertil margem do ceruleo Douro
Alegres beberemos: Na cozinha
Eſtala a ſecca lenha, brilha o fogo;
O negro bicho, ou negro cozinheiro,
Enroſcado no eſpeto fica aſſando
Hum lombo corpulento: Agora deixa
As ſérias reflexões, as eſperanças
Da branca Vara, da ſoberba Toga,
Das Raſcoas vizinhas, lumes faruos,
Que obſervas com teu longo Teleſcopio:
A deſabrida noite nos convida
A que juntos paſſemos poucas horas
Em doce trato, em doce companhia:
Teremos bons Parceiros, cartas novas,
E em ruivos caſtiçaes de Pexisbeque
Arderáõ duas candidas bugias:
Já na meza fumega o precioſo
Natural Elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido,
Que o páo de cada dia, neſta Caſa:
Fóra huma cá lancemos; que não falta
Quem farte o mole ventre com garofos
Para da burra ver entre os ferrolhos
Pendentes barambazes das aranhas:
Não me namorão ſartos teſtamentos,
Opulentas heranças; a meus Filhos
Baſta ſó que lhes deixe para exemplo

A

Digitized by Google

A nobre tradição, de que deſcendem
De hum Pai, que deteſtou a vil liſonja
Sem humilhar-ſe ao cheiro do deſpacho;
Que abrio novo caminho para o Pindo;
Que leu, e que eſtudou; e que aprendia
Ao menos a zombar da má fortuna;
Que illuſtres bons Amigos o buſcavão,
Como allivio da barbara tortura
De converſar com Geras, e Tapuyas.

ODE.

Digitized by Google

ODE.

NÃo fabulosa Tea de mentido
Gentilico Hymeneo, Illustres Noivos,
Mas sagrada união d'hum Sacramento
Vos prende, e vos ajunta.

Com catholico Rito abençoada
A ditosa alliança, nos promette
Dos Mellos, dos Noronhas, e Menezes
Heroica descendencia.

As illustres acções, que a Fama espalha,
Repetidas veremos: Torna torna
A boa idade de ouro! A boa idade
Do Nome Lusitano.

Nas respeitadas Campas dos honrados
Vossos claros Maiores subir vemos
As palmas, e loureiros, que regados
C'o sangue illustre forão.

Digitized by Google

Dentre a copada rama ſe levanta
Eſtranho Simulacro! Reverbera
No lizo peito de aço o roxo Febo,
Que immenſa luz eſpalha.

Levanta o forte braço a grande eſpada;
E da folha os relampagos aſſuſtão
As ſoberbas muralhas de Bizancio,
De Tangere, e de Arzilla.

Mas que gentís Guerreiros vejo agora
Concorrer para ouvillo! Alli lhe enſina
O Tatico Syſtema: Alli lhe moſtra
As Avitas façanhas.

Serrados Eſquadrões desbaratando
Entre nuvens de fumo as torpes Luas,
Eclipſadas vacillão! No ar ondêão
As ſacroſantas Quinas.

Eſta a Prole ſerá, que a Patria eſpera
De tão ditoſo Thalamo, que as Muſas
Já deſejão cantar: Já lhe preparão
Alegres Epinicios.

ORA-

Digitized by Google

ORAÇÃO

Para ſe recitar no acto do juramento de Bandeiras do Regimento de Infanteria, ſendo Coronel delle

O Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez das Minas.

Nobiliſſimos Senhores Officiaes; Nobres, e honrados Camaradas.

SEmpre a glorioſa reputação das Armas dependeo da diſciplina Militar. Os Póvos, que mais religioſamente obſervavão as leis da guerra, fundárão Reinos, conquiſtárão Imperios, e chegárão a ſer Senhores de quaſi todo o Mundo. Aſſyrios, Gregos, e Romanos, em cujas Decadas lemos ainda hoje os mais illuſtres exemplos de valor, não commettêráo facções paſmoſas fiados na força, e numero de Falanges, e Legiões; mas ſim no eſtudo, com que á ſombra da mais profunda paz aprendião os vaſtiſſimos preceitos da Arte da guerra. Que não fizerão poucos Portuguezes em Africa, Aſia, e America! Se tallárão Campos, arrazárão Cidades, e ſubjugárão ferociſſimas Naçoes, foi ſempre a diſciplina quem pizou, e ſubmetteo a deſordenada multidão dos Barbaros. Eſta incon-

Digitized by Google

teſtavel tradição vos põe diante dos olhos a mais clara idéa das honradas obrigações de hum Soldado; e não ſerá muito que em corações Portuguezes inſpire hum ardentiſſimo deſejo de ſolemnemente ligar-vos com tão ſanto juramento; juramento, de que depende toda a fortuna da guerra.

Neſte público, e ſolemne acto, em que juramos as Bandeiras, ſe obriga o Regimento, e nos obrigamos todos a ſervir como leaes Vaſſallos ao noſſo legitimo Rei, e Senhor; a guardar ſuas Reaes Ordens; a obedecer cégamente aos Commandantes; a defender as Bandeiras; a não evitar a morte; a ſuſtentar o terreno; a ganhallo; a não deſertar; a arroſtar-nos ſem ſuſto com o mais formidavel inimigo; finalmente a derramar glorioſamente o ſangue pela defensão da Patria, pela honra, e gloria de noſſo Clementiſſimo Soberano.

Que Portuguez, ou que Vaſſallo de tão bom Rei, deixará de abraçar com goſto, e de obſervar religioſamente tão honrados preceitos? Quem haverá tão cobarde, que na referta das armas, e no ardor dos conflictos, alçando os olhos, e pondo-os nas Bandeiras de ſeu Regimento, não haja de abalançar-ſe ao mais vivo fogo, não obre prodigios de valor, e de fidelidade, ſe lembrado de tão ſanto juramento, vir que Deos, que o Rei, que a Patria, e que ſeus Maiores lhe eſtão na-

Digitized by Google

naquellas Bandeiras bradando pelo deſempenho da ſua palavra ; pela obrigação de ſeu Officio ; e pela honra de toda a Nação ?

Não fora eſtranha exaggeração dizer , que nas Bandeiras ſe repreſenta o Soberano. Quem levar em ſeu coração bem gravada tão magnífica idéa , commetterá com ſereno roſto as mais arduas emprezas. Quem haverá , que figurando hum breve inſtante em ſua imaginação ; que vê cercado de inimigos hum Rei , delicias de ſeus Vaſſallos , Pai da Patria , Pio , e Magnífico ; que obſerva recreſcer os Eſquadrões ; que ouve o tropel dos cavallos , o fragor da Artilheria ; que vê brilhar as Armas ; e finalmente , que vê travar a peleija ; não ſinta inflammar-ſe em hum generoſo , e indomito furor ; não arranque a eſpada , e não tema que algum ſe lhe adiante , e lhe roube a gloria de vencer , ou de morrer primeiro ? Quem haverá , que penetrado da mais nobre fidelidade , tema as ſibilantes rociadas de Moſquetaria , ou não rompa os mais cerrados Batalhões ? Hum Soldado Portuguez deve olhar para as Bandeiras de ſeu Regimento como para hum Painel , que a toda a hora , e a todo o inſtante lhe apreſenta aos olhos eſta pintura.

A eſte glorioſo juramento , o qual abrange todas as obrigações da vida Militar , deveo a Républica Romana o reſpeitado poder de ſuas armas ; o paſmoſo progreſſo de

ſuas

ſuas victorias; e a incrivel vaſtidão de ſeus Dominios. Poucas Legiões forão o inſtrumento de tão avantajados ſucceſſos. Tanto póde a boa diſciplina! Na guerra nunca a multidão deſordenada atropelou o pequeno numero bem diſciplinado. Que farião, ou que podião tentar os Romanos contra a eſpantoſa multidão dos Galos ſem diſciplina? Quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos? Quem os aconſelharia a deſprezar o poder, e arrogancia dos Hiſpanos? Quem os levaria a contraſtar os eſtratagemas, e a riqueza da Africa? Quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte, e prudencia dos Gregos, ſe não a boa diſciplina, alcançada pelo continuo exercicio, pelo incanſavel eſtudo da arte da guerra, e pela religioſa obſervancia do juramento?

Tão honrado era o nome de Soldado, e tão ſantas as obrigações Militares nos bemaventurados dias daquella famoſa gente, que era quaſi ſacrilegio pegar nas armas, e ſervir na guerra quem antes com ſolemne juramento não houveſſe ſido inſtallado na ordem da Milicia! De Catão ſe conta, que licenciando Pompilio huma Legião, na qual militava o Filho daquelle grande Patricio; e querendo o generoſo Mancebo ficar no Exercito, o velho, e ſizudo Pai, zeloſo dos antigos coſtumes das Leis Militares, e

da

Digitized by Google

da severidade da disciplina, foi o primeiro, que protestou pela observancia, escrevendo a Pompilio, que não consentisse seu Filho na Trópa, sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta solemnidade lhe não era licito peleijar com o inimigo. Eis-aqui o pezo, que tão grandes Homens davão ao juramento das Bandeiras. A estes religiosos costumes, e santas maximas de guerra deveo Roma a antonomasia de Cidade, e a gloria de Capital de todo o Mundo. A disciplina lhes infundio valor; e o valor de seus grandes Capitães, e de seus obedientes, e intrepidos Soldados levou as Aguias Romanas ás mais remotas Provincias do Mundo.

Os Soldados Portuguezes, ainda mais que os Romanos, estão obrigados a defender com valor, constancia, e fidelidade as Bandeiras de seu Corpo, e o Guião do Exercito. Quasi todas estas Insignias apresentão aos olhos as sagradas Quinas de Portugal; ou ao menos as cores tiradas de hum Brazão dado pelo mesmo Deos, quando para si fundou tão glorioso Imperio. Que Soldado haverá tão infame, e tão perjuro, que antes não quizesse derramar o sangue, e perder a vida, que ver na mão dos inimigos abatidas, e arrastadas tão sagradas Bandeiras? Quem escolheria antes hum captiveiro affrontoso, que huma morte honrada? Quem seria valor para tornar a ver os seus Amí-

gos,

Digitized by Google

gos, e Parentes, infamado de tão horrenda cobardia? Como se atreveria a alçar o collo trilhado do jugo, ou que pertenderia obrar com as mãos calejadas da Soga?

Nobres, e muito honrados Camaradas, em vossos semblantes estou vendo a feroz indignação, com que detestais tão abominavel, e feio procedimento; e talvez me reprehendeis de lembrar-vos o que não ignorais. Assim he; mas o zelo do serviço de Sua Magestade, o amor da Patria, me fizerão esquecer de que fallava com Portuguezes, e com Soldados disciplinados por hum Coronel, em cujas illustres acções, e generosas virtudes tendes a mais propria doutrina da honra, do zelo, e do fervor, com que deveis cumprir com as obrigaçoes de Soldado.

Continuai pois com incansavel animo no exercicio das Armas: Deste trabalho depende o bom successo das Batalhas. Deos, El-Rei, e Portugal vos entregão hoje aquellas sagradas Bandeiras limpas da menor mancha de cobardia, e infidelidade; e vede que ante tão grandes Juizes haveis de dar conta da gloria, com que vo-las entregão. Aprendei a peleijar, e a não temer o perigo; quem deseja a paz, prepara-se para a guerra. Não vos esqueçais de qual he a obrigação, a que vos liga este juramento: E se trouxerdes presente sempre na memoria, e gra-

Digitized by Google

gravado em vossos corações o solemne acto deste próspero dia, sereis verdadeiros Soldados, Vassallos de tão bom Rei, e Filhos de tão honrada Patria.

Disse.

ODE.

Digitized by Google

ODE.

OH mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoſo Inverno alegre paſſa!
Que de hum pequeno campo,
Que elle meſmo cultiva, ſe alimenta
Apaſcentando as vacas,
Que da mão paternal ſómente herdou
C'os dourados novilhos,
Em quanto ſobre a terra ſe reclina
Dormindo deſcançado
Ao ſom das freſcas aguas de hum regato,
Horroroſos cuidados
O não vem perturbar no brando ſomno.
A ſordida cobiça
Lhe não faz conceber vaſtos projectos;
Não penſa, não intenta
Atraveſſar o cabo tormentoſo,
Soffrer chuvas, e ventos,
Ouvir roncar as denigridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a Lua ir eſcondendo
O macilento roſto,
Por ir commerciar c'os pardos Indos,

E

E Chinas engenhoſos.
A ſede inſaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos deſertos ſertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah illuſtre Soeiro, doce Amigo,
O ouro de que ſerve,
Se os annos vão correndo tão velozes?
Se a morte não conſente
Que a enrugada, e pálida velhice
Com paſſos vagoroſos
Nos venha coroar de niveas cans?
O Senhor oppulento
Ao ſeu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando ſoberbos Edificios,
Arranque as oliveiras,
O chopo, que ſuſtenta as roxas uvas,
Para ornar ſeus jardins
De eſteril murta, de cheiroſas plantas.
O campo, que ondeava
Com as uteis, e pálidas eſpigas,
Cubra de freſca ſombra
Do eſpeço cedro, do frondoſo louro,
Alegre vá paſſando
No ſeio das delicias, e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as tres Filhas da noite, as impias Parcas,
Gyrando os leves fuſos,
Lhe acabão de fiar os curtos dias.
Que a morte inexoravel

Se

Se chega ao rico leito, em que descança,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão, com que lhe péga.
Já entre mil angustias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos annos.
Só tu, filha do Ceo,
Impávida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

ODE.

ODE.

Ainda que o Ceo ſereno, o dia claro
Doce prazer inſpire
Aos miſeros mortaes, aos namorados;
Pezada eſcura ſombra
O coração me cobre; feias trévas,
Onde a memoria paſma,
Mais longa a ſaudade repreſentão.
Nem ſe quer falſos ſonhos
Com doce engano aquella luz me fingem,
Por quem ſempre ſuſpiro.
Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos
Me trazes Sol, e dia;
Em teus formoſos olhos me amanhece
A mais gentil Aurora;
Em teus formoſos olhos vem os raios,
Que dourão eſtes montes;
Que a ſecca terra cobrem de mil flores,
Que no meu peito accendem
Doces deſejos, doces eſperanças,
Finiſſimos amores.
Mas já Favonio freſco brandamente,
Dos alamos as folhas

Com

Com seus sonoros sopros levantando,
A vinda me annuncia
Dos vencedores olhos, por que espero;
Dos olhos, por quem morro:
Ah! que já chega Marcia, socegai-vos,
Meus cançados desejos;
Socegai, esperanças, que já vejo
Nascer o meu bom dia.

ODE.

Digitized by Google

ODE.

DE grande nome barbaro deſejo
Se o rico Templo da triforme Deoſa
A poucas cinzas reduzindo eſpera
Impia memoria.

He menos torpe, menos deteſtavel
Tão feio crime, que imitar Horacio
Quem triſte fama não quer dar ás aguas
C'o precipicio.

Ora ſereno, como o Sol dourado,
De alegres cores todo o Mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detrás da ſerra.

Mas outras vezes rápido parece,
Aquilão Thracio, que nos Ceos batendo
As negras azas, terra, e mar envolve
Eſpeſſa chuva.

Sem-

Digitized by Google

Sempre ſublime no Parnaſo colhe
O digno louro, que lhe adorna a téſta,
Immenſo genio com ditoſos voos
Pindaro alcança.

Ou cante a freſca nova Primavera
Dos groſſos freixos ſacudindo o gello,
Serena a Lua, as graças vem dançando
Com Citherea.

Em quanto ardendo na árida officina
Ao ſibilante fuzilar da forja
Moſtrão os çujos amarellos roſtos
Os rijos Brontes.

Ou já crimine da civil diſcordia
As mãos vermelhas com Latino ſangue,
Cala-ſe o Povo, pálida triſteza
Muda os aſpectos.

Ou branco Ciſne livre já da Eſthigia,
Sinta naſcer-lhe rude pello, ſinta
Já já nos dedos, ſinta já nos hombros
Candidas pennas.

Sobre as Cidades voa, já deſcobre
Do tormentoſo Boſforo bramindo
Parthos, e Scitas, Eperborios campos,
Libicas Syrtes.

Ou

Ou já de Auguſto moſtra o valor nobre
Lavar de Craſſo a vergonhoſa infamia,
Que o veſtal fogo Roma Capitolio
Tinha eſquecido.

Eu vi inteiros noſſos Eſtandartes,
As armas limpas, Centuriões Romanos
C'o as máos atadas, Regulo dizia;
Vi em Carthago.

Oh grande Horacio, ſempre grande, e forte,
Sempre ſublime, rápido te eleva:
A noſſos olhos ſúbito ſe eſconde
Entre as Eſtrellas.

Digitized by Google

ODE.

DOrmes, Jeruſalem? Acorda, acorda,
Que chega a tua Luz: o Sol Divino
As trévas diſſipando, já ſcintilla,
Já em ti naſce.

Opaca, e negra ſombra te cubria;
A gloria do Senhor brilhantes luzes
Derrama ſobre ti, ſobre teu Povo:
Acorda, acorda.

Eſtende a viſta por teus largos campos,
Vê, vê a immenſa gente, que te cérca:
Todos o grande inſtante ſuſpiravão,
Todos o eſperão.

Olha as fortes Nações, que vem buſcando
O reſplendor, que eſpalhas: Denſo fumo
O Incenſo de Sabá ardendo exhala
Em teus Altares.

Qu-

Digitized by Google

Ouro, e Myrrha, Monarcas humilhados
Já com prodiga mão alli te offrecem;
Os olhos baixos, curvos os joelhos,
Teu Templo adorão.

Abertas tuas Portas já recebem
Dos mais remotos climas os tributos;
Já os rebanhos de cedar alvejão
Nas altas ſerras.

Tudo porém ſe cala; que profundo,
Reſpeitoſo ſilencio! Vem, já chega
O Principe da Paz, Deos admiravel
Filho do Eterno.

Huma Virgem pario: Fez-ſe Deos Homem:
Do Tronco de Jeſſé rebenta a Vara:
Lá deſce ſobre a rama abrindo as azas
Myſtica Pomba.

Já vem o Salvador annunciado
Por Divinos Oraculos; abaixão
Já no Lybano os ramos incorruptos
Os altos Cedros.

Denſa nuvem de Incenſo em Saron ſóbe:
O cume do Carmelo Ambar reſpira:
Já ferve a branca eſcuma, que rebenta
De áridas penhas.

Digitized by Google

CANTIGAS

Feitas ao Divino Eſpirito Santo, no anno, em que ſervio de Emperador hum Filho do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Joſé de Alencaſtro.

I.

ALmo Eſpirito Divino,
Deſte Imperio Protector,
Inflamma os devotos peitos,
De que foſte Creador.

II.

Tu Paraclyto te chamas;
Fonte viva, e ſempiterna;
Incendio de caridade;
E Dedo da Mão Paterna.

III.

Do Eſtellante Empyreo deſce,
Nas azas de Serafins:
Anjos, Thronos te acompanhem,
Poteſtades, Cherubins.

IV.

Digitized by Google

IV.

Já com vozes inceſſantes
Tres vezes Santo te acclamão:
E de tua immenſa Gloria
A Mageſtade proclamão.

V.

Abrão-ſe as Portas do Ceo,
Enche de luzes a terra:
Os rebeldes inimigos
Longe de nós os deſterra!

VI.

Venhão em noſſo ſoccorro
As celeſtes Legiões,
Para a tremenda batalha
Arma-nos os corações.

VII.

Mil coriſcos vomitando
Caia o Dragão furibundo,
Que accezas fauces abrindo
Deſeja tragar o Mundo.

VIII.

Derrotadas as catervas
Do caliginoſo bando,
Em noſſas roxas bandeiras
A victoria eſtá brilhando.

IX.

Digitized by Google

IX.

Sobre a dourada Coroa
Do devoto Imperador,
Vemos fuzilar os raios
De teu divino eſplendor.

X.

Em quanto de noſſos olhos
Teu lume ſanto for guia,
Confeſſaráõ os Infernos
Deſte Imperio a ſoberania.

XI.

De dourada paz gozando
Cantaremos teus louvores,
Diſſipando as denſas trévas
O ruido dos tambores.

XII.

Em triunfo campeando
Cantaremos a victoria,
Té ver de Siáo os muros
Cubertos de immenſa gloria.

XIII.

Seguindo tuas bandeiras
Em teu ſerviço aliſtados,
Fuliões, e Imperador
Somos de Chriſto ſoldados.

XIV.

Digitized by Google

XIV.

Armados do lume teu,
Rutilante escudo forte!
Esperaremos constantes
A curva foice da morte.

XV.

Se nossos votos te agradão,
Se escutas nossos clamores,
Sobre a Casa d'Alencastro
Chovão os teus resplendores.

XVI.

Entre candidas virtudes
Com illustre heroicidade,
Esmalta os brazões do sangue
Magnanima caridade.

XVII.

Qual o Pelicano terno, (*)
Que o peito de ouro rasgando,
Está c'o sangue das veias
Os filhos alimentando.

XVIII.

(*) Allude ao Pelicano de ouro, que a Familia dos Alencastros tem por tymbre de suas Armas.

Digitized by Google

XVIII.

Assim a grande alma illustre
Em celeste amor acceza,
O coração rasgará
Para acudir á pobreza.

XIX.

Nos folios da eternidade,
Que occulta tanto Mysterio,
A desejão ver croada
Os Vassallos deste Imperio.

FIM.

IN-

Digitized by Google

INDICE

DAS POESIAS, QUE SE CONTÉM neste Livro.

SONETOS.

Quem de meus verſos a lição procura, Pag. 1.
Lutando com mil ſuſtos, mil pezares, 2.
Em magnifica ſcena a fantaſia, - - - 3.
Os antigos Poetas fabulando - - - - 4.
Cantar Marilia ouvi tão docemente, - - 5.
Se eu ſoubera, Marilia, que vivia - - 6.
Cheios de eſpeça nevoa os Horizontes, - 7.
Se, Belliza gentil, pudéra crer-te - - 8.
Ao ſom da Fonte Santa, que corria - 9.
Qual a manſa Novilha, que innocente - 10.
Amor, que mil cilladas me traçava - - 11.
Comtigo, Lydia, morão os Amores, - - 12.
Eſparſindo dourados reſplendores - - - 13.
Amigo Fr. Joaquim, aſſim te eu veja, - 14.
Com ſuquete, lanada, e botafogo - - 15.
O Louro Chá no Bâle fumegando - - - 16.
Depois de atar o pobre barco Algido, - 17.
Vejo na vaſta ſcena do futuro - - - 18.
N'uma ſonora roda, que girando, - - 19.
Ao brilhante poder do ſanto fogo - - 20.
Ante meus olhos anda Amor voando, - 21.
Salve formoſo Dia, alegre Dia! - - - 22.
Não te direi que as Graças, q'os Amores, 23.
Não louves, caro Tyrſe, a rouca Lyra 24.

Fa-

Digitized by Google

Faze verſos, meu Tyrſe, a linda Clara - 25.
Quaes as portas de Jano afferrolhadas - 26.
N'uma Galé Mouriſca afferrolhado, - - 27.
Era alta a noite, a Lua prateada - - 28.
Foi-ſe embora o Delfim! Como ficamos? - 29.
Ao pellado Eliſeu a rapazia - - - - 30.
Não ſe paga de verſos a ſaudade, - - 31.
Por entre creſpas cerras de enrolado - - 32.
Quem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo, 33.
Com a mão na rabiça, e co' aguilhada - 34.
Appareceo o Padre Antonio; eſtava - - 35.
Tambem me lembra a mim, que já tiveſte - 36.
Por Ceraſtes, e Górgonas lançada, - - 37.
Inda a vermelha Aurora ſomnolenta, - 38.
Qual ſaudoſa Mãi, que da ribeira - - 39.
Q' be delle o Cabeção do Padre Antonio? - 40.
Amigo Padre Antonio, a Fonte-ſanta - 41.
Amigo, fallo ſério, ſaudoſos - - - - 42.
Na ſolitaria praia a ruiva arêa - - 43.
Pizando mil eſtrellas radiantes - - - 44.
Hontem-ſe foi daqui Nize formoſa, - 45.
Doze vezes o Sol com ſeus fulgores - - 46.
Comigo minha Mãi brincando hum dia, 47.
Doutor Henrique, o Garção doante - - 48.
Tres vezes vi, Marilia, de alva Lua - 49.
Lacaios, mulher, filhos, e criadas, - 50.
Já de trás do caſal vem reſurgindo - 51.
Inda que abrindo a boca o Mar irado, - 52.
Se como tu, amor, queres - - - - 53.
Afortunado Eneas, que ſabiſte - - - 54.
Ao ſom dos duros ferros, que arraſtava, 55.

Çu-

Digitized by Google

Çujos Brontes eſtão arregaçados - - - 56.
Eſpirito gentil dõ Eſpoſo amado, - - 57.

ODES.

NÃo Arabico incenſo, ouro luzente, 59.
Peleijei, peleijei (e não ſem gloria) - 64.
Pois torna o frio Inverno, ſacodindo - 66.
Ligado com aſperrimas algemas - - - 69.
O conſtante Varão, que juſto, e firme - 73.
Vê, Silvio, como ſacodindo o Inverno - 75.
O Varão juſto, que, Senhor, invoca - 78.
Eſpiritos rebeldes, que as infenſas - - 80.
Se na eterna Sião, onde ditoſo, - - 82.
Quando o terrivel Deos dos exercitos, 84.
Se já ouviſte, Silvio magnanimo, - - 86.
Com ſuaves caricias, brando, humilde, 90.
Soberbo Galião, que o porto largas, - 93.
Cercado eſtava Amor de mil Amores - 97.
Nas deſpidas paredes, que me abrigão - 100.
Delfim, caro Delfim! Com que ligeiro - 103.
Se em ricas urnas de ouro refulgente, - 108.
Cercado de Pedreiros, de varazes - - 112.
Quantos, caro Pinheiro, noite, e dia - 116.
Que facil he com lapis, e compaſſo - - 119.
Com que fervidos rogos imaginas, - - 124.
Apenas hoje a ſomnolenta Aurora, - - 127.
Pois ſabes, que nas margens do Mondego, 130.
Em quanto o pobre Tyrſe deſcançado - 133.
O dourar a manhã, do Sol que naſce, - 135.

DI-

Digitized by Google

DITHYRAMBOS.

Os brilhantes trançados enaſtrando - - 137.
Bacco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio; 141.

SATYRAS.

Coridon, Coridon, que negro fado, - - 143.
Não poſſo, amavel Conde, ſujeitar-me - 149.

EPISTOLAS.

Se á ſombra dos loureiros ſempre verdes, 154.
Qual ſordido Pedreiro, que doente - - 159.
Não, Luſitano Povo, eu não conſinto - 164.

ROMANCE HENDECASYLLABO.

Subi, Senhor, ao Throno Luſitano - - 167.

MOTES.

Marte, faze-te da moda, - - - - - 171.
De que me ſerve o querer-te, - - - - 173.
Tudo faz o Padre Antonio. - - - - - 175.

CAN-

Digitized by Google

CANTIGAS.

Do Campo de Rio-frio - - - - - - - 176.

ENDECHAS.

Quem amor não tem, - - - - - - - 180.
Em mil agonias - - - - - - - - - 183.
Cuidava que Briolanja - - - - - - - 184.

Theatro novo. - - - - - - - - - 185.
Assembléa, ou Partida. - - - - - - 223.

DISSERTAÇÕES.

Se assim como a vossa compaixão - - 297.
Como estou seriamente persuadido - - 311.
Se assim como vós, ó Arcades, - - - 327.

ORAÇÕES.

Se a opulencia da materia - - - - - 339.
Se as circumstancias do lugar, - - - 351.
Confesso-vos, Illustrissimos, Sapientissimos, e Amabilissimos Senhores, - - - - 367.
Não creio, ó Arcades, - - - - - 375.

EPI-

Digitized by Google

EPISTOLA.

Se não te enjoas de comer sem pompa - 382.

ODES.

Não fabulosa Tea de mentido - - - 385.
Oh mil vezes feliz, o que encerrado - 394.
Ainda que o Ceo sereno, o dia claro - 397.
De grande nome barbaro desejo - - - 399.
Dormes, Jerusalem: Acorda, acorda, - 402.

CANTIGAS.

Almo Espirito Divino, - - - - - - 404.

ORAÇÃO.

Sempre a glorioſa reputação das Armas - 387.

ER-

Digitized by Google

ERRATAS.

Pag.	Erros.	Emendas.
1.	á vergonhoſa pena . .	a vergonhoſa pena . . . .
6.	Pedregoſos	Pedragoſos . . . . .
16.	ou berre o vento . .	ou brame o vento . . . .
	divertimento	contentamento . . . . .
22.	A luz, que as tuas horas	A luz, que tuas horas . .
24.	Sereno tornas	ſereno torna . . . . .
26.	o eſfaimado nariz o coi-	o entupido uariz o embate
	ce atura	atura . . . . .
	com hum rodeiro maço	com hum rodeiro malho . .
37.	ſilvada	ſilvando . . . . .
50.	Lacaios, e mulheres,	Lacaios. mulher, ſilhos, e
	filhos, criadas . .	criadas . . . . .
51.	o Longroom	o Long Room . . . . .
70.	titubiantes	titubantes . . . . .
86.	com as Luziadas . .	com os Luziadas . . . . .
91.	reduz	reluz . . . . .
100.	c' os tremulos reflexos	c'os tremulos reflexos; .
	da prata	De prata não ſe accendem
103.	indomitos	indomitas . . . . .
104.	Moſtarda	Moſtrando . . . . .
	anciães	anciões . . . . .
	péga	pégão . . . . .
	com mão pezada aballa .	com mão pezada abola . .
105.	da Cidade	da idade . . . . .
106.	de fouce nem relogio .	de foices, e relogios . . .
112.	affaga	afaſta . . . . .
113.	ó Maclean	ó Macbean . . . . .
114.	cava porçolana . . .	côva porçolana . . . . .
124.	illuſtre Maclean . . .	illuſtre Macbean . . . . .
125.	vivo	viva . . . . .
	de Venoza	de Venuza . . . . .
127.	Zefira	Zefiro . . . . .
141.	Tempo	Templo . . . . .
143.	Urſos	Urcos . . . . .
144.	te deo	te dou . . . . .
146.	c' a importuna . . .	c' o a importuna . . . . .
149.	que diga	que o diga . . . . .
150.	te valerá	te valêra . . . . .
154.	dos antigos, errados	dos antigos errados intereſ-
	intereſſes.	ſes . . . . .
158.	tranſmigridas	tranſmigradas . . . . .
165.	o Regio throno . . .	do Regio throno . . . . .
	o acaſo defender dos	o aceſſo defender aos vicios
	vicios	
188.	na Beteſga	na Biteſga . . . . .
232.	maximas do eſtado . .	maximas de eſtado . . . .
	tão cafara	tão çafara . . . . .

Digitized by Google

ERRATAS.

Pag.	Erros.	Emendas.
219.	que a Barbas roxas .	que a Barba roxa . . . .
262.	o tragico cathurno . .	o tragico cothurno . . . .
264.	para aqui	por aqui . . . . .
268.	mil gemmas	mil gommas . . . . .
298.	e capacitado pois . .	capacitado pois . . . . .
299.	exiga	exija . . . . .
	da fua natureza . . .	de fua natureza . . . . .
300.	os cataftrofes funeftos .	as cataftrofes funeftas . . .
305.	as quaes fe não vem .	as que fe não vem . . . .
307.	fe excutão	fe executão . . . . .
310.	*Et quocumque volentes animam auditores agunto*	*Et quocumque valent animum auditoris agunto* . . . . .
313.	a que fe afafta . . .	aqui fe afafta . . . . .
315.	e deíta duplicada, outra	e deíta duplicada viíta . . .
316.	fe deve de aproveitar .	fe deve aproveitar . . . .
317.	eu me lembro della .	eu me lembrei della . . .
323.	de obra ethica . . .	de boa ethica . . . . .
324.	fubir á fentença, &c. á cenfura, &c. e á condemnação	fubir a fentença .... a cenfura .... e a condemnação .
327.	do Eícrutinio . . .	do Eícrutinio . . . . .
328.	não devemos largar das mãos eftes foberbos originaes	não devemos largar das mãos; eftes foberbos originaes . .
332.	com o cabedal meu .	como cabedal meu . . . .
342.	que me venho fubftituir	quem venho fubftituir . . .
361.	paffado o axioma . .	paffado a axioma . . . .
362.	Bergopzoom	Bergabzum . . . . .
368.	que erige a grandeza .	que exige a grandeza . . .
370.	com avantagens . . .	com ventagens . . . . .
	pela paz, ...	pela paz: . . . . .
	fcena tão funeíta: . .	fcena tão funeíta, ...

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google